



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE  
MESTRADO ACADÊMICO

REGINA BAZI PINHEIRO

**A MÚSICA E O CUIDADO DE SI NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

LAGES – SC

2018

REGINA BAZI PINHEIRO

**A MÚSICA E O CUIDADO DE SI NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa I: Políticas e Processos Formativos em Educação.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez

LAGES – SC

2018

## Ficha Catalográfica

### Ficha Catalográfica

Pinheiro, Regina Bazi.

P654m      A música e o cuidado de si na educação infantil/ Regina Bazi  
Pinheiro. – Lages, SC, 2018.

116 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense.  
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do  
Planalto Catarinense.

Orientadora: Carmen Lúcia Fornari Diez

1. Música. 2. Cuidado de si. 3. Educação infantil. I. Diez, Carmen  
Lúcia Fornari. II. Título.

CDD 372.87

(Elaborada pelo Bibliotecário Silvania de F. R. Dalla Costa - CRB-14/748).



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

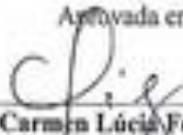
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)**  
*MESTRADO ACADÊMICO*

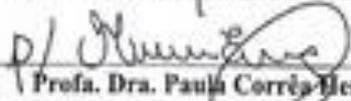
**Regina Bazi Pinheiro**

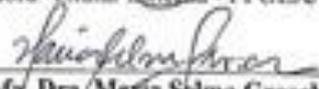
**A MÚSICA E O CUIDADO DE SI NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

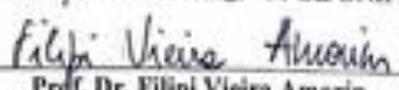
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na L - 1 Políticas e Processos formativos em Educação

Aprovada em 11 de dezembro de 2018.

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez**  
(Orientadora e Presidente da Banca Examinadora)

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Paula Corrêa Menning**  
(Examinadora Titular Externa - PPGEA/FURG)

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Marta Selma Grosch**  
(Examinadora Titular Interna - PPGE/UNIPLAC)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Filipi Vieira Amorim**  
(Examinador Titular Interno - Pós- Doc/PPGE/UNIPLAC)

\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Lúcia Ceccato de Lima**  
(Examinadora Suplente Interna - PPGE/UNIPLAC)

  
**Mareli Eliane Grasp**  
Coordenadora PPGE  
Portaria nº 004/2017

“O músico brinca com o som e o silêncio.

Eros brinca com os amantes.

Os deuses brincam com o universo.

As crianças brincam com qualquer  
coisa em que possam pôr as mãos,

Os olhos, os ouvidos e o corpo.”

Nachmanovitch

Dedico esta dissertação à todas as pessoas que amo  
e fazem parte da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me apoiaram e me incentivaram nesta caminhada de conhecimento, nesta conclusão do mestrado:

A Deus pelo dom especial da vida, por me conceder saúde e muita luz para concretizar mais um sonho, que hoje vira realidade.

Ao meu esposo Iliseu e meus filhos José Eduardo e João Vítor, pela compreensão e companheirismo nos momentos em que precisei estar ausente, dedicando-me às leituras e produções.

À prima Jane, minha amiga e maior incentivadora, importante pessoa que me deu força para buscar este aperfeiçoamento.

A minha mãe Marlene que, por muitas vezes, ficou com a minha família, dando-me suporte às viagens e cursos.

A minha estimada irmã Mauricéia, pelo apoio e incentivo nesta caminhada.

A minha querida amiga Luciana Nunes, companheira de trabalho e de mestrado, que não mediu esforços para me ajudar sempre que precisei.

A minha vizinha Letícia e sua mãe Andréa, que me auxiliaram nas horas de apuro.

À amada amiga Júlia que, com sua modéstia e sabedoria, me socorreu nas horas de dificuldade.

A minha amada turma de mestrado 2017, turma unida, nova família em minha vida.

A minha querida orientadora Dra. Carmen Lucia Fornari Diez, pelo seu apoio, pela sua dedicada orientação, paciência, carinho, por ter me conduzido pelos caminhos do saber.

Aos professores do Mestrado, por suas valorosas contribuições e aportes teóricos, que me ajudaram a superar os obstáculos.

Aos profissionais e crianças do Ceim pesquisado na cidade de Lages-SC.

À Prefeitura do Município de Lages, pela licença com bolsa, que me proporcionou chegar até aqui.

Aos caros colegas de trabalho, pelo apoio em minhas ausências.

À turma da quarta fase de pedagogia, à professora Marli Coscodai - regente da turma - e à coordenadora do curso Mariléia Wolff, pelo importante aprendizado no estágio da disciplina de Metodologia do Ensino Superior.

Aos professores da Banca de Qualificação Dra. Maria Selma Grosch, Dr. Filipi Vieira Amorim, Dra. Ana Claudia Capistrano, Dra. Paula Correa Henning, pelo minucioso trabalho

de leitura da dissertação, pela generosidade nas observações que muito ajudaram para a evolução da qualidade desta pesquisa.

Ao grupo de encontros quinzenais, Grupo de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação — Serra Catarinense, pelas trocas de experiências que me possibilitaram clarear a teoria proposta.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram para a realização desta etapa tão importante de minha vida que, no passado, era apenas um sonho e, hoje, torna-se realidade.

## RESUMO

Esta Dissertação, a partir da linha de pesquisa Políticas e Processos Formativos em Educação e sob o enfoque do pensamento de Michel Foucault, procura abordar a temática sobre a música e o cuidado de si na Educação Infantil da Rede Municipal de Lages (SC). O intuito é compreender como a música, na educação infantil, favorece a formação da criança. Nesta perspectiva, realizamos pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com professores, cujos dados buscamos analisar criticamente à luz da genealogia foucaultiana como teoria/metodologia, trazendo à tona o conceito de genealogia nas suas relações de poder-saber sobre a infância. No primeiro capítulo, há referência à história da infância, seus conceitos e os maiores estudiosos desta fase. Como era vista a infância pelas famílias das crianças, a vida das famílias e a educação. Também, é trazida para leitura a história da educação infantil no Brasil, como surgiu, que caminhos percorreu, as políticas públicas da educação infantil e a história da infância. Em um segundo momento, escreve-se sobre a música na educação infantil, a riqueza da música brasileira. Além disso, reflete-se sobre o pensamento e obras do filósofo Michel Foucault a respeito da dominação dos sujeitos e o controle de corpos, além dos diversos âmbitos do cuidado de si, a música, a escola e o controle de corpos. Como quarto capítulo, apresenta-se um olhar sobre o solo mais próximo da música na educação infantil- a pesquisa empírica. Espera-se proporcionar uma reflexão sobre as práticas pedagógicas musicais dos professores, em vistas a formação de crianças mais espontâneas, criativas, desinibidas e autônomas.

**Palavras-chave:** Música. Cuidado de Si. Educação Infantil.

## **ABSTRACT**

This Dissertation starts from the research line Politics and Formative Processes in Education and under the thinking approach of Michel Foucault, seeks to make an approach to the theme about music and caring for oneself in Early Childhood Education of the Municipal Network of Lages (SC). The aim is to understand how music in early childhood education favors the formation of the child. In this perspective, we conduct observation research and with teachers, whose data we seek to analyze critically in the light of Foucault's genealogy as theory/methodology, bringing to the fore the concept of genealogy in its relations of power-knowledge about childhood. In the first chapter, it will be discussed the history of childhood, concepts and the greatest scholars of this phase. How childhood was viewed by children's families, family life and education. The history of child education in Brazil will be studied, as it has emerged, which paths it has covered, the public politics of early childhood education and the history of childhood. In a second moment, it will be brought to music in early childhood education, the diversity of Brazilian music. It will be approached the thought and works of the philosopher Michel Foucault regarding the domination of the subjects and the control of bodies, besides the diverse scopes of self care, music, school and control of bodies. As a fourth chapter, we highlight a closer look at music in early childhood education - empirical research. It is hoped to provide a reflection on the pedagogical practices of teachers, in view of the formation of more spontaneous, creative, uninhibited and autonomous children.

Keywords: Music. Oneself Care. Childhood Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**CEIM-** Centro de Educação Infantil Municipal

**DNCr-** Departamento Nacional da Criança

**ECA-** Estatuto da Criança e do Adolescente

**HISTEDBR-** Grupo de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação da Serra Catarinense

**LBA-** Legião Brasileira de Assistência

**LDB-** Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**MEC-** Ministério da Educação e do Desporto

**UNESCO-** Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

**UNICEF-** Fundo das Nações Unidas para a Infância

**UNIPLAC-** Universidade do Planalto Catarinense

**RCNEI-** Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA 1: A RODA</b>	<b>23</b>
<b>FIGURA 2: JESUÍTAS ENSINANDO</b>	<b>28</b>
<b>FIGURA 3: MICHEL FOUCAULT</b>	<b>49</b>
<b>FIGURA 4: “LAS MENINAS” DE VELASQUEZ</b>	<b>68</b>
<b>FIGURA 5: ESQUEMA DE POSTURA CORPORAL DA ESCOLA FRANCESA DE PORT-MAHON DO SÉCULO XIX: TRIUNFO DA DISCIPLINA.....</b>	<b>84</b>
<b>FIGURA 6: MÁQUINA A VAPOR PARA A RÁPIDA CORREÇÃO DAS MENINAS E MENINOS</b>	<b>84</b>
<b>FIGURA 7: A ORTOPEDIA OU A ARTE DE PREVENIR E CORRIGIR, NAS CRIANÇAS, AS DEFORMIDADES DO CORPO</b>	<b>85</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1 A INFÂNCIA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL</b> .....	<b>17</b>
1.1 A RESPEITO DA INFÂNCIA .....	17
1.2 A EDUCAÇÃO E A INFÂNCIA NO BRASIL .....	24
1.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL .....	30
<b>2 A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	<b>37</b>
2.1 A RIQUEZA DA MÚSICA BRASILEIRA.....	39
2.2 O ESPAÇO DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	43
2.3 A MÚSICA E A PESSOA.....	47
<b>3 HISTORAR O ESPAÇO FOUCAULTIANO SOBRE A MÚSICA, A ARTE E A FORMAÇÃO HUMANA</b> .....	<b>49</b>
3.1 OS DIVERSOS ÂMBITOS DO CUIDADO DE SI .....	50
3.2 FOUCAULT, A MÚSICA, A ESCOLA E O CONTROLE DE CORPOS .....	66
<b>4 UM OLHAR SOBRE O SOLO-MAIS PRÓXIMO-DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL- PESQUISA EMPÍRICA</b> .....	<b>87</b>
4.1 GENEALOGIA FOUCAULTIANA.....	87
4.2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS .....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>103</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>108</b>
ANEXO I — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE ...	108
ANEXO I I — DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS .....	111
ANEXO III — DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL .....	112
ANEXO III — QUESTIONÁRIO.....	112
ANEXO IV — ROTEIRO DA ENTREVISTA .....	115

## INTRODUÇÃO

A música pode ser compreendida como linguagem e forma de conhecimento. Adentra na vida de uma criança por seu entorno, família, comunidade, igreja, televisão, tecnologias, rádio, escola, e ambientes outros tantos quanto seja possível imaginar. Sua construção dependerá de variedade e qualidade. A música faz parte da cultura humana e, em cada época, ela expressa o modo de pensar, os valores e costumes de um povo, representando tradições musicais que integrarão e influenciarão a vida dos sujeitos através dos tempos.

A presença da música na infância é muito importante para a criança porque acentua o desenvolvimento intelectual, trazendo benefícios à sua cognição, percepção auditiva, podendo auxiliar no estabelecimento de regras, bem como proporcionar prazer em ouvir e cantar. A música, se contextualizada e utilizada de forma interdisciplinar, pode valorizar o ensino, posto trazer contribuições pertinentes à aprendizagem. Através da música podemos inserir conteúdos, podemos fomentar a iniciação à leitura e escrita ou apenas estimular a fruição e a apreciação de uma forma de expressar o conteúdo estético da alma humana.

É justamente esse limiar existente entre a importância da música no processo formativo do ser humano e a expressão do que já é, do que já existe, que representa a primeira motivação de pesquisar o tema, para a estudiosa que, agora, escreve essa dissertação.

Portanto faz-se necessário apresentar minha trajetória social, acadêmica e profissional, relembando fatos, contando experiências que, de alguma maneira, contribuíram para a realização de mais este sonho-estudo.

Sou natural de Lages-(SC) e, nessa cidade, iniciei meus estudos. Com oito anos de idade nos mudamos para Anita Garibaldi, onde estudei concluindo o Ensino Médio a nível de Magistério na rede pública estadual. A partir da conclusão do Ensino Médio, com a ânsia de buscar novos conhecimentos, houve a necessidade de voltar a Lages para uma graduação. Assim, de 1994 à 1997, cursei Pedagogia pela Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) em Lages-(SC). Iniciando, também, em 1994 minha carreira profissional na educação infantil do município de Lages, atuando como docente. No ano de 1995 fui aprovada no concurso público de Lages como monitora da educação infantil.

Em 1998, na busca por profissionalizar-me e capacitar-me continuamente, iniciei a especialização a nível de *lato sensu* na Uniplac com especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais. Para poder compreender melhor minha área de atuação, desenvolvi uma pesquisa intitulada: *Contribuições do Lúdico na Aprendizagem da Educação Infantil*. A pesquisa oportunizou maior compreensão e entendimento sobre a prática pedagógica.

Entendo que o professor deve ter o perfil pesquisador, crítico, investigador, para propiciar uma educação de qualidade, que vise a formação de cidadãos preparados para conviver em sociedade, instigando-os a refletir e desconstruir saberes existentes na realidade da qual fazem parte. Com esta necessidade de formação permanente e procurando respostas para as situações que pareciam complexas no campo educacional, em 2017, ingressei no Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade do Planalto Catarinense com 50% de bolsa cedidos pela Prefeitura do Município de Lages.

A participação em grupos de estudos, destacando o Grupo de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação da Serra Catarinense -HISTEDBR- SERRA CATARINENSE, coordenado pela Dra. Carmen Lucia Fornari Diez - e as disciplinas do mestrado - contribuiu para a escolha e direcionamento do tema desta pesquisa. Ainda neste grupo, muitos estudos foram realizados sobre o filósofo Michel Foucault oportunizando o espaço para reflexões e discussões. A partir do grupo de estudo fomos buscando uma fundamentação para o direcionamento de nossa pesquisa, permitindo certa afinidade epistemológica com este filósofo.

No Mestrado Acadêmico em Educação da UNIPLAC, este estudo se vincula na linha de pesquisa LP1- Políticas e Processos Formativos em Educação e, dentro das especificidades desta pesquisa, na educação formal, focaliza a perspectiva histórica como epistemologia na teoria do conhecimento.

Para desenvolver a pesquisa, o fizemos inspirados, em termos metodológicos para a análise dos dados a genealogia, segundo Foucault. A genealogia analisa as relações de poder e saber que estão inseridas na prática dos indivíduos por meio de um discurso. Foucault traz uma reflexão sobre os processos de disciplinarização e o ato de governar os corpos para um fim preciso.

Na minha formação acadêmica estudei alguns autores que me deram suporte neste percurso, tais como: Pedro Demo, Jean Piaget, Henry Wallon, Paulo Freire, Moacir Gadotti, Ruben Alves, Karl Marx, Freinet, Demerval Saviani e Antônio Joaquim Severino.

Há encanto na educação infantil. Sinto-me realizada profissionalmente quando estou com as crianças, pois faço o que mais gosto e - o mais importante, faço com amor. Nas representações que construímos, as crianças são, para mim, paz, amor e inocência.

Gosto muito de cantar. Apesar de não tocar nenhum instrumento musical, canto muito com as crianças na sala de aula e percebo que a música contribui para a aprendizagem dos pequenos proporcionando momentos alegres na escola. A escolha do tema partiu da percepção de que muitos pais e professores já não cantam mais com as crianças, não convivem mais com a música supostamente, devido a correria da vida e a falta de tempo. Na escola não é diferente, mas é preciso que de maneira crescente, a música faça parte do dia-a-dia da Educação Infantil, pois, com ela, a criança fica mais calma e seus conhecimentos são ampliados através da ludicidade e construção e reconstrução do pensamento.

A escolha do CEIM se deve ao fato de que o grupo de professores faz parte dele desde a sua inauguração, há vinte dois anos atrás.

Partindo do princípio que a musicalização deve estar presente por toda a infância e deverá fazer parte também da fase adulta, levando em conta fatores responsáveis pelo bem estar físico e emocional do ser humano é que surgiu a questão problema desta pesquisa: Investigar como a ausência da música na educação infantil pode impedir o desenvolvimento da criança.

Portanto, esta pesquisa teve como objetivo geral “compreender como a música na educação infantil favorece a formação da criança.” Como objetivos específicos, destacam-se abordar a história da infância, da educação infantil e as políticas públicas; descrever o que é música, a história da música e como ela contribui para a formação da criança; e analisar a visão de Michel Foucault a respeito da música, das artes e da formação infantil.

Para alcançar os objetivos, iniciei pela pesquisa bibliográfica realizada com base em autores que tratam o tema, tanto em livros como em artigos acadêmicos encontrados on line. Na sequência, fiz observação direta em uma turma de maternal e, após, fiz a aplicação de questionários com professores. A partir daí, realizei entrevistas semiestruturadas com cinco professores. Estas entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas.

Dessa forma, a dissertação é estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo aborda-se a história da infância, da educação infantil no Brasil e as políticas públicas existentes para essa temática; o segundo capítulo traz a concepção de música, a história de música brasileira e a música na educação infantil. .No terceiro capítulo há a abordagem da perspectiva foucaultiana

sobre a música, a arte e a formação humana, ainda a música e o controle de corpos. Por fim, no quarto capítulo, apresenta-se a pesquisa empírica e sua análise.

## 1 A INFÂNCIA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL

Neste primeiro capítulo expõe-se a história da infância, conceitos e os maiores estudiosos desta fase. Como era vista a infância pelas famílias das crianças, a vida das famílias e a educação.

Torna-se pertinente, também, abordar a história da educação infantil no Brasil, como surgiu, que caminhos percorreu, as políticas públicas da educação infantil e a história da infância.

### 1.1 A RESPEITO DA INFÂNCIA

Mais ou menos até o século XII, a infância era tratada de forma desconhecida. Esta fase não era bem vista pelas pessoas. A criança era tratada como um adulto em miniatura, não era olhada como criança. Foi Rousseau (1995) o primeiro filósofo a tratar a criança como criança e não como um adulto em miniatura. Para ele não se deveria pensar só em conservar a criança e sim ensiná-la a ser homem, a suportar os golpes da sorte, a enfrentar a miséria e a viver; não é ensinar-lhe a suportar a dor, e sim exercitá-la e senti-la. A criança nasce fraca, precisa de força e tem necessidade de assistência, precisando do cuidado da mãe. Ela nasce sem saber e conhecer nada, mas nasce capaz de aprender. Rousseau propunha mais liberdade à criança para que ela aprendesse a viver a vida.

Ariès (1978, p. 18) lembra que, por volta do século XIII, na arte, apareceram alguns perfis de criança mais parecidos com a criança da época atual. Emergiu a figura do anjo, exprimindo a aparência de um jovem bem educado para ajudar na missa. Depois veio o menino Jesus e, mais tarde, a criança nua. Nesta época, muitas crianças morriam na infância devido à pobreza e à falta de higiene. Eram enterradas como bichos sem a menor importância.

Apesar de que, nesta época, a criança não recebia atenção de modo diferente do adulto, as brincadeiras e jogos já faziam parte do cotidiano infantil. Segundo Ariès (1978, p. 42) “[...] o médico Heroard deixou um registro de Luís XIII, que nasceu em 1601 com todos os seus movimentos e ações. O menino tocava violino e cantava ao mesmo tempo.” Constata-se aí, segundo o médico, que o canto, a música e a dança faziam parte da educação das crianças daquele período. Brinquedos como o pião, bonecas e cavalo de pau também já existiam.

Praticava-se ainda o hábito de contar histórias, até mesmo entre os adultos, e em Paris foram popularizados os fantoches. Na sociedade antiga as pessoas tinham mais tempo para jogos e brincadeiras, pois o trabalho não tinha o valor vital que lhe foi atribuído neste último século.

Em estudo sobre a criança do século XVIII feito por Charles Darwin, na primeira metade do século XIX, observou-se que as crianças eram medidas e pesadas. Ainda, eram descritos seus comportamentos, interesses, a maneira de viver destes pequenos.

Rousseau, em seus estudos, escreveu o romance de formação: “Emílio” e publicou em 1762. A partir daí surge à concepção de uma infância moderna, sendo estudada sobre um olhar educativo. A criança necessitava ser distanciada das influências do mal para que a natureza da infância fosse preservada. Neste tempo surgiram conhecimentos, estudos sobre a criação das crianças. Muitos médicos da época posicionam-se a respeito dos comportamentos educativos sobre três aspectos:

[...] a prática dos hospícios dos menores abandonados, a da criação dos filhos por amas-de-leite, a da educação “artificial” das crianças ricas. Com seu encadeamento circular essas três técnicas engendrariam, tanto o empobrecimento da nação, como o empobrecimento da sua elite. (DONZELOT, 1986, p.15 e 16).

Com relação aos menores abandonados, segundo os políticos da época, muitos morriam antes de contribuírem com o Estado, tendo sido caros para serem mantidos e quando poderiam ser úteis morriam. O alto índice de mortalidade acontecia por falta de aleitamento materno. A moral da época não permitia que as senhoras não pobres amamentassem seus filhos. Contratava-se, então, mulheres pobres como nutrizas. No entanto, encontrar uma nutriz estava condicionado à vultosa quantia de dinheiro. As mulheres ricas podiam ter com facilidade uma nutriz, segundo as crônicas relatadas por Donzelot (1986).

Kant (2012), em seu texto Sobre a Pedagogia, também contribuiu para construir a infância moderna. Pois segundo ele “[...] o homem é o único ser que precisa receber educação, entendendo por educação os cuidados, disciplina e instrução.” (KANT, 2012, p. 9) considerava a educação como uma arte, sendo a busca da perfeição humana. Para ele o princípio da educação que os homens deveriam ter presente era: “As crianças devem ser educadas não para o estado presente do gênero humano, mas para um estado futuro, melhor, isto é, adequado à ideia de humanidade e à sua destinação integral.” (KANT, 2012, p. 16).

Kant diz que os pais deveriam educar melhor seus filhos, para que estes pudessem melhorar o futuro, fazê-lo melhor. Uma boa educação faria o bem a todos. Nestes ensinamentos

sobre infância estão determinados aos pais, todo o cuidado, conselhos, alimentação, jogos e brincadeiras. Tudo é tarefa dos pais, como forma de controle, de vigilância incessante.

O tempo do Brasil colônia e do Brasil império, a infância, segundo Del Priore (1999) “[...] era um tempo sem maior personalidade, um momento de passagem, mudança.” Nos manuais de medicina nos séculos XVI e XVIII Galeno era citado definindo que a primeira idade do homem é a puerícia, divide-a em três momentos:

O primeiro ia até o final da amamentação, ou seja, findava por volta dos três ou quatro anos. No segundo, que ia até os sete anos, crianças cresciam à sombra dos pais, acompanhando-os nas tarefas do dia-a-dia. Daí em diante, as crianças iam trabalhar, desenvolvendo pequenas atividades ou estudavam em domicílio, com preceptores ou na rede pública por meio de escolas régias, criadas na segunda metade do século XVIII, ou ainda aprendiam algum ofício, tornando-se aprendizes. (DEL PRIORE, 1999, p. 84 e 85).

Percebe-se, assim, que a criança não era reconhecida como tal, pois não havia estudo teórico sobre esta fase da vida. Nesta época do Brasil colônia, a formação da criança era vista com certa inquietude. Havia a necessidade de transformar este ser em adulto ajuizado e consciente. Reflexo desse raciocínio foi a aparente preocupação dos jesuítas, que vieram nas caravelas de Cabral, em catequisar os curumins como chamavam, ensinando religião, leitura, música, boa educação e valores.

De acordo com Del Priore (1999, p. 105), “[...] aos poucos, a educação e a medicina vão moldando as crianças; pais, médicos e educadores buscavam adestrar estes seres para que se tornem adultos responsáveis.” Vigiar e cuidar ao mesmo tempo, com carinho, para que ela ficasse confortável, se sentisse bem diante disso. No entanto, no século XIV até XVII, as práticas disciplinares primavam por humilhar e massacrar. O mestre, como os outros adultos, podia chicotear os jovens alunos. O ato de bater como correção era interpretado como ato de carinho, pois amar seria sinônimo de castigar e dar serviços seria o equivalente a ensinar. Aplicava-se também a palmatória como um dispositivo para corrigir quem fez alguma coisa errada ou faltou com respeito ao mestre.

Mas a preocupação com a educação já se traduzia por meio do conselho de Francisco de Mello Franco, médico mineiro setecentista:

A educação é tanto física quanto moral (particularmente nas três primeiras idades da infância, puerícia e adolescência); é o mais poderoso expediente para conseguir até certo ponto notável alteração no temperamento originário. [Segundo ele, era de pequenino que se torcia o pepino e que] as duas educações deviam começar desde o berço. [Dizia ainda que] muito se engana quem entende que essas idades não admitem ensino algum pois, nelas pouco ou nada obrava a razão, mas em contrapartida, muito

obravam os costumes e quando chega a luz do entendimento, nenhum lugar lhe dão os hábitos adquiridos, se não se usar de força e violência que raras vezes não aproveitam. (FRANCO apud PRIORE, 1999, p. 105).

Desta maneira entende-se que a formação social da criança percorre um caminho de violência, tristeza e não do estudo, saber e educação. Pensava-se que era por meio da violência que a criança aprendia e que esta aprendizagem deveria iniciar-se desde bem pequeno, para que fosse realizada com sucesso e perfeição.

Assim, para Foucault (2014) “[...] a escola cristã não só contribuirá para formar crianças submissas, mas também vigiar os pais, seus costumes, seus bens, controlar a família.” Segundo ele:

[...] os pobres, não tendo recursos para educar seus filhos, deixavam-nos na ignorância de suas obrigações, e entregues ao simples cuidado de viver; e tendo eles mesmos sido mal-educados, não podem comunicar uma boa educação que jamais tiveram; o que acarreta três inconvenientes ponderáveis: a ignorância de Deus, a preguiça (com todo o seu cortejo de bebedeira, de impureza, de furtos, de banditismo) e a formação dessas tropas de mendigos, sempre prontos a provocar desordens públicas [...] (FOUCAULT, 2014, p. 203).

Foucault relata que o Estado se deparava com duas alternativas: se edificava imitações de prisão para abrigar estes menores até completarem a maioridade ou lhes fornecia uma legítima construção profissional. Desta maneira, as instituições de reeducação cumprem seu trabalho: implantando uma estrutura de cuidados, ações educativas para corrigí-los depois do crime. Aí acontecem os trabalhos dos profissionais sociais como: orientadores, assistentes sociais, educadores especializados. Estes serão o apoio do poder judiciário. Assim, o saber neutraliza o poder opressor, contribuindo para uma educação livre, que liberta.

Em síntese, é preciso interpretar o trabalho social como resultado determinante de acordo com as estratégias das três instâncias, o judiciário, o psiquiátrico e o educacional. O julgamento dos menores acontece em uma sala parecida com a do tribunal comum, mas de conselho de uma firma e não um julgamento, com o intuito de diminuir a distância entre o juiz e os menores e facilitar o desfecho com os pais. Nem o público participava do julgamento. Os menores delinquentes iam para as Casas Paternas, eram internados. Mas, segundo Donzelot (1986, p.98), “[...] em 1909, aconteceu um suicídio de um menino na Casa Paterna de Métray, foi um escândalo e provocou muitas revoltas. Então isso ocasionou uma campanha contra essas casas de locação, que serviam apenas para fabricarem pessoas revoltadas devido as masmorras, as surras e a exploração de menores.” O tribunal dos menores na verdade não julgava os delitos, mas sim investigava estes menores. Observavam o comportamento do menor, e o meio de onde

vinha, seria uma avaliação feita por especialistas referentes à esses distúrbios sociais. O inquérito policial e o exame médico-psicológico atuavam em regulamentações distintas: o inquérito social se parecia com autos de um inquérito policial, e eram policiais que exerciam os inquéritos posteriores.

O exame médico-psicológico se parecia com uma consulta psiquiátrica. Nesse exame devia constar se o menor possuía distúrbios ou deficiências físicas ou psíquicas constantes que contribuíssem para o seu comportamento. O inquérito social determinava uma conexão entre a administração da assistência e o aparelho judiciário, servindo mais para discriminar os que dele dependiam. Por meio dele era experimentada a aceitação da família a uma interferência tranquila. Caso a família quisesse solicitar mais ajuda, deveria ser enviada para a Assistência Pública, ou caso contrário seria levada à esfera judiciária como penalidade. (DONZELOT, 1986, p. 99).

Conforme Donzelot (1986) afirma:

Desde a constituição em 1922, a justiça de menores prevê que o inquérito social, será completado se for o caso, por um exame médico. Isto quer dizer que o recurso à psiquiatria é visto, pela primeira vez, na justiça de menores sob a forma de um complemento de instrução. (DONZELOT, 1986, p. 116).

Sob esta visão o juiz não é quem determinava, não tinha a incumbência de julgar o caso, mas sim o médico, que assumia este papel. Era por meio do exame que o menor seria avaliado. Nessas circunstâncias, as famílias, muitas vezes, desestruturadas para os padrões da época, viviam em condições de sobrevivência, vulnerabilidade social, perdendo os abonos familiares. Recebia-se, pois, a visita da assistente social que encaminhava ao juiz um relato dos acontecimentos, sendo que este abria um inquérito para apurar as denúncias.

O encargo acontecia em longo prazo. Eram feitas intervenções na família que, muitas vezes, terminavam quando as crianças já se tornariam adultas. A fórmula jurídica, contudo, não exerceu mais sua função desde que as famílias adquiriram o poder de resistência. O trabalho e moradia ficaram mais fáceis, o aparelho judiciário deixou de ser um estímulo de repressão à essas famílias. Portanto a polícia preocupava-se com o bem-estar do Estado, de modo que tudo acontecesse para a satisfação de todas as pessoas.

Até a metade do século XVIII, segundo Donzelot (1986, p. 24), “[...] a medicina não tinha interesse nas crianças e nas mulheres. Eram consideradas simples máquina de reprodução e tinham sua própria medicina denominada como remédio de comadre.” Essa forma de

denominação se dava em função de que eram justamente as comadres que cuidavam do parto, das doenças das mulheres e também das doenças das crianças. Com a medicina doméstica, a mãe passava a ter um papel importante na cura das doenças da criança, e o médico tinha seu trabalho, de certo modo, complementado pela a medicina das comadres.

Desse modo, a mãe passava a ter um poder maior sobre a família. Como ajudante do médico, ela adquiria mais poder que o pai em âmbito familiar. Os médicos preveniam às famílias sobre a educação criminosa tais como práticas ocorridas em internatos, regras rígidas dos colégios, surgindo, assim as primeiras associações de pais e alunos, com uma educação cujas pretensões sinalizavam maior e melhor relação entre família e escola, onde os pais propiciavam à criança melhores condições de estudo, tornando a educação pública tão eficiente quanto a educação privada.

Com relação ao papel da mulher na família, Donzelot (1986) destaca ainda que havia uma enorme diferença entre a mulher burguesa e a mulher popular. A mulher burguesa contribuía para as regras de educação e assistência. Ela se disponibilizava à um trabalho social, enquanto que a mulher popular, mesmo que quisesse contribuir com trabalhos assistenciais, sua família deveria estar sempre em primeiro lugar, impedindo outros trabalhos e fazendo com que ela zelasse pelo bem estar de todos da casa. E quanto às crianças das famílias burguesas, seriam instigadas a um perfeito desenvolvimento de corpo e espírito, com uma liberdade assistida pela família. Já as crianças de classe popular, o problema era a liberdade demasiada, soltas nas ruas, em oposição às regras rígidas demais nas escolas e lugares de vigilância severa.

Segundo esse autor (1986, p. 49), no Antigo Regime a família era:

[...] ao mesmo tempo, sujeito e objeto de governo. Sujeito pela distribuição interna de seus poderes : a mulher, os filhos e os aderentes (parentela, serviçais, aprendizes) devem obrigação ao chefe da família. Objeto, no sentido que também o chefe da família se situa em relações de dependência. Por seu intermédio a família se encontra inscrita em grupos de pertinência que podem ser redes de solidariedade, como as corporações e comunidades aldeãs, ou bloquentemente os dois ao mesmo tempo. (DONZELOT, 1986, p. 49).

A mulher e os filhos deveriam ser submissos ao homem da casa. O homem exercia poder sobre todos dentro do lar. Era quem mandava, mas também era por intermédio dele que a família participava de vários grupos e comunidades na relação de sociedade.

No Brasil, desde o século XVIII, a exemplo de Portugal renascentista, surge a Roda dos Expostos como um meio para acabar com situações de abandono das crianças. Segundo Del Priore (1999):

O nome da roda provém do dispositivo onde se colocavam os bebês que se queriam abandonar. Sua forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, era fixada no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior e em sua abertura externa, o expositor depositava a criancinha que enjeitava. A seguir, ele girava a roda e a criança já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com uma sineta, para avisar a vigilante ou rodeira que um bebê acabava de ser abandonado e o expositor furtivamente retirava-se do local, sem ser identificado. (DEL PRIORE, 1999, p. 57).

Esta era uma maneira para que a pessoa que colocasse o bebê na roda não fosse exposta e reconhecida, mas também evitava que os bebês não fossem deixados nas ruas, nas portas das casas ou em outros lugares quaisquer. As crianças eram abandonadas na roda por diversos motivos, tais como a dificuldade financeira, filhos que nasciam fora do casamento, que ao nascerem não podiam ser vistos com a mãe.

**FIGURA 1: A RODA**



Fonte: HISTÓRIA, CSD, [s.p.], 2017.

A primeira Roda de Expostos foi aberta na Santa Casa de Misericórdia em Salvador, no ano de 1726. A segunda roda foi estabelecida no Rio de Janeiro, em 1738. Em 1825, outra roda é instalada na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Mas por volta do século XIX no Brasil essas Rodas dos Expostos foram fechadas, pois morriam muitas crianças e os médicos faziam muitas críticas ao atendimento que era dado aos pequenos nestes lugares, sem o mínimo de condições de higiene. Portanto era “dever do Estado implantar uma política de proteção e assistência à crianças a qual foi estabelecida por meio do Decreto 16.272, de novembro de 1923.” (NETO, 2000, p.110).

Em Paris por volta de 1865 de acordo com Donzelot (1986) “surgem as primeiras instituições protetoras da infância, fundada por A. Meyer, que têm como objetivo assegurar a investigação médica das crianças e melhorar os sistemas de educação, métodos de higiene e vigilância destes filhos de classes pobres.”

De acordo com Donzelot (1986, p.58), “no Antigo Regime havia três tipos de auxílio aos pobres: os Hospitais Gerais e as reclusões para os vagabundos, a esmola individual para os mendigos e as companhias de caridade organizadas em torno das paróquias para a pobreza envergonhada.” Estas três são incapazes de acabar com a pobreza contribuindo ainda para crescer o número de pobres.

A partir da industrialização que a criança começou a ser percebida como sujeito com direitos próprios, pois antes da era moderna ela não era percebida como tal.

## 1.2 A EDUCAÇÃO E A INFÂNCIA NO BRASIL

A educação da infância no Brasil mudou muito desde os séculos passados até os dias atuais. No início a criança vivia com seus familiares que tinham o dever de educá-la. Aprendia conforme seus costumes e a cultura de cada comunidade. Não existiam instituições que pudessem atender às crianças. Nos tempos de hoje ela se socializa e interage com muitos grupos aos quais ela pertence.

No Brasil, com o surgimento da indústria, do trabalho feminino e com a vinda dos imigrantes europeus sentiu-se a necessidade de criar creches para atender as crianças, os filhos das mulheres trabalhadoras.

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, clubes esportivos e também creches e escolas maternais para os filhos dos operários. O fato dos filhos dos operários estarem sendo atendidos em creches, escolas maternais e jardins de infância, montados pelas fábricas, passar a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18).

Assim, nas grandes cidades, mulheres e crianças trabalhavam muito, eram exploradas sem as adequadas condições de trabalho, prejudicando a saúde de toda a sociedade. Então se acredita que só a obrigatoriedade escolar daria conta de mudar esta cena de escravidão e de exploração. A escola seria a saída para as dificuldades que atemorizavam a estruturação da

política. A saída, pois, seria a escola gratuita para todos. Diante desta realidade, Donzelot considera (1986):

Desde a década de 1840 até o final do século XIX, as leis que editam normas protetoras da infância se multiplicam: lei sobre o trabalho de menores (1840-41), lei sobre a insalubridade das moradias (1850), lei sobre o contrato de aprendizagem (1851), sobre a vigilância das nutrizas (1876), sobre a utilização de crianças por mercadores e feirantes (1874), sobre a obrigatoriedade escolar (1881), etc. Se quisermos compreender o alcance estratégico desse movimento de normalização da relação adulto criança é preciso entender o que essas medidas era de natureza indissociavelmente sanitária e política, que elas procuravam sem dúvida, corrigir a situação de abandono em que poderiam se encontrar as crianças das classes trabalhadoras, mas também na mesma medida, reduzir a capacidade sócio-política dessas camadas [...]. (DONZELOT, 1986, p. 76).

Todas essas leis tentavam proteger a criança, mas só no século XIX é que surge de acordo com Donzelot (1986, p.79) “A Sociedade para a Infância Abandonada e Culpada, criada por George Bonjean em 1879, o Patronato da Infância e da Adolescência, fundado por Henri Rollet (o primeiro juiz de menores da França) e também a União Francesa para o Salvamento da Infância, com Jules Simon.” Ainda, importa citar a lei Roussel que abordava sobre a vigilância das nutrizas que almejavam colocar nas famílias populares maneiras que consideravam mais adequadas para a criação e educação das crianças.

Do mesmo modo que os menores eram colocados em lugares de cuidados ou famílias escolhida por eles, também poderiam ser tirados a qualquer momento pelos pais. Isso ocorria pelo fato de os progenitores terem o poder sobre a criança, podendo usá-las como forma de exploração para conseguirem dinheiro.

Assim, para acabar com esta situação, que foram criadas as leis de 1889, 1898 e 1912 para dar autonomia aos filantropos, magistrados, médicos especializados na infância, tirando o direito da família que não tem estrutura moral, cujos responsáveis se embriagam, que maltratam seus filhos, prejudicando a saúde e a segurança destes. E em 1889 “[...] cria-se a lei que dá poder ao juiz de responsabilizar a guarda de uma criança, à Assistência Pública, ou a uma pessoa, ou a uma sociedade caridosa, para todos os casos de infração ou erros cometidos por ou contra crianças”. (DONZELOT, 1986, p. 80).

É deste modo que surgem as casas e instituições escolares, principalmente com o intuito de ajudar a família a cuidar da criança, com o caráter assistencialista, sem pensar em contemplar o desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança. Da mesma forma que a missão jesuítica queria catequisar as crianças indígenas, as creches persistiam em intrometer-se na família, em sua organização, na sua cultura. Só a partir de 1990 é que surgiam ideias de que a educação

infantil não é só cuidar, mas também ensinar. (Rosemberg e Campos, 1994). Há assim uma mudança de paradigma da creche, do brincar ao aprender.

Mais tarde, também, surge a necessidade de propostas pedagógicas nas creches. Realizou-se no Rio de Janeiro em 1993, a Conferência Nacional de Proteção à Infância onde Anísio Teixeira deu ênfase na relevância de o aluno de pré-escolar não ser olhado só sob a visão de saúde física, pois seu crescimento, seu desenvolvimento e a formação de seus hábitos envolveriam “[...] facetas pedagógicas como habilidades mentais, socialização e importância do brincar”. (BRITES, 1999, p. 81) Só depois dos anos 70 é que as políticas públicas se voltaram para a educação infantil.

No Brasil colonial, a infância era compreendida com base, de acordo com Del Priore (1999, p. 84) “[...] na mentalidade coletiva, um tempo sem maior personalidade, um momento de transição e por que não dizer, uma esperança.” As crianças eram chamadas de “meúdos”, ingênuos e infantes. Os recém-nascidos eram cuidados por suas mães com o auxílio de manuais de medicina e conselhos dos médicos. As crianças cresciam junto com seus pais participando de pequenas tarefas, estudavam em casa mesmo ou praticavam algum ofício.

Mas, de acordo com Arantes (in Rizzini e Pilotti 2011, p. 187) “para mostrar que a criança era cuidada ou cultivada (como diziam), o higienismo médico aliou-se ao Estado surgindo um novo sentimento de infância no Brasil. Assim a criança passa a ser o futuro da pátria devendo ser desenvolvida sua autonomia.”

Segundo Del Priore (1999, p.94) para mostrar este cuidado com os pequenos “[...] embalar, cantando, a criança que dorme ou chora, sublinha a importância de certos gestos e atitudes face à primeira infância.” Neste sentido percebe-se que, já naquela época, a cultura da música estava presente nas canções de ninar e o cuidado com este ser especial e ingênuo como eram assim chamados.

Além dos cuidados com o corpo da criança, mostravam-se presentes os cuidados mentais ou espirituais. De acordo com a doutrina católica, as mães e as amas eram aconselhadas, como fala Del Priore (1999, p. 94):

[...] em fazer com que os mínimos que criam pronunciem primeiro que tudo os Santíssimos nomes de Jesus e Maria. Depois de levantados, quando estiverem algum conhecimento, os mandem beijar o chão, e que prostrados por terra lembrem do Inferno onde vão parar as crianças que fazem obras más e lhes expliquem o horror do fogo do Inferno.

Essas práticas religiosas eram comuns na época do Brasil colonial, como também dar nome de santo aos filhos ou homenagear padrinhos e madrinhas com o nome de santos de devoção. O batismo era sinônimo de purificação e compromisso com a fé católica, presumindo o ingresso da criança ao convívio em sociedade.

A infância colonial também despertava nas mães um amor materno afetivo exagerado, muitos mimos envoltos da criança, tudo é gracinha, de acordo com Del Priore (1999, p.89) “[...] crianças pequenas, brancas ou negras, passavam de colo em colo e eram mimadas à vontade, tratadas como pequenos brinquedos”.

Sobre os meúdos, como eram chamados, Del Priore (1999, p. 93) comenta que:

[...] eram embalados por acalantos em redes, em xales enrolados nas costas das mães de origem africana, ou em raros bercinhos de madeira. Essas formas rudimentares de canto, sobre melodias simples e feitas, muitas vezes, com letras onomatopaicas a fim de favorecer a monotonia necessária para adormecer a criança, vieram de Portugal. Mas nossos indígenas tinham também acalantos de extrema doçura, como um, de origem tupi, no qual se pede emprestado ao Acutipuru, o sono ausente do curumim.

De fato ao embalar, cantarolar, ninar a criança, tranquiliza-la para a chegada do sono, expressando carinho e amor ao inocente como também era chamado, evidencia-se que a música fazia parte deste contexto familiar, contribuindo, com grande relevância, para o perpetuar de certos cuidados e carinhos diante da primeira infância.

Apesar de que muitas crianças eram tratadas com amor, o castigo físico era frequente no dia a dia do Brasil colonial. Iniciou-se a prática que provocava repulsa pelos indígenas e, pelos jesuítas, era explicada como forma de amor. Nos sermões de José de Anchieta havia a pregação de que Deus castigava e dava ofícios para mostrar que amava seus filhos e que quem pecasse deveria ser punido com açoites e castigos. Desta forma Del Priore (1999, p. 97) coloca que a partir da segunda metade do século XVIII, com o estabelecimento das chamadas Aulas Régias, a palmatória era o instrumento de correção por excelência: “nem a falta de correção os deixe esquecer-se do respeito que devem conservar a quem os ensina”.

Os jesuítas ensinavam às crianças a cantarem e a tocarem instrumentos como uma maneira de doutrinar. Segundo Chambouleyron (apud PRIORE, 1999, p. 64) “[...] as primeiras referências ao uso da música apareceram menos de um ano após a chegada dos padres, o padre Navarro ensinava os meninos a cantar orações.” Com a chegada dos meninos do Colégio de Jesus dos Meninos Órfãos de Lisboa, entre 1550 e 1551, sob o comando do padre Pero

Domenech, que viera contribuir para a catequese, essa prática da música só cresceu e despertou interesse e admiração por parte de muitas crianças.

## FIGURA 2: JESUÍTAS ENSINANDO



Fonte: Terra Brasileira, [s.p.], 2018.

Embora a música fosse chamativa para as crianças, com a chegada do primeiro bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes, especificamente em junho de 1552, houve a ordenação da redução de sua utilização. Tal coibição se deu posto não haver concordância sobre o fato de que fossem cantadas músicas nacionais e que fossem tocados instrumentos usados pelos índios em comemorações onde eles prevaleceram sobre os seus inimigos.

Mais tarde a música reassumiu seu fervor. As festas que os índios participavam eram animadas com cantos e danças. Era de fundamental relevância a aprendizagem da música, tanto para fixar a doutrina como para fazer as atividades das funções religiosas. Os meninos aprenderam a tocar flauta e a cantar e ajudavam os padres nas missas. Eles disciplinavam-se por meio dos cantos, ladainha, procissões, missas, o corpo era facilmente domado.

Em síntese, o Brasil colônia foi marcado pelo menosprezo às crianças. Lhes tiravam até o direito à vida. Eram considerados dominados, submissos, sendo explorados e, muitas vezes, prisioneiros de sua própria família.

Durante o período imperial, os filhos da realeza se inspiravam nos modelos da Europa em roupas, brinquedos e costumes. Sobre a educação, destaca-se que havia poucas escolas. Portanto, as crianças eram ensinadas por mulheres, geralmente, de origem europeia. De maneira diversa, as crianças pobres cresciam sem acesso a quase nada. Não tinham nenhuma formação escolar e logo que cresciam um pouco, já ajudavam nos trabalhos com o gado, tarefas domésticas e, próximo aos doze anos, já eram tratados como adultos. Brincavam soltas nas ruas, pois não havia escolas, sendo consideradas como endiabradas. A taxa de mortalidade era grande, sem escolher entre as crianças ricas e pobres.

Segundo Rizzini (2011, p. 100), “a preocupação da legislação no Brasil Império acontece em torno do recolhimento de crianças órfãs e abandonadas. Realizavam-se medidas de cunho assistencialista coordenadas pela iniciativa privada com o auxílio religioso.” Percebe-se assim a agregação entre o governo e a igreja.

Naturalmente para aquela época, as crianças negras eram escravas, algumas eram negociadas e outras eram doadas ao nascer. Era dada pouca importância comercial as crianças, mais valorizadas eram suas mães que trabalhavam fortemente nos cafezais e plantações de cana de açúcar.

Quando os pais morriam ou eram vendidos, a criança era reconfortada por parentes, amigos ou padrinhos que lhe batizaram ao nascer. Ela crescia trabalhando, fazendo atividades domésticas, pastoreando o gado e, conforme ia crescendo, seu preço crescia. Seu adestramento acontecia pelas punições e humilhações que sofria constantemente.

Com a mistura das crianças, negras, índias e brancas ocorreu a formação do folclore infantil brasileiro. Brinquedos, mitos, lendas, cantigas de ninar, têm segundo Florestan Fernandes, seu caráter lúdico no canto propriamente dito e não no acalanto, pois é por meio do canto que interagem o adulto e a criança. De acordo com Altman (1999, p. 250) “[...] as brincadeiras de roda têm origem em danças e jogos executados por adultos em histórias infantis.” Mário de Andrade afirma que a cantiga de roda brasileira permanece firmemente europeia e particularmente portuguesa.

Com a chegada da proclamação da República, acreditava-se que este novo regime político seria organizado para assegurar uma sociedade melhor e mais justa neste novo século que iniciava. Mas para a decepção de muitos, este novo século chegou com as maldades, barbaridades e selvagerias contra as crianças e jovens dentro de escolas, fábricas, nas próprias famílias, nos internatos ou mesmo nas ruas entre traficantes e policiais. A difícil vida das

famílias contribuiu para que os pais abandonassem seus filhos, deixando-os à mercê da própria sorte. Com a falta de escolas, alimentação, cuidados, as crianças eram jogadas para a marginalidade, transformando-se em delinquentes. (PRIORE, 1999)

Portanto, sobreviver, para as crianças no tempo da República, também continuou sendo tarefa difícil. Passaram os jovens delinquentes, como eram chamados, de orfanatos para internatos. Nestes lugares conta Passeti (apud PRIORE, 1999, p. 348 e 349):

[...] as crianças são criadas sem vontade própria, têm sua individualidade sufocada pelo coletivo, recebem formação escolar deficiente e não raramente são instruídas para ocupar os escalões inferiores da sociedade. A internação traz o sentimento de revolta no residente porque ali anuncia-se, para ele, a sua exclusão social.

Mais tarde, para apoiar os internos, alguns especialistas sugerem banir estas práticas argumentando outras formas para trabalhar com o abandono e infrações. Após os anos vinte, segundo Passeti (1999, p. 350) “[...] a caridade misericordiosa e privada praticada por instituições religiosas cede lugar às ações governamentais como políticas sociais”.

Infere-se, pois, que tanto a maneira de compreender a criança no mundo como o modo de compreender a criança para a adultice se modificou, com o passar do tempo. Trata-se de uma prática que sugeria invisibilidade que, gradativamente, alterou-se para a observação de possibilidades de direitos peculiares à infância.

### 1.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A primeira política pública que surgiu no Brasil, segundo Freitas (2003), foi pelas organizações intergovernamentais, em especial o UNICEF e a UNESCO que, dentre os anos 50 e 60, projetaram as normas teóricas que guiaram a referência de educação infantil no Brasil. O UNICEF junto aos Ministérios de Assistência Social e MEC procuraram estimular a proposta de serviços de saúde, nutrição, saneamento ambiental, educação e previdência social. (UNICEF, 1980, p. 8) Assim, o UNICEF deixou de preocupar-se só com a saúde e alimentação e começou a fazer parte de projetos educacionais, focando na transferência de princípios morais voltados à criança como um ser integral.

Em 1965, aconteceu no Chile a Conferência de Santiago, que recomendava que os planos nacionais de desenvolvimento contemplassem as necessidades globais da infância e da juventude, inclusive da criança pré-escolar. Além disso, deveriam prever mecanismos de

integração interministerial e a utilização de energias de grupos e movimentos. Esses elementos aperfeiçoados constituiriam as bases das novas propostas da educação pré-escolar no Brasil. (UNICEF, 1968, p. 87-9) Nesta conferência, o Brasil esteve presente pelo Departamento Nacional da Criança (DNCr) e organizou uma descrição sobre o pré-escolar. Estas ideias foram para direcionar o Plano de assistência ao pré-escolar (DNCr,1967) que foi mostrado no I Congresso Interamericano de Educação Pré-escolar, realizado no Rio de Janeiro em 1968. Este documento norteou a pré-escola na década de 70 e 80. (FREITAS, 2003).

Após este projeto da UNICEF apareceu, então, o Projeto Casulo - em 1976 instituído pela LBA, órgão federal de auxílio público. Esta entidade propunha programas voltados para a maternidade e infância. Este projeto fez com que o governo federal marcasse território por meio da propaganda, pois fazia o uso de placas com o símbolo do órgão. Assim o projeto tinha algumas estratégias específicas, tais como o uso de propaganda para usar como promoção diante do povo, valorizar e implementar ações na formação da criança para melhorar a sociedade. O Projeto também proporcionou pequenas aplicações de orçamento em que a comunidade fazia parte para diminuir os gastos.

A LBA se propôs a executar o Projeto Casulo, objetivando o atendimento ao maior número de crianças, com reduzido custo operacional. A operacionalização do projeto prevê a mobilização de entidades governamentais e particulares, além de outros recursos comunitários e seria implantado em todo o território nacional. (LBA, Projeto Casulo, 1977)

A ideia do projeto era de reduzir os gastos e atender o maior número de crianças possível e, com quase quatro anos, prestava serviço a quase um milhão de crianças pobres. Mas logo depois de um ano de funcionamento já eram visíveis às dificuldades de organização: falta de pessoas qualificadas, falta de água nas creches, local físico desapropriado, falta de recursos, de materiais, muitas dificuldades para atender pessoas carentes. Já em 1981, o Ministério da Educação e Cultura instituiu um projeto nacional de educação pré-escolar, parecido com as propostas do Projeto Casulo, degradação de custos por meio do padrão informal.

A Constituição de 1934 trazia em seu texto o direito de todos à educação, em seu artigo 149:

A educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos, cumprindo a estes proporcioná-las a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana. (PASSETI, 1999, p. 360).

Esta constituição significou muito para a educação, mas não durou, pois por motivo do golpe de Estado foi criada uma nova Constituição, a de 1937 que tirou muitos benefícios deste progresso na área da educação. Em 1946 foi feita uma nova Constituição, que falava no artigo 166: “[...] a educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana”. Já o Decreto lei n 8529/46, em seu artigo 39 dizia que o ensino primário deveria ser gratuito e no artigo 41 afirmava que “[...] o ensino primário é obrigatório a todas às crianças com idade entre sete a doze anos”. Mas todas as leis só funcionariam se todos os indivíduos que fazem parte dela se comprometerem no seu propósito. É preciso que se tenha interesse político e receita para aplicá-los.

De acordo com Donzelot (1986, p.150) “[...] em 1956 cria-se o Planejamento Familiar que tem o intuito de evitar os filhos que não são desejados.” Segundo as estatísticas de Hewyer (1986, p.151), dentre os casos de crianças delinquentes, noventa por cento delas são filhos de pais que não as desejavam, não as toleravam. Por outro lado, uma pesquisa feita em Indianópolis, 1950, mostra que as famílias que programaram seus filhos são mais felizes e dispõem de mais interesse para com seus filhos. Em 1962 são criados os grupos de aconselhamento conjugal, suas reuniões são dirigidas pelo psicanalista católico J Lemaire.

Por volta de 1967, de acordo com Donzelot (1986, p. 152) “[...] a lei Neuwirth permite um ensino especial sobre a sexualidade na escola. Todos os grupos da Escola de Pais participaram deste ensino. “Assim este discurso familiar contribui para uma educação discursiva guiada pela psicanálise que colabora para uma vida melhor em sociedade”. Por isso a relação entre escola e família deve ser recíproca, sendo a escola uma continuação da família que ajuda no processo de desenvolvimento de valores e competências. Neste sentido a Escola de Pais entra como uma maneira de concórdia entre educadores e pais. A família que entra em crise, muitas vezes, pelo seu desenvolvimento de costumes e crenças, passa a contar com a ajuda da psicologia e da psicanálise para a resolução desses conflitos. A família detém-se mais nesta nova fase à educação dos filhos e procura tudo o que pode tornar sua convivência mais harmoniosa e tranquila.

Segundo Donzelot (1986):

Keynes [...] mostrou como se poderia organizar a distribuição, por meio do Estado, dos subsídios sociais, de maneira a retomar o consumo, incitar à produção e conjurar, tanto as crises econômicas como as chagas sociais por ela engendradas. Também conseguiu ampliar a esfera do econômico, permitiu integrar o social na regulação geral do mercado, fornecendo às sociedades ocidentais o meio de escapar à alternativa entre liberalismo anárquico e centralismo autoritário. (DONZELOT, 1986, p. 177).

Na verdade, no século XIX, procurou obter-se uma harmonia entre a dificuldade de colocar regras de saúde e educação e a de preservar a emancipação dos indivíduos e a necessidade de crescimento econômico das famílias como independência de autodeterminação.

Em 1988, entra em vigor nossa última e vigente Constituição. Em relação às políticas de atenção à infância, inaugurou-se um novo momento na história da legislação infantil ao reconhecer a criança como cidadã. Ao contemplar o direito das crianças pequenas à educação estabeleceu-se, como dever do Estado, a garantia do atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos. Dessa forma, as creches começaram a fazer parte das políticas públicas enquanto instituições educativas.

A educação é um direito garantido por lei. No artigo 6º coloca: “São direitos sociais à educação, à saúde, à alimentação, o trabalho, à moradia, o lazer, à segurança, à previdência social, à proteção, à maternidade e à infância, à assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

A Constituição Federal de 1988, em seu capítulo III na seção I - Da Educação, artigo 205, declara:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1998).

Este artigo assegura o direito de todos à escolarização. É dever da família e do Estado garantir esta educação. Mas sabemos que, na realidade, não é desta forma que acontece. No Brasil o índice de analfabetos ainda é um número bem significativo.

Falando ainda de educação, o artigo 208, inciso IV, sobre a educação infantil diz, “que deve ser garantido o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”. Todavia, sabemos que muitas crianças encontram-se fora das creches, pois estas geralmente são lotadas, não possuindo vagas para atender a demanda. Os Municípios, de acordo com a Constituição Federal, ainda terão que manter o ensino fundamental e a educação infantil, cabendo aos Estados e ao Distrito Federal, o ensino fundamental e o médio.

A educação como direito de todos, dever do Estado e da família, não precisa acontecer somente nas instituições de ensino. A sociedade organizada por meio das associações, entidades religiosas, pode contribuir com a família e o Estado para educar as pessoas.

Se, por um lado, a constituição vem assegurar o direito à educação, de outro, o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA também prevê proteger à criança e o adolescente. Criado em 13 de julho de 1990 lei nº8.069, tendo a participação de pessoas do Legislativo, do judiciário e do movimento social. Refere-se à educação o capítulo IV no artigo 53: “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. ”E no inciso V: “[...] acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência”.

Mesmo que a lei esteja em vigor, ela não é implantada em sua totalidade, precisando ainda de melhores políticas públicas para fazê-la valer. No artigo 54, fala-se sobre o ensino fundamental e a educação infantil:

É dever de o Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I-ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiverem acesso na idade própria;  
IV-atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;  
VII-atendimento ao ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (BRASIL, ECA, 2012, p. 31).

De acordo com este estatuto, a criança e o adolescente devem ter proteção integral, não tendo carência de nada em suas necessidades básicas. É obrigação da família, do Estado e da sociedade, o importante ato de zelar por estes seres. Garantir o direito à educação, lazer, alimentação, saúde, educação e ainda protegê-los de situações de negligência, intolerâncias e injustiças, seria atribuição de diferentes setores da sociedade.

A família e a escola mantêm distância e não trabalham aliados na educação da criança, falta comunicação, parceria, respeito e competência, para a formação do estudante. É preciso que o Estado garanta mais recursos à educação para que esse direito seja assegurado.

Nos municípios existem também os Conselhos Tutelares, que são responsáveis pela preservação dos direitos das crianças e adolescentes. Esses conselhos são formados por cinco pessoas eleitas pela comunidade e são acionados caso haja alguma ameaça, ou violação dos direitos destes.

A grande conquista da educação infantil, portanto, é representada pelo fato de que essa passou a ser valorizada e identificada como uma fase importantíssima na vida do ser humano. Tal transformação se legitimou a partir da criação da Lei nº9.394 de 20 de dezembro de 1996 – a LDB, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. É conhecida popularmente

como Lei Darci Ribeiro, em homenagem a este importante educador e político brasileiro, que foi um dos principais fomentadores desta lei.

Em seu artigo 1º Da Educação ela estabelece:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB, 1996, p. 1).

No seu inciso 1º e 2º esta lei ainda coloca que “[...] a educação escolar acontece nas instituições próprias de ensino e deverá estar vinculada ao trabalho e a prática social”. A educação é uma continuidade do processo de formação iniciado na família e ela pode acontecer em vários lugares de interação, em experiências coletivas que contribuem para a formação integral do indivíduo.

Sobre a educação infantil, encontramos, na Seção, no artigo 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade. (LDB, 1996, p. 17).

Estabelece que “a educação infantil será disponibilizada em creches, para crianças de até três anos de idade e a pré-escola, para crianças de quatro a seis anos de idade. A avaliação se dará por intermédio de observação e registro do desenvolvimento da criança”. (LDB, 1996, p. 17).

É importante ressaltar que o município tem total responsabilidade com a educação infantil, sendo que o governo federal e estadual deverão dar auxílio financeiro e técnico ao município. É necessário que a educação infantil proporcione o desenvolvimento integral da criança não se esquecendo do seu papel de cuidar e educar. Como é uma continuidade da família, deve estar harmonizada e promover comunicação direta com esta e com toda a comunidade também, contribuindo para uma melhor relação em sociedade. O profissional da educação infantil fará a avaliação da criança por meio de acompanhamento e registro do desenvolvimento desta, analisando sua prática, procurando atingir seus objetivos., levando-se em consideração que a criança é formadora de cultura, interage no coletivo, construindo conhecimento por meio de experiências.

Em 2010, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil nos mostram:

Primeira etapa da educação básica, quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2010, p. 12).

O exercício da educação infantil vem discutir e nortear as práticas pedagógicas buscando intermediar a aprendizagem fomentando a construção de saberes. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil encontram-se três princípios os quais devem ser respeitados:

- Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.
- Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
- Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2010, p.16).

Estes três princípios devem nortear o sistema de ensino da Educação Infantil. Este ambiente deve proporcionar acima de tudo, autonomia, respeito, compreensão, harmonia, companheirismo, confiança e principalmente respeito às diferenças. No cumprimento das Diretrizes é preciso que a convivência entre família e escola seja harmoniosa, pois é necessário partilhar e valorizar com comprometimento à educação das crianças.

A proposta curricular da Educação Infantil precisa ter como eixos que orientam as práticas pedagógicas as interações e a brincadeira, tudo deve girar em torno dessas duas palavras. A educação infantil deve proporcionar momentos de expressão, movimentos, domínio das linguagens, orientações espaciais, autonomia, bem estar, exploração, encantamento, cuidado e preservação, não se esquecendo da diversidade cultural que ela deve promover.

## 2 A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música, na educação infantil, é de total importância. Os conteúdos poderão ser trabalhados de forma lúdica, com o professor falando, brincando e cantando com as crianças. Assim elas aprimoram a capacidade de atenção, tornando-se capazes de ouvir sons e reproduzi-los.

Para Britto (2013), a criança - aos poucos - começa a cantar com maior precisão de entoação e a reproduzir ritmo simples orientado por um pulso regular. Os batimentos rítmicos corporais (palmas, batidas nas pernas) são observados e reproduzidos com cuidado, e, evidentemente, a maior ou menor complexidade das estruturas rítmicas dependerá do nível de desenvolvimento de cada criança ou grupo.

A música favorece o desenvolvimento do ser humano. Como se observa no Referencial Curricular Nacional (RCN) para a Educação Infantil, compreende-se o objetivo do trabalho com a música em ambiente escolar:

O trabalho com a Música proposto por este documento fundamenta-se nesses estudos, de modo a vivenciar e refletir sobre questões musicais, num exercício sensível e expressivo que também oferece condições para o desenvolvimento de habilidades de formulação de hipóteses e elaboração de conceitos. (BRASIL, 1998b, p. 50).

Por meio da música a criança vivencia experiências, constrói saberes, desenvolve talentos, trabalhando seus sentimentos como processo de reflexão. Ela propicia ainda o desenvolvimento da linguagem e a harmonia da convivência em grupo. Segundo o RCN (1998, p.49), o trabalho com a música é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão do equilíbrio, da autoestima e do autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social.

Desde há muito tempo a música faz parte de todas as culturas. Na Grécia Antiga já era considerada essencial para a construção dos futuros cidadãos ao lado da Matemática e da Filosofia (BEXER, 1999). É ainda observada a importância da música na Educação Infantil fundamentado nos RCNEI:

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si

só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (BRASIL, 1998c, p. 45).

O mesmo Referencial Curricular ainda ressalta:

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação do cidadão, é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisações, dentro e fora da sala de aula. Isso exige que atividades musicais, estejam inseridas nas práticas educativas dos professores. (BRASIL, 1998, p. 103).

A música tem sua especial presença na educação infantil pois, além da ludicidade, ela caracteriza a liberdade do ser humano, a capacidade de interação e socialização, embora, muitas vezes, ela seja usada como uma prática utilitarista e rotineira pela escola.

É necessário que se apresente à criança diferentes canções para que ela conheça variedades musicais articuladas com o contexto escolar em que se encontra. Todavia, sabemos que a maioria dos profissionais da educação infantil não tem formação específica em música, mas a trabalham como um alicerce complementando os temas abordados. Estes professores poderiam ser orientados por especialistas para realizarem um trabalho musical significativo com seus alunos. Ambos deveriam trabalhar integrados para um trabalho musical de qualidade.

No que diz respeito ao trabalho com a música no dia a dia da educação infantil, Brito (2003) acredita que:

Obviamente, o trabalho realizado na área da música reflete problemas que somam à ausência de profissionais especializados a pouca (ou nenhuma) formação musical dos educadores responsáveis pela educação infantil. Consequência de um sistema que se descuidou quase por completo da educação estética de muitas gerações. Reflete, igualmente, a necessidade de repensar a concepção enraizada, e muitas vezes ultrapassada, que se tem de música, assim como a necessidade de conhecer e respeitar o processo de desenvolvimento musical das crianças [...]. Para a grande maioria das pessoas, incluindo os educadores e educadoras (especializados ou não), a música era (e é) entendida como 'algo pronto', cabendo a nós a tarefa máxima de interpretá-la. Ensinar música, a partir dessa óptica, significa ensinar a reproduzir e interpretar músicas, desconsiderando a possibilidade de experimentar, improvisar, inventar como ferramenta pedagógica de fundamental importância no processo de construção de conhecimento musical. (BRITO, 2003, p. 52).

Neste sentido, percebe-se que a música no ambiente da educação infantil não está relacionada como área de conhecimento, mas sim como reforço a outros objetivos. Torres (1998) considera que quem deve ensinar música na Educação Infantil “[...] deve ser um professor que saiba criar e oportunizar situações que favoreçam as atividades musicais, podendo ser especialista ou não.” (TORRES, 1998,p.137) Para a autora é preciso a valorização e a

efetivação da educação musical em curso de magistério e graduação em pedagogia, e a orientação do professor especialista em música ajudando o professor nas suas atividades pedagógicas-musicais. (TORRES, 1998).

As crianças convivem com a música desde muito cedo; o contato com os adultos, familiares e professores permitem que eles interajam e construam sons e ritmos, capazes de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e afetivo no processo de aprendizagem. Reforçando esta ideia, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) destaca que:

O ambiente sonoro, assim como a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês e crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlendas, etc., reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem. Encantados com o que ouvem, os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos tanto com os adultos quanto com a música. (RCNEI, 1988 , v.3, p. 51).

A música permite a aproximação das pessoas. O convívio construído por meio da linguagem e brincadeiras proporciona prazer e encantamento, sendo fundamental para o desenvolvimento sadio da criança. Desta maneira, Brito (1995) afirma que a música contribui para a formação da personalidade da criança. Assim, caracteriza-se como um importante meio de exercício de expressão, da reflexão, habilidades motoras, perceptivas, intelectuais, podendo contribuir para a formação de seres humanos mais harmoniosos e equilibrados.

O professor interessado, segundo Ponso (2014), deve buscar sempre novas fontes sonoras e estar atento ao que os alunos cantam, aos desenhos preferidos e ouvir os CDs que os alunos trazem. Com essa postura poderá contribuir com outras tantas fontes sonoras que são pensadas, criadas e gravadas, especialmente para aquela faixa etária, mas muitas vezes estão fora do mercado e da veiculação em massa.

## 2.1 A RIQUEZA DA MÚSICA BRASILEIRA

No Brasil a música constituiu-se com o agrupamento dos africanos, europeus e indígenas que vieram com os colonizadores portugueses. Com o decorrer da história outros estilos musicais surgiram. Quando os portugueses chegaram aqui no Brasil os nativos já

cantavam e dançavam com alguns instrumentos. A música brasileira representa a mistura de muitas culturas.

Os padres Jesuítas foram os primeiros mestres a ensinar música aos índios por meio das Missões. Ensinava-se a música vocal e instrumental. O padre José de Anchieta (1534-1597) elaborava teatros para ensinar religião aos índios. Portugal ainda representou as raízes da música brasileira, erudita e popular, pois trouxe a música instrumental, harmônica e a literatura musical.

Em julho de 1559, relata o padre Nóbrega, na aldeia de São Paulo - que ficava na Bahia, que os meninos pescavam pela manhã para ajudarem seus pais. Para a escola, iam ao período da tarde, ficando de três a quatro horas. De acordo com Del Priore (1999):

Depois da escola, havia doutrina para todos da aldeia, que acabava com ‘Salve, pelos meninos e a Ave Maria’. Finalmente, à noite, se tange o sino e os meninos cantados têm o cuidado de ensinarem a doutrina a seus pais e mais velhos e velhas, os quais não podem tantas vezes ir à igreja, e é grande a consolação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se glória ao nome de Jesus. (DEL PRIORE, 1999, p. 62).

Portanto a cultura da música já era desenvolvida mesmo antes da chegada dos jesuítas no Brasil, embora tenha sido fortemente explorada no sentido de colaborar para a catequização dos meninos que repassavam tudo o que aprendiam aos pais. Ensinavam a cantar e tocar instrumentos, como meio para ensinar os princípios e os bons costumes.

Com o passar do tempo, com as experiências culturais com outros países, vieram para o Brasil as óperas italianas e francesas, as danças típicas de outros países como o bolero e as valsas, contribuindo para a construção do diverso repertório brasileiro.

Mais ou menos em 1808 ganhou visibilidade o grande compositor brasileiro, padre José Mauricio Nunes Garcia, e Gabriel Fernandes da Trindade, que compunham modinhas. Em seguida veio Francisco Manuel da Silva, discípulo do Padre José Mauricio e seu sucessor na Capela, que foi o fundador do Conservatório de Música do Rio de Janeiro e autor do Hino Nacional Brasileiro. Nesta época do romantismo, o maior compositor foi Antônio Carlos Gomes que compôs óperas com temas nacionalistas como o “Guarani” e “O Escravo”. O mais famoso, no entanto, foi Heitor Villa Lobos, pois introduziu o folclore brasileiro. Apaixonado pela música, destacava-se em suas habilidades com o violão e grandes recursos de orquestra, música vocal e instrumental. Ele, junto com o governo central, conseguiu colocar o ensino do

canto orfeônico nas escolas de nível médio. De Heitor Villa Lobos podemos destacar as obras Os Choros, As Bachianas Brasileiras, A Prole e o Bebê entre outras.

Com o passar do tempo, por volta de 1939, apareceram outras músicas que proporcionaram e respeitaram a livre invenção dos indivíduos. Após isso, surge uma música independente mais regionalizada, a música instrumental se apropria de elementos novos como os já conceituados. Hoje ainda, a música erudita admite ter pouco apoio, os grupos de nível internacional são a minoria e poucos também são financiados por grandes empresas.

Na música popular, os negros escravos tiveram uma grande importância para a música brasileira, foram ensinados musicalmente para constituírem orquestras e bandas, mostrando uma aptidão musical. Depois do século 18, eles agruparam-se em negros e mulatos, inspirando danças, diversidade de ritmos e instrumentos contribuindo após o século 20 para a música folclórica. No século 17 ainda, chegou ao Brasil o lundu: dança africana. A princípio não era cantado, só tocado. Mais tarde tornou-se canção urbana. O cateretê surgiu também como dança, mas era de origem indígena.

Nos séculos 18 e 19 surgiu a modinha, de caráter português, sendo de natureza sentimental, assistida apenas de uma viola ou guitarra, era tocada nos saraus de aristocratas, às vezes era acompanhada por flautas e instrumentos. Em 1880 surgiu o choro, cuja principal característica era o improvisado. Dos instrumentos característicos, faziam parte uma flauta, um cavaquinho e um violão. Seus anunciadores foram Joaquim Antônio da Silva Calado, Anacleto de Medeiros, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth e Pixinguinha.

Em 1838 surge o samba, ritmo africano que reúne modinha, maxixe e lundu. A palavra significava uma diversidade de danças de origem negra. Aos poucos o samba era identificado por vários tipos de batuques e cada região tinha suas próprias características sendo apreciado por pessoas humildes; em 1912 foi conceituado como representante da música popular brasileira. O samba é cantado com acompanhamento de instrumentos de corda, como o cavaquinho e o violão, palmas e batuque. Ainda com o passar do tempo surgiram outras tendências do samba como o samba de breque, samba-canção, bossa nova, samba rock, pagode e outros mais. O samba no exterior assume o símbolo nacional brasileiro, como o futebol e o carnaval.

Mas, em 1940, Hans-Joachim Koellreutter musicólogo e professor alemão, naturalizado brasileiro, ajudou a fundar a Orquestra Sinfônica Brasileiro sendo o primeiro

flautista. Seus estudos priorizavam a importância da música na vida humana, considerando-a como um instrumento de educação.

No final dos anos 50 surgiu a Bossa Nova que movimentou as cidades. Essa nova proposta de musicalidade era prioritariamente composta por universitários e músicos. A princípio, era só um estilo diferente de cantar o samba mas, depois, foram agregados elementos do Jazz e do impressionismo musical de Debussy e Ravel, com sustentação na voz solo e no piano ou no violão, para acompanhamento. As maiores vozes desta época são Nara Leão, Carlos Lyra, João Gilberto, Toquinho, Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Maysa Matarazzo.

Na década de 60, após a bossa nova, outros gêneros se agregaram ao samba, como o rock e o funk, onde vários artistas fizeram parte destes ritmos, surgindo então a Música Popular Brasileira. Aí surgiram muitos artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Edu Lobo, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Tim Maia, Wanderléia e outros.

Na década de 70, houve mais mudanças e os músicos que compunham músicas românticas foram chamados de bregas. Nos anos 80 surge o rock, com vários estilos. Faziam parte deste estilo às bandas: Blitz, Paralamas do Sucesso, Titãs, Ultraje a Rigor e Legião Urbana, que ainda hoje possuem milhares de fãs.

Nos anos 90 apareceram diversos ritmos como pagode, sertanejo, axé, lambada e outros. Ainda encontramos, além da música Clássica e da Música Popular Brasileira, a música folclórica que é propagada de geração em geração em todas as partes do Brasil, estando atrelada às festividades, lendas e mitos que caracterizam cada região.

De acordo com Foucault (2014), na canção popular, as compositoras brasileiras se revoltaram contra as condutas estabelecidas. Essa revolta tendo influenciado diretamente na composição de suas músicas. Nos governos autoritários reina o sistema patriarcal. Mas o movimento feminista luta pela equidade de direitos entre homens e mulheres. Para Foucault (2014), as compositoras brasileiras se encontram melhor no conceito de contra conduta, pois são decididas a não acatar as intimidações que sofrem por serem feministas. Muitas compositoras brasileiras já escreveram músicas respondendo à provocações de outros compositores. Pensava-se que as mulheres não eram capazes de criar e pensar em nada em termos artísticos, é como se a música não devesse fazer parte da vida de uma mulher. Isso tudo era imposto pelo patriarcado. Seria necessário que a mulher fosse assujeitada e inferiorizada pelo homem. Seria imprescindível, para manter o *status quo*, que fosse respeitada esta hierarquia tradicional para que funcionasse tudo em perfeita harmonia, politicamente. A mulher

não poderia ameaçar o homem forte, heroico, pois ele era considerado imbatível e deveria ser preservado e idolatrado, para que não lembrassem que este passaria de um simples mortal.

Portanto, na educação infantil, a música deve ser, prioritariamente, trabalhada como conceito em construção, organizada num processo contínuo e integrado. A música integra melodia, ritmo e harmonia, sendo um excelente meio para o desenvolvimento da audição. Através da vivência musical a criança também desenvolve a linguagem verbal, aprende a se expressar, é estimulada a resolver problemas e exercita a memória e a atenção. É por isso que especialistas da área médica prescrevem a prática da música como combate ao stress.

A prática musical desenvolve ainda a concentração e o raciocínio estimula a fluência e a desenvoltura e trabalha a coordenação motora.

É na educação infantil que se deve dar a iniciação musical através de atividades lúdicas e na apreciação de diferentes sons, estilos e ritmos. Ao apresentar a nossa cultura e tradição, é possível contribuirmos na criação de cidadãos felizes e realizados para uma sociedade mais tranquila e mais fraterna.

## 2.2 O ESPAÇO DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o currículo de ensino médio foi alterado dando acesso à música, no Brasil. Porém, durante todos esses anos, a facultativa disciplina de música não faz seu papel de disciplina e apenas contribui como adereço ou decoração em eventos especiais, ficando em segundo plano no ambiente escolar e passando a ser estudada somente nos ambientes acadêmicos para profissionalização. Assim muitos professores davam aulas particulares em suas casas.

Dos anos de 1930 até os anos de 1960, no entanto, o fazer musical no sistema oficial de ensino era chamado de Canto Orfeônico que, por meio da predominância dos hinos patrióticos, assumia claramente objetivos de formação cívica e moral. Assim era a iniciação musical, realizada predominantemente na rede privada de ensino, em pequenos grupos com canções folclóricas. (FUKS, 2007).

Após os anos 80 iniciou-se um tempo de valorização das artes em especial a música, não só como bem de consumo, mas como algo que precisa fazer parte do processo da educação. A educação musical passou a ser importante para a sociedade, como sendo indispensável para o crescimento humano.

Encontra-se a definição de música de acordo com o dicionário de filosofia de Nicolas Abbagnano (ABBAGNANO, 2007, p. 700) duas definições filosóficas fundamentais:

A primeira considera-a como revelação de uma realidade privilegiada e divina ao homem: revelação que pode assumir a forma do conhecimento ou do sentimento. A segunda considera-a como uma técnica ou um conjunto de técnicas expressivas que concernem à sintaxe dos sons.

Na primeira definição de Abbagnano percebe-se na música uma influência sublime e gloriosa, que proporciona um equilíbrio à humanidade, revelando-se como emoção, inspiração. “[...] Platão reprovava os músicos que procuravam novos acordes nos instrumentos” (Rep. VII 531. b). Já Plotino acreditava que a música era um meio para alcançar Deus, usando de pensamentos filosóficos para crer mesmo no que não se vê.

Em Nozze di Mercurio e della filologia. Marciano Capella, já contemplava a música entre as artes liberais fazendo-a a pertencer ao suporte da educação. Dante relacionava música “[...] ao planeta Marte, ele está no centro dos outros planetas e muito caloroso, como a música considerada doce e harmoniosa”. (Cotiv. II, 14) Segundo Scopenhauer, enquanto a arte é a objetivação da vontade de viver em tipos ou formas universais, que cada arte reproduz à sua maneira, a música é a revelação imediata ou direta desta mesma vontade de viver. “A música não é, portanto como as outras artes, a imagem das ideias, mas sim a imagem da própria Vontade, da qual as ideias são objetivadas, sendo o efeito da música mais potente e insinuante”. (DIEWELT, 1819, I, § 52)

De acordo com Aristóteles “[...] a música não deve ser praticada por um único tipo de benefício que dela possa resultar, mas para usos múltiplos, pois pode servir para a educação, para a catarse e, em terceiro lugar, para o repouso, o alívio da alma e a suspensão de todos os afãs”. A impressão é que esse conceito descarta a interpretação filosófica da música. Mas, na verdade, ele mostra que a música é um conjunto de procedimentos expressivos que podem ser usados de formas variadas. Do mesmo modo que para Vicente Galilei (1581, *apud* Fano, 1947, p. 95-96):

O uso da música foi introduzido pelos homens para o respeito e o fim indicado de comum acordo pelos sábios, de outra coisa não nasceu senão, principalmente, da necessidade de expressar com mais eficácia os conceitos do espírito deles ao celebrarem os louvores, a Deus, aos gênios e aos heróis, como se pode em parte compreender nos cantochãos e cantos eclesiásticos, origem desta nossa (M.) a várias vozes, e imprimí-los, a seguir, com idêntica força nas mentes cios mortais, para a utilidade e a comodidade deles.

Nestas palavras de Galilei se percebe as características expressivas das estratégias musicais modernizando a música. “Portanto o com a segunda definição ela é conceituada como arte agradável”. (Crít. Do Juízo. § SI, apud ABAGNANO, 2007)

Assim percebendo a música como essencial para o ser humano, obviamente um novo olhar veio a afirmar os estudos em educação musical nos cursos de pós-graduação e contribuiu para a criação da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) em 1991. Por meio desses esforços e lutas dos educadores musicais, mesmo que o ensino musical ainda não aconteça de forma oficial nas escolas, os estudiosos desta área estão investindo e contribuindo para a pesquisa científica. (SOUZA, 2007)

Hoje se enfatiza muito nas pesquisas sobre a música a sua contribuição e sua importância para a formação do sujeito. Portanto, ela deve ser vista como educação musical e não como simples aprendizado musical.

Segundo pesquisas feitas abordando a aula de música convencional trabalhada por meio de teorias e exercícios para aprender a ler notas, deixa-se cada vez mais lugar para outro tipo de ensino musical. A ansiedade dos educadores musicais, hoje, é de ampliar a área de atuação contribuindo para as expressões culturais, buscando os diversos espaços onde ela se encontra e não somente no ambiente escolar. (SOUZA, 2001)

Portanto, é preciso que se pense como trabalhar com alunos mais adeptos do repertório musical que se encontra na mídia e mais convictos das suas perspectivas de aprendizagem.

A realidade da música no Brasil atualmente não é trabalhada só como um meio de formação artístico-cultural. Ao contrário, ela é vista como um dispositivo que contribui para a formação integral, pois além da vontade de aprender música, ainda busca como um meio de interação social, de lazer e diversão. Por meio da música a diversidade cultural brasileira se consolida.

É importante apresentar às crianças canções do cancionário popular infantil, da música popular brasileira, cuidando, também, para que os textos sejam adequados à sua compreensão. Letras muito complexas, que exigem muita atenção das crianças para a interpretação, acabam por comprometer a realização musical. O mesmo acontece quando se associa o cantar ao excesso de gestos marcado pelo professor, que fazem com que as crianças parem de cantar para realizá-los, contrariando sua tendência natural de integrar a expressão musical e corporal.

A expressão musical das crianças nesta fase é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivo e afetivo pela exploração dos materiais sonoros. As crianças integram a música às

demais brincadeiras e jogos: cantam enquanto brincam, acompanham os sons e movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, conferindo personalidade e significados simbólicos aos objetos sonoros ou instrumentos musicais e à sua produção musical.

As brincadeiras cantadas infantis são, talvez, uma das primeiras manifestações do jogo musical com regras. Trata-se de fazer entrar uma frase em um molde rítmico. Essa conduta é bastante comparável àquela que consiste no momento em que a gente passeia na calçada, evitando andar sobre as linhas da pavimentação (conduta muito sofisticada encontrada no jogo da amarelinha). Mas organizar a música, ou organizá-la entre as crianças quando ela é produzida, é uma preocupação que toma sua verdadeira dimensão na criação coletiva.

Para Delalande:

Os três grandes fatores que caracterizam as condutas dos músicos são sucessivamente dominados pela criança: a exploração das fontes e as pesquisas sonoras, a expressão da vida afetiva e, geralmente, a representação, enfim, a organização das ideias entre tais, então a forma. [...] (DELALANDE, 2000, p. 51)

A pesquisa de Delalande pode nos auxiliar a conhecer melhor o modo como às crianças se relacionam com o universo de sons e música, é importante lembrar que cada criança é única e que percorre seu próprio caminho no sentido da construção do seu conhecimento, em toda e qualquer área.

Neste sentido, importa prioritariamente a criança, o sujeito da experiência, e não a música, como muitas situações de ensino musical insistem em considerar. A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje. A criança é uma boa improvisadora, cantando histórias, misturando ideias ou trechos dos materiais conhecidos, recriando, adaptando etc. É comum que, brincando sozinha, invente longas canções.

Além de cantar, a criança tem interesse, também, em tocar pequenas linhas melódicas nos instrumentos musicais, buscando entender sua construção. Torna-se muito importante saber reproduzir ou compor uma melodia, mesmo que usando dois sons diferentes e percebe o fato de que para cantar ou tocar uma melodia é preciso respeitar uma ordem, à semelhança do que ocorre com a escrita de palavras. A audição pode detalhar mais e o interesse por muitos e variados estilos tende a se ampliar. Se a produção musical veiculada pela mídia lhe interessa, também se mostra receptiva a diferentes gêneros e estilos musicais, quando tem a possibilidade de conhecê-los.

É importante oferecer, também, a oportunidade de ouvir música sem texto, não limitando o contato musical da criança com a canção que, apesar de muito importante, não se constitui em única possibilidade. Por integrar poesia e música, a canção remete sempre ao conteúdo da letra. Por outro lado, o contato com a música instrumental ou vocal sem um texto definido abre a possibilidade de trabalhar outras maneiras. As crianças podem perceber, sentir e ouvir, deixando-se guiar pela sensibilidade, pela imaginação e pela sensação que a música lhe sugere e comunica. Poderão ser apresentadas partes de composições ou peças breves, danças e repertório da música chamada descritiva, assim como aquelas que foram criadas visando à apreciação musical infantil.

A produção musical de cada região do país é muito rica, de modo que se pode encontrar vasto material para o desenvolvimento do trabalho com as crianças. Nos grandes centros urbanos, a música tradicional popular vem perdendo sua força e é válido que os professores pensem e hajam voltados para a possibilidade de resgatar e aproximar as crianças dos valores musicais de sua cultura.

As músicas de outros países também devem ser apresentadas e a linguagem musical deve ser tratada e entendida em sua totalidade: como linguagem presente em todas as culturas, que traz consigo a marca de cada criador, cada povo, cada época. O contato das crianças com produções musicais diversas deve, também, prepará-las para compreender a linguagem musical como forma de expressão individual e coletiva como maneira de interpretar o mundo.

A música faz parte da vida de todos. É através dela que podemos vivenciar experiências de alegria, tristeza, dor ou prazer. Ela também nos proporciona sonhar, sentir, imaginar, nos permitindo reinventar e criar. A música é comunicação e reflexão.

### 2.3 A MÚSICA E A PESSOA

A música faz parte da vida do ser humano. Desde o nascimento até a morte, proporciona expressão por meio da voz, sentimentos de liberdade de pensamento, criatividade e desinibição. Ao nascer e mesmo no ventre da mãe, o bebê já ouve melodias que o acalmam e o fazem reconhecer o ambiente após o nascimento. Quando cresce, habitua-se à música nos diferentes ambientes, na escola, na igreja, nos shows, nas praças, na televisão e no rádio. Tudo contribui para que a música faça parte da sociedade e da vida do indivíduo.

A música acalma, liberta, expressa o que o coração sente, transmite amor, sinceridade e paz. É o som suave que proporciona aos ouvidos a calma que o coração almeja, o afago que necessita na hora do desespero. Música é expressão corporal, ritmo, melodia, prazer.

É no contato com a música que a criança desenvolve a linguagem, a audição e exercita a memória. Por meio da música pode-se combater o stress, aliviar o cansaço e viajar no mundo da imaginação. Ela contribui ainda para desenvolver a concentração e o raciocínio, trabalhando a interação e o convívio social estimulando gostos e preferências musicais.

A música é capaz de potencializar o processo de comunicação e reflexão, podendo contribuir para formação integral do indivíduo. Tem o poder de tornar o indivíduo mais paciente e harmonioso consigo mesmo e com os outros. Ajuda na construção de seres mais felizes e autônomos.

A cultura de um povo é determinada por meio de suas músicas. Elas dizem o que o povo pensa e o que o povo é. Cada povo, cada época, tem suas preferências e seus compositores também.

### 3 HISTORAR O ESPAÇO FOUCAULTIANO SOBRE A MÚSICA, A ARTE E A FORMAÇÃO HUMANA

Neste capítulo serão abordados pensamento e obras do filósofo Michel Foucault a respeito da dominação dos sujeitos e o controle de corpos.

Michel Foucault foi um intelectual, filho de pais médicos, de classe média alta, respeitado e admirado por seus companheiros que lhe chamavam de raposa devido a sua grande inteligência. Foi um militante político, contribuindo em várias áreas do conhecimento tais como a filosofia, psiquiatria, a política, sociologia e artes.

FIGURA 3: MICHEL FOUCAULT



Fonte: <https://amenteemaravilhosa.com.br/5-frases-de-michel-foucault/>

Gostava muito da filosofia e da literatura, mesmo tendo se graduado em psicologia. Começou a trabalhar na França e na Tunísia, como professor, trabalhando nos anos de 1970 até 1984 no College de France. Suas aulas eram repletas de alunos que concorriam para assistí-lo. Mais tarde, tiveram que mudar para um auditório onde todos pudessem participar.

Foucault teve como mestres Jean Hippolite e Lois Althusser, sendo que assumiu o lugar do seu mestre Jean, após seu falecimento. O que caracterizava seu pensamento era os discursos, as relações de poder capitalista. Segundo ele, a história mostra que a dominação, a disciplina adentra o homem e o corpo precisa de técnicas de orientação, delimitação, para transformar o homem em trabalho produtivo. As relações humanas são relações de dominação, o poder é algo que é praticado e produz efeito nos dominados, produzindo resistência, sendo

mais cômodo para o dominado não lutar para transformar. Para ele a história não tem continuidade, não há objetos que durarão para sempre. Nada é eterno, nem os saberes, nem os métodos e nem mesmo os sujeitos.

### 3.1 OS DIVERSOS ÂMBITOS DO CUIDADO DE SI

De acordo com Foucault (1985), o texto de Artemidoro, uma literatura da Antiguidade, foi escrito no século II d.c. Esse estudioso menciona várias obras que estavam sendo estudadas em seu tempo. Artemidoro, de acordo com Foucault (1985) “dedicou todo o seu tempo com a interpretação dos sonhos. Ele fez uma produção escrita sobre método, para que fosse usado no dia a dia e, também um acordo provável sobre a garantia dos sistemas de compreensão.” A investigação dos sonhos fazia parte dos métodos da vivência: alguns sonhos eram interpretados como um aviso sobre o futuro, sendo necessário traduzi-los.

Isso fazia parte da velha cultura popular. Acreditava-se que, por meio dos sonhos, os deuses faziam recomendações, aconselhamentos e também ordenavam algo. Pensava-se ainda, de acordo com Sinésio, que nossos sonhos nos acompanhavam onde íamos e crer que o sonho seria algo como um profeta, alguém a nos guiar. Assim é que Artemidoro escreve *A Chave dos Sonhos*.

Seu objetivo com este livro era mostrar ao leitor como interpretar seus sonhos, decifrar signos, querendo ajudar aqueles que foram prejudicados por formas erradas de interpretação, se distanciando dessa prática tão magnífica que é a interpretação dos sonhos. Neste livro, ele coloca seus estudos e investigações. Na dedicatória a Cássios, ele quer provar aos que não creem em sonhos, por meio de uma discussão de método, a sua existência. Ele compara o testemunho com a prática, em forma de inquérito, verificação e método de análise. Artemidoro chama de oneiros que são sonhos que agem sobre a alma e a estimula,. O sonho modela a alma, proporciona movimentação que condiz ao que lhe é apresentado. Da mesma forma que os sonhos do desejo expressam a alma em seu estado normal, eles também demonstram o futuro do acontecido na organização do mundo.

Nos sonhos ainda pode-se perceber duas posições: o que se percebe de forma clara, que não precisa de interpretação; e o que se percebe de modo figurado e com outras imagens. Nos sonhos de estado, o desejo pode ser reconhecido pelo seu objeto, como ver no sonho a mulher que deseja; já o sonho de acontecimento pode acontecer ou mostrar o que acontecerá no

futuro, como ver afundar o navio que naufragará mais tarde. Mas como diferenciar estes dois tipos de sonho? Por isso, segundo Foucault (1985), Artemidoro coloca que é importante perguntar-se sobre a pessoa sonhadora. Segundo ele, os sonhos de estado não poderiam se realizar em almas honestas, integras, pois estas conseguem dominar seus medos, paixões, conseguem manter suas estruturas em equilíbrio entre a falta e o excesso, assim para estes não há transtorno, tumulto.

Em relação aos sonhos de acontecimentos, como se podem diferenciar aqueles que são lúcidos, daqueles que se manifesta por meio de acontecimentos diferentes daquilo que apresentam? Os sonhos lúcidos anunciam um fato que acontecerá na realidade e já os sonhos alegóricos, precisa-se estudá-los para depois entendê-los. As almas virtuosas, que possuem somente sonhos de acontecimentos, só reconhecem as visões dos sonhos teomáticos, lembrando que fazia parte da tradição aceitar que os deuses falavam diretamente às almas puras. Artemidoro, segundo Foucault (1985) “coloca que a decifração da alegoria onírica se faz por meio de semelhança.” A semelhança de natureza entre imagem e os elementos do futuro que ela anuncia poderá ser revelada por vários meios como: identidade qualitativa (sonhar com passar mal poderá significar um mau estado futuro da saúde ou da riqueza, sonhar com lama significa que o corpo será repleto de substâncias nocivas); parentesco simbólico (sonhar com um leão é signo de vitória para o atleta; sonhar com tempestade é signo de desgraça).

Ainda há semelhança de valor, permitindo ao sujeito a análise da possibilidade de as ocorrências serem positivas ou não. Nos escritos do filósofo, o significado dos sonhos são apontados, pela divisão do bom e do mau, o feliz e o infeliz. É difícil medir este valor do sonho, por isso ele propõe seis critérios, pergunta: O ato representado é de acordo com a natureza? É de acordo com a lei? Regras, costumes, atividades que permitam atingir objetivos? Será concebido no momento e circunstâncias que convém? E em relação ao seu nome é de bom augúrio? Geralmente todos os sonhos de acordo com a arte, a natureza, os costumes são de bom augúrio e os sonhos de visão contrária são prejudiciais. Por isso há em volta dos signos e significados bons ou maus um limite de variações possíveis. Portanto ele coloca aqui neste texto as duas regras da forma de prever o futuro por meio do sonho, o sonho mostra o acontecimento, felicidade ou infelicidade que irá mostrar a moral do sujeito por meio de uma semelhança com o seu modo de ser, bom ou mau enquanto parte no cenário sexual do sonho.

O filósofo, em seus textos, escreve quatro capítulos sobre os sonhos sexuais. Escrevendo sua análise ele diferencia três tipos de atos: aqueles que são conforme a lei — *kata*

*nomon* —, aqueles que lhe são contrários — *para nomon* — e os que são contrários à natureza — *para phusin* —.

A princípio trataremos os atos conforme à lei, o adultério e o casamento, a frequência de prostitutas, o recurso aos escravos da casa. É necessário que o sentido, previsão do sonho, o valor moral do sonho, é a condição ou o status social da parceira ou do outro.

No texto ele elenca os três tipos de mulheres que fazem parte da vida: a esposa, a amante, a prostituta. Quando se sonha em ter relação com a esposa é positivo, propício, já que a esposa está ocupando um lugar reconhecido e legítimo; entre a mulher e a amante não há nenhuma diferença. Em relação às prostitutas a análise é bem estranha: vista como objeto que proporciona prazer, tem um valor positivo, em contrapartida existe constrangimento e gastos financeiros, demonstrando um valor negativo.

Com as mulheres, mulher-amante-prostituta, relembra que o sonho dá certo para o futuro como ela é vista socialmente: se ela é rica e está bem arrumada, o sonho é algo rentável, produtivo, já se ela é velha, feia e pobre o sonho é desvantajoso. Sonhar ainda com serviços e escravos proporciona prazer com posses que se reverte em bens maiores.

Nos grupos das relações, o sonho que se tem relação com uma mulher conhecida é favorável se for solteira. Caso se trate de mulher casada, o sonho é desvantajoso e, deste modo, o sonhador poderá ser castigado no futuro.

De acordo com as ideias do pesquisador, no último grupo de sonhos evidencia-se a masturbação. Estes sonhos referem-se ao tema da escravidão: pois é um serviço que o serviçal se beneficia, as mãos obedecem ao que o mestre manda.

Com relação ao incesto, segundo o filósofo (1985) “Artemidoro conceitua contrário da lei. O significado é sempre desvantajoso quando o pai no seu sonho tem relação com o filho ou com a filha. Este tipo de sonho só é bom quando o pai faz uma viagem com o filho e pratica alguma atividade com o filho.” O poder sexual do pai sobre o filho significa agressividade e confusão.

Nas investigações sobre o sonho sexual, o sonhador se faz sempre presente em seu sonho, sendo sempre o ator principal. A interpretação do sonho acontecerá mediante o ator. O ato sexual e o sonhador do sonho, esta atividade terá como meta descobrir o que passará a acontecer quando este acordar do sonho. Nota-se que na maioria das vezes, estes sonhos sexuais têm signos sexuais como derrota ou vitória nos negócios, riqueza ou pobreza, reconciliações, fugas. Os livros de Artemidoro procuram instruir o homem que tem poderes sobre a casa, que

é responsável por ela, para que, por meio dos sonhos, possa guiá-lo sendo assim um ambiente familiar, social.

No mundo dos sonhos os indivíduos são como personagens que não tem vínculo emocional com o sonhador, são pessoas alheias da própria sociedade. Quanto à relação entre o sonhador e os personagens, não existe carinhos nem fantasias, mas a própria penetração. A penetração se sobressai no ato sexual, o que ele coloca ao estudar os sonhos é quem penetra quem, quem é o ativo e o passivo? Para ele todos os sonhos são interpretados desta maneira, este ato de penetração ele considera como uma relação de triunfo, domínio sobre o outro que ficará na posição de inferior, submisso. Considera ainda o ato sexual como um jogo econômico, um lucro sobre o outro indivíduo, como o que se gasta, energias, sêmen e o prazer em forma de lucro. No que diz respeito ao valor de prognóstico dos sonhos sexuais, provoca o relato dos sonhos por partes, a análise sexual sobre os personagens e seus atos evidenciando o modo de ser do sujeito sonhador. Percebe-se com frequência a imagem do homem sempre no centro de tudo e nas relações de sexo um papel forte, vigoroso, macho, podendo no casamento ter sua amante, frequentar prostitutas. Neste texto não encontra-se nada que remeta a atos proibidos ou permitidos.

Portanto no século IV, segundo Foucault (1985), houve de certo modo uma mudança no que diz respeito às doutrinas de autocontrole e à severidade em relação às práticas sexuais. Uma tendência exigente em relação à cerca da conduta sexual e maior investimento no casamento, haja vista que o pensamento moral norteia o convívio do sujeito com a ocupação do sexo.

Durante os dois primeiros séculos era descrito pelos historiadores uma enorme severidade em relação aos temas sexuais. Uma grande importância era dada ao casamento e ao compromisso conjugal, a imoralidade era algo reprovável sendo que a excitação dos prazeres sexuais tornou-se inexistente e significativos à sociedade. Foram feitas muitas tentativas políticas para defender a família, o casamento, mas não alcançaram os objetivos esperados.

Percebem-se nos escritos dos primeiros séculos, a persistência sobre o cuidado a ter para consigo mesmo, a ansiedade e preocupação com os problemas do corpo e da alma. Sendo, desta forma, necessário preservar-se de um regime severo, sendo relevante respeitar a si próprio, com sua racionalidade perfeita e harmoniosa para aguentar a abstenção dos prazeres ou usá-lo somente na vida conjugal. Mas com isso veio também a individualidade, as atitudes particulares de cada sujeito, seu interesse por si mesmo, procurando na filosofia explicar normas de conduta

mais pessoais. Nota-se também que as ideologias que eram mais rígidas e inflexíveis com relação as normas morais eram as mesmas que prezavam pela prática dos deveres perante à sociedade, confessando ou denunciando atitudes de isolamento e egoísmo.

O cuidado de si proclamado por Sócrates tem como significado ocupar-se consigo mesmo, introduzindo formas de viver, proporcionando uma melhor aprendizagem da vida social, uma maneira de instrução e compreensão da prática social.

Os filósofos, ao orientarem cuidar-se de si, não estão falando somente às pessoas que têm uma vida parecida com a deles ou durante o tempo que estão perto deles e sim é um princípio apropriado para todos durante toda a vida. De modo algum é tarde ou cedo para envolver-se com a sua própria alma.

Para Gallo o cuidado de si torna-se uma conclusão incisiva: “o exercício do outro, pela educação, pode redundar num cuidado de si, como um reflexo” (Gallo, 2006, p. 186). Portanto, ele afirma que o cuidado de si mesmo traduz-se em cuidado ético político do outro. Ainda Gallo coloca que:

[...] a reciprocidade de uma ética baseada num cuidado de si e num cuidado do outro, em que o jogo da construção da liberdade só pode ser jogado como um jogo coletivo de mútuas interações e relações, em que as ações de uns implicam em ações de outros. Um jogo em que uns se fazem livres na medida em que ensinam a liberdade aos outros. (Gallo, 2006, p. 188)

Portanto, a educação menor baseia-se na solidariedade entre professor e estudante. O cuidado de si nas relações das instituições pedagógicas, repensando a educação como perspectiva de liberdade de expressão.

É necessário, nesta cultura de si, recolher-se em algum momento do dia para uma análise daquilo que se viveu, pois se mantêm cuidados com o corpo, exercícios físicos, satisfação, regras de saúde. A comunicação com outra pessoa significa muito, faz bem a alma requerer conselhos, é aprender a trabalhar a própria alma, este exercício não concebe um exercício de solidão e sim uma prática da sociedade. Em Roma tinha-se a prática de contratar um consultor privado que atendia uma família ou um grupo, como conselheiro, como intermediário em uma negociação, pois os ricos romanos achavam normal sustentar um filósofo.

Na cultura grega, o cuidado de si está relacionado ao pensamento e ao trabalho médico. Muitos males são analisados no corpo e na alma, a doença é detectada quando já afetou ambos. Por meio da filosofia se busca um aperfeiçoamento, um progresso da alma, com o intuito de

doutrinar, zelar sendo funções humanitárias e ainda não existe idade para envolver-se consigo mesmo, ou preocupar-se consigo, mas sim é necessário ocupar-se com a própria alma. Foucault coloca que Galeno em seus escritos sobre a cura das paixões aconselha a quem deseja cuidar de si a procurar ajuda de outra pessoa de boa índole e sincero. O médico ocupava-se em curar os desvios da alma, curar as paixões e os erros.

A prática de si consiste em ver o sujeito não como um ser doente, imperfeito, inculto, e sim como um sujeito que precisa de certos cuidados para curar alguns males. As doenças da alma são mais difíceis de serem reconhecidas, pois não aparecem por meio de sofrimentos que poderão ser identificados, passando despercebidas. O cuidado deve ser tanto do corpo como da alma. Conforme preconiza Foucault (1985), faz-se necessário, segundo Apuleu, melhorar a alma com auxílio da razão. Na prática do cuidado de si, um ajuda o outro, desenvolvendo vocação para aconselhar, encaminhar, ensinando várias lições que se tornam gratos pelo ensinamento.” O sábio precisa praticar sempre suas virtudes e vigiá-las. O cuidado de si é sempre um serviço do espírito, como se fosse um jogo de trocas onde às obrigações devem ser recíprocas.

O cuidado de si para Pagni aborda formas em que o mestre e discípulo transformam-se por meio da ação educativa. Discípulos ouvem os ensinamentos e acreditam em seu mestre. Assim mestres e alunos estão orientados para:

[...] buscarem em si mesmos não propriamente o ponto que liga a sua alma com o divino, como em Sócrates, mas as forças vitais, os recursos morais e intelectuais necessários para enfrentar os acontecimentos da vida, almejando serem dignos em sua arte daquilo que a vida lhes reserva, e ao mesmo tempo, aos mistérios característicos de sua própria existência. (PAGUI, 2011, p. 40 ).

Assim mestres e alunos encaram e se preparam juntos para enfrentarem uma busca da própria existência.

Segundo Foucault (1985), Epicteto deseja que sua escola não seja conceituada como um lugar qualquer de formação, mas sim deve ser uma instituição voltada para os cuidados da alma. De fato, toda uma arte do conhecimento de si foi trabalhada com prescrições, receitas, com procedimentos específicos de exame e exercícios codificados.

Em um estudo mais completo, verificam-se os procedimentos de provação, com objetivo de adquirir uma virtude e mensurar o ponto em que se chegou, que equivale a conseguir abster-se do supérfluo, a fim de medir a independência em relação a tudo aquilo que não é

essencial. Adaptar-se com o mínimo é necessário para que se prove que haverá capacidade de suportar aquilo que se foi capaz de tolerar algumas vezes.

Na perspectiva foucaultiana do cuidado de si, segundo Dalbosco, o sujeito educacional não pode se colocar afastado da verdade. Pois, deste modo:

[...] a reflexão normativa pensada nesses termos, conduz ao questionamento ético-existencial sobre o próprio sentido da vida do sujeito, que busca a verdade e sobre a própria finalidade de tal busca e isso compõe intrinsecamente o sentido normativo da teoria que pode ser vestido criticamente contra um possível uso exclusivo seu de cunho instrumentalizador. (DALBOSCO, 2009, p. 14)

Deste modo, a formação do sujeito baseia-se na ética, no questionamento da existência, na procura pela autenticidade que exige o exercício permanente com o cuidado de si.

Junto a estas proações práticas, acreditava-se que era fundamental submeter-se ao exame de consciência. O exame pela manhã pretendia refletir as tarefas e deveres com o objetivo de preparar-se para tais atividades. Já o exame da noite era dedicado à relembrar o dia que se finda.

De acordo com Foucault (1985), para Sêneca, é preciso corrigir os amigos, mas com cautela para não ajudar ao invés de atrapalhar e, mais tarde, relembrar as regras de conduta. Epicteto menciona Sócrates, cujas palavras nos remetem à compreensão de que uma vida sem teste não é digna de ser vivida. Esse teste busca fazer a prova, pô-las em teste para diferenciar umas das outras, precisando ter em mente o sujeito como fim principal. O termo da mudança tem em vista uma ética do domínio, pois converter-se a si é afastar-se das ambições e do medo do futuro. É a experiência de um prazer que se tem consigo mesmo.

O estudo sobre a moral dos prazeres, segundo o mesmo autor, evidencia em um primeiro olhar, uma rigorosidade, exigência referente ao desejo, mas depois a mudança vem na formação do indivíduo, como sujeito moral. O prazer sexual se exprime por meio da força, necessitando lutar e contrapor-se a essa violência, fugir, escapar do indivíduo. Por meio dos exercícios de abstinência e de domínio de si surge uma modificação do sujeito moral, que enaltece a verdade sobre o que se é e o que se faz.

Foucault (1985) acrescenta que, na Grécia, o casamento era formado por uma transação privada, como se fosse um negócio feito entre dois chefes de família: o pai da moça e o futuro marido. Em Roma, o casamento era marcado por uma cerimônia, com efeitos de direito, sem ser, por isso, um ato jurídico. Na sociedade Helenística, aos poucos, o casamento toma espaço na esfera pública. O matrimônio saiu do quadro das instituições familiares para

uma instituição cívica, mesmo que seja por meio de um funcionário padre, sendo aprovado sempre por toda a cidade. No modelo antigo o casamento só tinha uma função, que era propagar o patrimônio aos descendentes. Essa instituição torna-se mais autônoma quando os dominadores econômico-políticos que coordenavam o casamento deixaram uma parte de sua importância. Ele aponta uma união entre dois semelhantes onde existem diferenças entre um e o outro.

Comparando a sociedade helenística com a época clássica, destaca-se o fato de que a mulher ganhou/conquistou liberdade, independência. Isso mudou porque o posicionamento do homem-cidadão modificou-se. A mulher teve um fortalecimento positivo em seu papel no campo econômico e na independência jurídica. O autor pontua que, de acordo com as leis ateniense, romana e egípcia, o pai exercia poder para desfazer o casamento de sua filha. O casamento aparece nitidamente como um acordo almejado por ambas as partes. As mulheres recebiam seus dotes, como também alguns acordos constavam que deviam ser-lhes restituídos em relação ao divórcio.

Em relação às responsabilidades que os acordos do matrimônio instituem aos esposos, a mulher deve ser submissa ao marido, não pode sair de casa sem a permissão deste, tem o dever de zelar pela casa, não podendo maldizer o marido. Com esses contratos de casamento homem e mulher entram em um processo de deveres e obrigações que sem dúvida não são iguais. O matrimônio não é apenas a instituição benéfica para a família, nem o exercício caseiro, mais sim a forma de casamento como vida compartilhada, ordenação dos parceiros nesta relação. Muitos textos mostram que o casamento é uma forma de convivência entre dois seres que mesmo com atividades domésticas, regalias, podem promover a solidariedade para um bem estar comum. (FOUCAULT, 1985).

De acordo com Foucault (1985), é necessário refletir na estrutura de um espaço profundo, mais vasto, mais flexível, em vez de uma diminuição dos exercícios políticos. O imperialismo romano não incentivou para as atividades de uma administração direta, a política de municipalização que procurava instigar a vida política das cidades. Na reflexão moral, o acontecimento mais importante. São as transformações que se podem perceber nas situações de exercício de poder, essas transformações falam do recrutamento, sendo necessário tomar frente à administração complexa. A ética antiga provocava uma relação de poder sobre si e sobre os outros. Já as novas regras do jogo político dificultam as ligações entre o que se é obrigado a fazer.

O escritor observa que, com a mudança da vida política as conexões entre status, encargos, poderes e deveres, originam-se dois acontecimentos divergentes. Tenta-se evidenciar o status por meio de marcas que indicam diferenças na atitude corporal, no vestuário, na moradia, etc. E do outro lado, o oposto: reconhecer-se enquanto sujeito de suas realizações.

A política é uma vida e uma prática. Para os gregos uma cidade só poderia ser feliz e bem governada se os seus chefes fossem virtuosos. Percebe-se que, por meio dessas transformações na prática matrimonial ou no jogo político, foram mudadas as condições nas quais se confirmava a ética tradicional do domínio de si. A análise sobre o uso dos prazeres que era permeada por três domínios, sobre si, sobre a casa e sobre os outros será transformada de acordo com esta elaboração. O indivíduo, enquanto sujeito, pode passar por uma crise - crise da subjetivação, constituindo-se enquanto sujeito moral. Isso implica em muito trabalho para, com o cuidado de si, possibilitar sujeitarem-se às regras.

A medicina na época clássica era identificada como uma forma de cultura grandiosa. Segundo Foucault (1985), para Plutarco, a medicina propicia para aqueles que a estudam, acesso a um saber de grande importância, já que ele diz respeito à salvação e à saúde. A medicina não era pensada como uma técnica de intervenções como deveria, por meio de regras e saber proporcionar uma nova maneira de viver. Por meio de um regime disciplinar, a medicina deveria instigar uma estrutura voluntária e racional de conduta. Torna-se desnecessário ir sempre ao médico, pois temos necessidade de conselhos, percebendo aí, um dos princípios essenciais da prática de si, sempre ter em mãos um discurso prestimoso que é todos os dias meditado. Os dias as estações e idades são portadores de valores médicos variados. Havia um regime de cuidados, a serem providos consigo mesmo tais como conselhos para encarar o inverno. Todas essas preocupações com os ambientes, locais, instantes requerem uma contínua atenção a si, como se está e aos movimentos que se faz. Evidencia-se ainda a importância que se dá a prática de exercícios e movimentos que só fazem bem ao corpo.

Como se pode observar desde a época clássica, todos esses assuntos continuaram na vida cotidiana, embora mais aperfeiçoados e aprofundados. A medicina institui as relações de prazeres sexuais, com seus princípios negativos e positivos para o organismo em meio a estas situações definidas pelo cuidado com o corpo, com a saúde.

Segundo Foucault (1985), Galeno, fez um estudo com os assuntos de morte, imortalidade e reprodução. Em sua obra, o demiurgo, ao formar os seres vivos e dando um meio para se reproduzirem, apresentou três elementos. Como primeiro elemento os órgãos dos

animais que propiciam a fecundação. Logo após, uma competência para o prazer, muito ardente. E enfim na alma, a apetite sexual desses órgãos, excitação sensacional incomum. Assim o sexo está associado a um prazer. Ele associa o ato sexual a um conjunto do organismo, que busca a saúde do indivíduo. Desejo e prazer estão diretamente ligados ao físico do indivíduo. Já o ato sexual é a continuação das gerações. Quando se efetua, solta esperma e influencia a mecânica do corpo, lugar em que todas as partes estão amarradas.

De acordo com o filósofo, o pensamento de Galeno entre o ato sexual e os quadros de epilepsia e convulsões se assemelha. A epilepsia acontece por uma congestão do cérebro que está cheio de um humor grosso,. Há a obstrução dos canais dos ventrículos. Este se esforça para sair, comparando ao esperma que se acumulou nos testículos. Assim se dá a agitação dos nervos e músculos que aconteceu nas crises de epilepsia e no ato sexual.

Estes estudos médicos em torno dos prazeres sexuais se definem por duas valorizações anatômicas. Considerando as valorizações positivas, a princípio a do sêmen, do esperma, ele é o que há de mais forte na vida, por meio dele há a oportunidade de fugir da morte, é no macho que ele se faz forte. Ele auxilia na saúde para o bem estar do corpo e da alma. A relação sexual é própria da natureza; por isso ela deve ser vista como algo bom. Mas estes prazeres sexuais nos textos médicos permitem o lado positivo e negativo destas experiências. Como positivo, refere-se ao sêmen. O esperma é visto como superioridade, sinônimo de força, proporcionando saúde, vitalidade para o corpo e a alma. Como aspecto negativo surge à patologia com o nome gonorreia, que Galeno define como uma excreção involuntária do esperma, afetando os vasos espermáticos, os quais paralisa, sendo uma doença que leva à morte.

Em relação às práticas sexuais, Foucault (1985) também acrescenta que estas fazem parte de efeitos terapêuticos, mas também como consequências patológicas, podendo curar ou, ao contrário, induzir às doenças. Galeno se refere às relações sexuais abordando seus muitos efeitos curativos, tanto na alma como no corpo, dá certa tranquilidade à alma e ao corpo. Mas as relações sexuais também tem efeito contrário podendo deixar a pessoa fraca, com a calça pesada, perda de apetite e até mesmo ansiedade e febre. Acreditava-se que os rapazes que tinham convulsão podiam curar-se pela primeira prática social, já que havia uma ligação entre a ejaculação e o espasmo da convulsão. Em relação às mulheres a abstinência fazia parte do cotidiano, pois a elas era atribuído o casamento e a procriação. Os que defendem a virgindade colocam que as mulheres, optando pela virgindade, evitam os perigos da maternidade e

desprezam o prazer. Esclarecendo que a abstenção sexual não é conceituada como uma obrigação, nem o ato sexual é interpretado como algo ruim.

O filósofo pontua que, para aqueles que se prestam ao ato sexual, é necessário ter cuidados com seu corpo da melhor forma possível. Os atos sexuais devem ser colocados a um regulamento cauteloso. Recordemo-nos das referências de Aristóteles e de Platão, quando destacam que o ato sexual, por meio de sua ação procriadora, necessita de cuidados. Considerando que é uma preparação feita por um período prolongado, conservando as características que serão passadas ao embrião, o ideal é escolher a hora em que o indivíduo está bem de saúde. Durante o período da gravidez, as relações sexuais devem diminuir, pois o útero necessita de repouso. Já os filhos têm uma grande aparência com os pais, não só corporal, como também pelo espírito, sendo essencial a tranquilidade. De acordo com os médicos, aos catorze anos os meninos podem começar a ter relações sexuais, enquanto que, para as meninas, o casamento precoce acompanhava as primeiras relações sexuais e a maternidade ocorria desde que a menstruação viesse a aparecer.

Todos os prazeres sexuais estão reunidos sobre o corpo, seus equilíbrios, suas disposições, determinando seu comportamento. É necessário que a alma corrija-se para conseguir guiar o corpo.

No monarquismo cristão os jejuns alimentares são importantíssimos e será essencial todo um progresso para que o cuidado do sexo iguale ao da alimentação. E quando o sexo predominar, se sobressair ao rigor das receitas alimentares, será um período valoroso para a história da moral nas sociedades europeias. Segundo Aristóteles não é o médico que cura e sim a saúde que cura o doente.

Muitos eram os textos clássicos que abordavam o casamento, de acordo com Foucault (1985): a Econômica de Xenofonte, a República ou as Leis de Platão, a Política e a Ética a Nicômaco, a Econômica do Pseudo-Luciano— as anotações e reflexões sobre o casamento eram vistas em amplo contexto. O matrimônio demandava uma forma particular de moral. O cidadão casado deveria ter o total domínio de si. Era necessário ser instruído, educado, ciente e justo. A relação pessoal entre os dois esposos fundamenta-se na força da relação, apesar de continuarem baseados na casa, filhos, organização, pois a arte de conduzir o matrimônio se estabeleceria pelo vínculo individual. O homem casado mantém sua conduta no princípio de dever em relação e prestígios aos outros. O matrimônio tinha sido sustentado por muitas compreensões: união do macho e da fêmea, procriação da família e prazeres.

Foucault (1985) registra que o objetivo do casamento, na visão de Musonius, era de procriar para o comunitário. Seria uma irmandade com o outro, uma vida comum. Deve-se entender que há certa aptidão no ser humano que é necessário uma aproximação física, não influenciando não só o sexo mas partilhar a vida com o outro. Já Hierocles afirma que o ser humano é composto por duas definições: ele é concebido para viver a dois e, nesta relação, o propósito é procriar e ao mesmo tempo precisa dividir a vida com alguém. Os seres humanos são destinados para viverem a dois e também em comunidade. O homem é um ser matrimonial. O casamento é como uma regra universal. A relação matrimonial está envolvida em tarefas e deveres que o ser humano deverá cumprir.

De acordo com o filósofo, Musonius é o autor mais velho (antigo) que ele estudou. No texto ele fez uma relevância entre a vida matrimonial e a existência filosófica. Para ele todo filósofo deve casar-se, pois a função da filosofia é viver aceitando à natureza e desempenhar todos os serviços. O filósofo deve ser um exemplo de vida sensata aos outros, ajuizado, um mestre guiando seus discípulos. Ele não deve ser insignificante ou inferior àqueles que ele deve aconselhar e guiar. Aristóteles atribuía ao homem a necessidade de desenvolver à perfeição suas virtudes. Virtudes, essas que, na mulher, continuavam inferiores. Assim se justificaria sua evidente subordinação. Mas os estoicos concediam aos homens e mulheres uma capacidade igual para a virtude. Para Plutarco o casamento pode ser identificado sob três aspectos: existem os casamentos que são feitos somente para os prazeres da cama, nele impera a individualidade. Há ainda os casamentos que são realizados por motivo de interesse. Já a fusão total – a crase – são os casamentos por amor. Não há nada mais que possa desfazer esta união. O casamento, na cultura de si, valoriza a mulher-esposa bem como o marido deve identificá-la como parte dele. Esta mudança foi relevante em relação às formas tradicionais das relações matrimoniais.

O adultério era condenado e moralmente desprezado. Segundo Foucault (1985), Epicteto fala da prática do adultério. O homem infringiu as concepções de fidelidade para a qual nascemos. O adultério, segundo ele, prejudica não só o sujeito que o cometeu, mas outros homens enquanto criaturas. Sêneca coloca as obrigações da amizade e os de fidelidade conjugal: os deveres da amizade precisam ser seguidos piamente. Se não é permitido para a mulher ter um amante, ao homem também não é permitido. Plutarco também orienta ao marido não ter relações sexuais com outras mulheres, pois isso seria uma desgraça ou desgosto para a esposa. Ele ainda orienta a esposa a expressar flexibilidade em relação à vida do marido.

No que tange as afirmações de Plutarco, Foucault (1985) afirma que “Afrodite e Eros cumprem o papel do vínculo conjugal por meio do casamento. É necessário que Afrodite e Eros façam parte do casamento, a relação conjugal precisa ser desigual daquela entre amantes.” O marido não pode proceder de forma intensa com sua mulher, isso dará a ela o status de adúltera. Outra finalidade do casamento é a organização de uma vida partilhada com o outro. A vida matrimonial deve ter uma concordância perfeita e o sexo e o bem estar também fazem parte da proximidade entre os dois.

Para o Guardião de Platão, no matrimônio, a responsabilidade em preservar o uso dos prazeres era um jeito de praticar o domínio sobre si. Mesmo a fidelidade conjugal é uma obrigação para quem, na fé cristã, pretende se salvar.

A reflexão sobre amor pelos rapazes como objetos de prazer era introduzida, no quadro de suas instituições, com menos percepção do que uma cidade grega. As crianças eram bem cuidadas pelo direito familiar e pelas leis públicas. A famosa lei Scantinia, que Boswell mostrou muito bem, não condenava a homossexualidade. Antes, defendia o adolescente livre do abuso e da violência. Mas a relação com os adolescentes em termos de êxito educativo era muito difícil de ser valorizada por meio dos aspectos das atividades pedagógicas e suas formas de estabelecimento.

Para Foucault (1985), Plutarco e Pseudo-Luciano, em suas conversas sobre o amor, pensavam de maneira diferente, mas observavam, ao mesmo tempo, no amor pelos rapazes, uma espécie de vivência. O diálogo de Plutarco traz a questão da escolha que o amado precisa fazer entre seus dois amantes, pelos rapazes e pelas moças, sendo necessário formar um conceito de amor único. E a parte central do diálogo é formada por um elogio do Amor sobre a maneira de louvar a Deus, exercendo assim seu caráter divino. O objetivo final do diálogo: esta corrente do amor está embasada no casamento, na sua completa realização. Plutarco, ainda no Diálogo sobre o Amor, fala sobre o papel da relação sexual como junção regular e como um bom entendimento e garantia da relação de amor e amizade. O amor pelos rapazes acontece sobre três eixos da natureza: como ordem geral do mundo, como estado primitivo da humanidade e como comportamento definido a seus fins, pois ele atrapalha a estrutura do mundo, proporcionando atitudes de violência. Para esse pensador, este tipo de relacionamento infringe a natureza.

De acordo com Cáricles, segundo Foucault (1985) “na relação sexual o amante de um rapaz, depois do ato, que já conseguiu o seu prazer vai embora, ele não se preocupa em

proporcionar prazer ao outro.” Com as mulheres é diferente, há reciprocidade de prazer, e quando as amantes se separam fica a sensação que as duas se deram prazer uma à outra. É interessante não o prazer egoísta, mas o prazer compartilhado com a outra. Em contrapartida, o mundo das mulheres é ilusório. Esse mundo engana e, muitas vezes, é uma espécie de ambiente oculto. É como se as mulheres se escondessem em seus próprios mistérios e enfeites que ocultam o corpo. Já os prazeres com os rapazes são postos sob o signo da verdade. Estes não escondem nada, não seduzem, sua beleza não é forjada com perfume e odores enganosos, não precisa de espelho, nem usam pente para mostrar sua beleza.

Percebe-se que a virgindade não é só uma renúncia antes da prática sexual. Representa uma opção, uma atitude, uma forma de vivência escolhida em seu cuidado próprio. Este resguardo da virgindade é enfático na relação de amor, encontrando sua consumação no casamento. A partir da união de dois amantes tanto física como espiritual, o amor, a virgindade e o casamento fazem o tripé da existência.

Os médicos preocupavam-se com as consequências das práticas sexuais, indicavam a privação e deixavam claro que optam pela virgindade à prática dos prazeres. Já os filósofos são contra as relações fora do casamento. Pelo amor pelos rapazes há certa reprovação. A moral filosófica da Antiguidade associou-se ao cristianismo por suas regras rígidas.

O “princípio do cuidado de si” sempre será um princípio filosófico e uma forma de atividade. *Epimeléia heautou*, desvenda-nos Foucault, significa uma atitude para consigo, para com os outros, é estar atento ao que se pensa. Pode-se dizer, inclusive, que em toda a Filosofia Antiga, o cuidado de si foi considerado, além de um dever e de uma técnica, também uma obrigação fundamental, incluindo a realização de um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados. O cuidar de si mesmo é o perceber-se incompleto, podendo ser visto como uma das práticas de busca pela autocompletude e designando uma série de ações que proporcionam uma modificação, uma purificação do sujeito.

É nesta arte da existência, orientada pelo cuidado de si, que se pratica o controle sobre si próprio, desenvolvendo sua dependência e independência, priorizando o vínculo que se pode estabelecer com os outros.

A ética do “cuidado de si” consiste em um conjunto de regras e preceitos que levam o sujeito a olhar e a um “voltar” a si mesmo, que pode ser compreendido mediante suas práticas, discursos e modos de vida em relação a si e em relação ao outro. Por meio da música é possível fomentar a ética do cuidado de si na educação infantil.

Ao retrocedermos alguns passos nas leituras de Foucault é possível pensarmos na música como elemento de singular importância no processo de controle de corpos. Historicamente, as músicas, por meio de suas melodias, letras, ritmos e harmonias, têm contribuído sobremaneira para a manutenção de uma lógica de controle do sujeito. Pode ocorrer, também, um caminho inverso, no qual a música contribua, pois ela tem potencial para ser, em suas diversas significações, um elemento de prática de liberdade e desenvolvimento da autonomia, em contraponto à formação de um sujeito com base na heteronomia.

Voltando o olhar sobre a prática docente na educação infantil, é de se pensar na possibilidade de controle velado ou explícito comumente exercido pelo docente, a partir do momento em que, mesmo quando a atividade sugere livre expressão corporal da criança. Contudo, há um franco estabelecimento de regras e processos normativos do que se espera do educando e do que se espera que ele não faça.

Segundo Brito (2014, p. 51),

Não podemos dizer que tenha se instalado, na área de música, uma postura de efetiva orientação para a criatividade, e, salvo exceções, ocorreram alguns mal-entendidos. De um lado, respeitar o processo criativo foi entendido como deixar fazer qualquer coisa (o 'vale-tudismo', como costuma dizer Koellreutter), sem orientação, sistematização e, conseqüentemente, sem ampliação do repertório e das possibilidades expressivas das crianças; por outro lado, integrar diversos modos de realização musical assustava os educadores, que preferiam, então, continuar reproduzindo os mesmos modelos, estratégias, técnicas e procedimentos, que, de modo geral, excluíam a criação.

Como pensar, então, uma formação ética do cuidado de si a partir de ações que até utilizam a música, porém a utilizam de acordo com um padrão imposto e previamente engessado pelos interesses bastante específicos do docente?

É possível inferir, das leituras até agora realizadas, que a música atende bem aos preceitos de uma formação ampla do sujeito, especialmente no que se refere a sua autonomia, desde que haja a ruptura das amarras que impedem o sujeito de ter o controle inclusive sobre seu corpo. Não se quer realizar uma apologia, contudo, à aula sem docência. O que se quer, ao invés disso, é oportunizar a reflexão sobre a influência da música no processo de formação, no sujeito, da consciência de si, do outro e do contexto em que vive. Esse processo formativo se dá, essencialmente, por meio de atividades que promovam práticas de liberdade.

Brito (2014) coloca que o trabalho com a música precisa incluir todos os alunos. Todos devem ter acesso à música mesmo que ainda desafinem. Isso se deve ao fato de que é por meio

da prática e estímulo que as competências musicais são desenvolvidas, construídas a partir de vivências e reflexões orientadas, valorizando o processo de trabalho.

A autora trata especialmente da questão do acesso irrestrito às atividades que envolvam música, trazendo também a percepção de que é o processo de musicalização que importa e que promove mudanças efetivas, bem mais que a suposta prévia aptidão do estudante. Nota-se, também, relevante cuidado no modo como se compreende o uso de música no espaço da sala de aula, não sendo sinônimo de reprodução e interpretação musical apenas, mas sim representando a consideração de possibilidades de experimento, improviso, inventividade como ferramentas pedagógicas que são fundamentais no processo de construção da ética do “cuidado de si”.

Compreenda-se, pois, a música como criação humana capaz de oportunizar situações em que ocorra a atividade de liberdade e autonomia e, na contramão dessa ideia, uma criação específica para se fortalecerem as linhas que amarram os sujeitos às normas, aos padrões, aos preceitos instituídos na sociedade.

Longe de realizar julgamento, o que se pretende é justamente destacar as possibilidades da música no processo de formação do sujeito. Para trazer, mais uma vez, a questão da música como instrumento de controle de corpos, apresentam-se duas situações bem presentes em minhas observações de 25 anos de trabalho docente: há quem coloque a música para as crianças dançarem para que, ao se movimentarem, cansem e, com isso, durmam mais rapidamente e por maior tempo. Em contrapartida, há quem não goste de música porque as crianças se agitam e isso faz com que se perca o controle da aula.

Em se tratando da educação infantil, da mesma forma, deve haver constante atenção no planejamento das ações pedagógicas musicalizadas. É importante esse cuidado para que tais atividades não sejam um sinônimo de franca formatação do sujeito ou, para trazer um termo foucaultiano, de assujeitamento do ser humano. Justifica-se uma acurada reflexão sobre a musicalização na infância porque seria incoerente pensar na formação de um adulto livre e andar em sentido contrário, aprisionando as crianças, ainda que em algemas que se assemelhem às notas musicais.

Neste sentido, o cuidado de si segundo Foucault é, com efeito algo que tem sempre a necessidade de passar pela relação com o outro que é o mestre. Não se pode cuidar de si sem antes passar pelo mestre. “[...] não há travessia para a vida público-social sem a presença do mestre”. (DAL BOSCO, 2010, p. 73).

Os estudos genealógicos de Foucault podem contribuir para pensar na possibilidade de promover nos ambientes educacionais, mudanças de subjetividades a partir da anulação de objetos naturalizados. A escola como ambiente disciplinarizador faz pensar sobre as subjetivações impostas, já que “[...] somos prisioneiros de certas concepções de nós mesmos e de nossa conduta”. (FOUCAULT, 1994 a, p. 37).

### 3.2 FOUCAULT, A MÚSICA A ESCOLA E O CONTROLE DE CORPOS

Michel Foucault em seus estudos como pesquisador e professor procurou sempre usar o discurso para entender todas as esferas do saber, como a medicina, a economia, a psiquiatria, etc. Sempre procura ilustrar a explicação de um conceito por meio de uma obra de arte. Nos seus conceitos sempre vinculava o discurso, o sujeito e a história.

Nas artes Foucault pergunta-se como poderia se contemplar uma investigação arqueológica que não fossem iguais às figuras epistemológicas e das ciências. Dentro das artes ele comenta até sobre a observação das pinturas. A análise arqueológica de um quadro observaria a luz, a cor, os contornos, seria necessários expor suas técnicas e seus resultados. Toda esta análise arqueológica pode ser chamada de signos visuais de uma época que significa “análise do discurso estético”. Quando Foucault viveu na Tunísia e dava conferências sobre arte, correspondeu com a produção do livro *A arqueologia do saber*. Para ele, havia uma conexão entre a arte e a arqueologia das ciências. Por meio destas relações entre a ciência e a arte, é possível analisar as grandezas discursivas das pinturas, de forma que consiste em formas o arquivo estético de um determinado tempo. Isso ocorre a partir da análise de três pinturas europeias - *As meninas*, de Velásquez; *Um bar em Folies – Bergere*, de Manet; e *As ligações perigosas*, de Magritte – contempla a figura do espelho, que depois da segunda metade do século XV, surgem como símbolo de pintura.

Segundo Mota, a música, para Foucault (2012, p. 391) “[...] foi muito mais sensível às transformações tecnológicas”, apresentando uma relação notável com a pintura por meio de Debussy ou Stravinski. A música possui uma relação notória com os elementos da cultura. A música contemporânea dá acesso a técnicas instrumentais, representando uma capacidade para se acostumar a novas condições de intérprete. Ela tem seus ambientes, suas disputas, seu público a agradar.

Foucault coloca que, durante muitos anos, a música estava associada aos ritos da sociedade, como a música religiosa, música e o teatro na ópera, podendo integrar várias culturas. Já o rock participa da vida de muitas pessoas, impulsionando a cultura de muitos, pois o rock é um jeito de viver, uma maneira de reagir, é uma predominância de gostos e atitudes. O rock produz um espetáculo emocionante, que o ouvinte se identifica, se reconhece, se garante. Cada música tem o seu valor de realidade, de vivência, e cada uma significa muito para o grupo que a executa. E a música quanto mais ouvida no rádio, tv, cds, mais aceita ela é e mais familiarizada ela fica.

Pierre Boulez em sua conversa com Foucault falam ainda sobre a obra clássica:

É preciso observar não somente uma polarização em relação ao passado, mas uma polarização sobre o passado no passado, no que diz respeito ao intérprete. E é assim que certamente se atinge o êxtase, ouvindo a interpretação de tal obra clássica por um intérprete desaparecido há decênios, mas o êxtase atingirá ápices orgásticos quando for possível se referir à interpretação de 20 de julho de 1947 ou de 30 de dezembro de 1938. (FOUCAULT, 2012, p. 394 ).

A música antiga também proporciona momentos de prazer, pois ela não desaparece, fica na memória de quem a viveu e retorna com as pessoas que dela gostam e apreciam, torna-se imortal. Toda esta atualidade e esta melhoria de métodos podem nos remeter ao passado e reinventar os fatos. A música contemporânea se faz mais difícil de ser identificada pelos ouvintes. A música clássica e romântica muito ouvida pelas famílias oferece esquemas que são seguidos. Os movimentos fazem parte da vida rítmica. É preciso que o ouvinte ouça várias vezes a obra para habituar-se, entender a obra e o que ela significa. No primeiro contato, muitas vezes, não é possível estimular a assimilação. Para que esta possa ser assimilada, é necessário que se integrem as inovações do momento em que faz parte. No primeiro contato com a música, o ouvinte não terá uma percepção apurada da música, é necessário que haja repetição e compreensão para haver aceitação. Os vocabulários tornaram-se populares, de forma que são mais aceitos, e o conservadorismo não é mais identificado nas gerações que se consideram conservadoras.

O artista Diego Velásquez (1599-1666), que foi considerado representante do estilo barroco, descreve em suas obras o problema da representação. Sua pintura mais famosa e que está no Museu do Prado de Madri, é *As meninas*, produzida em 1656. Na observação de Foucault (2006), o espelho percebido e o brilho com uma luminosidade especial. O que

distancia o pintor do realismo é o reflexo do rei e da rainha no espelho. O espelho reflete a característica existente na relação realidade e ilusão.

FIGURA 4: “LAS MENINAS” DE VELASQUEZ



Fonte: PROJETO PHRONESIS, 2018 [s.p.].

Já Edouard Manet (1832-1883) e seu grupo tentavam desestruturar o que, na arte, era simples convenção. Para Foucault (2004), os elementos que tornaram o impressionismo possível, na pintura de Manet, são relativamente conhecidos como: novas técnicas de cor, utilização de cores puras, utilização de técnicas de iluminação que até então eram desconhecidas. Ele conseguiu representar no que pintava, as propriedades materiais do espaço sobre o qual ele pintava. (FOUCAULT, 2004, p. 22).

No século XIX, na França, surgiu uma enorme revolução pictorial. Geralmente os historiadores da arte se dividem em três fases: A primeira é denominada Romantismo, que é representada por Eugene Delacroix (1798-1863). De acordo com Gombrich (2001, p. 504, trad.nossa), Delacroix “[...] pensava que na pintura a cor era bem mais importante que o desenho e a imaginação mais que o saber”. Preocupava-se em pintar a energia do instante que deixou de lado os contornos nítidos, os nus modelados em manchas de sombra e luz. Na segunda, o Realismo, desempenhada por Gustavo Courbet (1819-1877), cuja obra era confrontada com a de Caravage, que não obtinha a gentileza e sim a veracidade. Para ele, a arte deveria ser realista. A terceira era o Impressionismo determinado por Edouard Manet (1832-1883) e seus amigos, que procuravam descobrir, revelar o que na arte não passava de acordes, ajustes. De acordo com Gombrich (2001, p.514) “[...] pode-se dizer que Manet e seu grupo foram os instigadores de uma revolução no tratamento das cores quase comparável à revolução trazida pelos gregos no

tratamento das formas.” Manet, em suas obras, procurou representar menos sombras e mais luzes. Por isso, de acordo com a perspectiva foucaultiana, as obras de Manet mostram a arqueologia na observação de muitas obras. Contribui muito para isso o tempo que Foucault passou na Tunísia. Ainda, quando Foucault esteve nesse lugar, realizou muitos estudos de obras picturais sob a forma de aulas. (TRIKI, 2004, p. 51). Portanto a análise do discurso estético é algo aceitável dentro das arqueologias de Foucault.

Segundo Foucault (2007, p.217), “[...] a análise arqueológica teria um outro fim: pesquisaria se o espaço, a distância, a profundidade, a cor [...] não foram, na época considerada, nomeados, enunciados, conceitualizados em uma prática discursiva.” Já René Magritte (1898-1967) fazia parte de um grupo de artistas chamados de “surrealistas”. Em suas obras, procuram mostrar o universo fantástico e delirante, criando uma nova realidade.

Atualmente em nossa sociedade existem muitas definições e concepções para explicar o que é música.

Para Martinho Lutero,

“A música é uma disciplina que torna as pessoas mais pacientes e doces, mais modestas e razoáveis”.

(...) Ela é um dom de Deus e não dos homens.

(...) Com ela se esquecem da cólera e todos os vícios. “Por isso, não temo afirmar que depois da teologia nenhuma arte pode ser equiparada à música.” LUTERO, (1483-1546).

Portanto compreende-se a música como linguagem e forma de conhecimento, mas música também é melodia, harmonia e ritmo. A música aproxima as pessoas e permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro estando longe ou perto. A música está sempre presente na vida do ser humano.

O primeiro meio de comunicação do indivíduo com a vida é a música. Desde o útero materno o bebê já ouve os primeiros sons e após o nascimento ele já é embalado com canções de ninar. Mais tarde, brinca com suaves cantigas de roda. Assim, sempre a criança está em contato com a música.

A criança é um ser que brinca muito e, brincando, faz música. Ao descobrir o mundo a cada dia, inventa sons e melodias.

Igualmente a Martinho Lutero, Platão também fala sobre a música em seu livro A República (2008, 401 d., 402 a):

[...] a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afectam-se mais fortemente, trazendo consigo a perfeição, e tornando aquela perfeita se tiver sido educado? E, quando não, o contrário? E porque aquele que foi educado nela, como devia, sentiria mais agudamente as omissões e imperfeições no trabalho ou na conformação natural, e, suportando-as mal, e com razão, honraria as coisas belas e acolhendo-as jubilosamente na sua alma, com elas se alimentaria e tornar-se-ia um homem perfeito, ao passo que as coisas feias com razão as censuraria e odiaria desde à infância, antes de ser capaz de raciocinar, e quando chegasse à idade da razão, haveria de saudá-la e reconhecê-la pela sua afinidade com ela, sobretudo por ter assim educado.

Para ele a música tem grande importância na educação do homem perfeito. A sua contribuição permitiria raciocinar e suportar coisas difíceis identificando a música como suporte à perfeição modelando a personalidade na generosidade e encanto.

Foucault usou o dispositivo da sexualidade para explicar como as relações de saber e poder fazem parte do nosso cotidiano.

A sexualidade, no início do século XVII, era algo muito transparente, não se tinha a mínima vergonha, nada era escondido. Não se preocupavam com decência e as crianças perambulavam pelas ruas sem ninguém se importar como uma ocorrência normal. Já no século XIX, a sexualidade muda em relação ao século XVII. Aí a família se apodera e se fecha em relação ao sexo. O casal comanda a casa ditando as normas. Só o quarto dos pais se torna apropriado para identificar a sexualidade. Para as crianças não é permitido falar de sexo ou ouvir sobre ele, devendo silenciar-se diante deste assunto. Então quem teria direito ao sexo selvagem seria somente as prostitutas, o psiquiatra, os brigões.

Mas esta repressão vem desde a época clássica, estando atrelado a isto o poder, saber e sexualidade. Esta repressão vem junto com o capitalismo, o trabalho intenso, não podendo desviar atenção com o sexo, ou os prazeres que exigiriam tempo e talvez não fossem aceitos. Bem se sabe que por muito tempo ligou-se o sexo ao pecado e por este mesmo pecado houve abuso de poder. Na verdade falar de sexo é como se incitar a comentar sobre sexo. São colocados como métodos de poder, todas as impressões negativas do sexo, abordando um discurso não restrito. No entanto, permanece a propagação e incitação da sexualidade porque a vontade de saber é mais forte que o “mito” que se criou em torno deste assunto.

Depois do século XVIII, houve uma disseminação do discurso a respeito do sexo. Ouvir, falar, valorizar, dar tal importância que até se provocava um discurso inapropriado chegando a ser indecente e incitante. Nos confessionários da igreja católica, a incitação do sexo se dá ao descrever os pecados e ao detalhamento do ato sexual, contado passo a passo nas conversas sigilosas. Além da Contra-Reforma atribuir mais confissões anuais aos países

católicos, enfatizou-se a penitência para reparar os pecados da carne, fazendo uma observação cuidadosa sobre pensamentos e ações.

De acordo com Foucault (1998):

A *Psychopathca sexualis* de Heinrick Kaan, em 1846, pode servir de indicador: datam esses anos a relativa automização do sexo com relação ao corpo, o aparecimento correlativo de uma medicina, de uma “ortopedia” específicas do sexo, a abertura desse grande domínio médico-psicológico das “perversões”. (FOUCAULT, 1998, p. 111).

Assim o sexo é pensado e analisado como um compromisso biológico, com suas doenças venéreas e alianças matrimoniais, podendo passar de geração a geração. Portanto, nasce a necessidade de um projeto médico e político envolvido com o planejar sobre os casamentos, nascimentos, sexo e procriação. De fato que alguns planejam cuidar da vida, fazer de tudo para melhorá-la enquanto que outros têm o poder de tirá-la, como nas guerras e combates onde morrem populações inteiras em nome de um poder capaz de massacrar a espécie humana. Por muito tempo, o poder era uma forma de apreensão das coisas, das pessoas, do tempo e até mesmo da própria vida dos indivíduos. Mas, com o passar do tempo isso mudou.

Surgiram outras categorias tais como a incitação, o reforço, a vigilância, o controle, - um poder que está designado a produzir forças para impor e comandar. Mais ou menos na metade do século XVIII, alguns processos de vida da população são controlados por meio de uma bio-política que se concentra no corpo-espécie. Esses processos determinam nascimentos, mortalidades, saúde, longevidade. Assim o objetivo do poder é aplicar na vida, não é mais matar. Inicia-se, portanto, a era de um bio-poder. Com certeza, este bio-poder foi um componente importantíssimo ao capitalismo, contribuindo para o controle dos corpos nos meios de produções, visando lucro nos processos econômicos.

Por muitos séculos a disciplina militar operou na sociedade e a ordem religiosa comandou por muito tempo. Nas escolas de exercícios, soldados marchando enfileirados, carregando o fuzil, todos juntos como se fossem máquinas. As fábricas bem fechadas, parecendo uma fortaleza com um guardião na porta, sendo o trabalho permeado por práticas proibitivas. Nesse contexto, devia-se (como se fosse hoje), aproveitar ao máximo os minutos de trabalho. O tempo não deve ser desperdiçado, é como se precisassem aproveitar todos os milésimos de segundos, de uma forma mecânica. De acordo com Foucault (2014):

A ordem e a polícia que se deve manter exigem que todos os operários sejam reunidos sob o mesmo teto, a fim de que aquele dos sócios que está encarregado da direção da

fábrica possa prevenir e remediar os abusos que poderiam se introduzir entre os operários e impedir desde o início que progridam. (FOUCAULT, 2014, p. 140).

Mas ao mesmo tempo em que esta ordem reúne os operários, também os individualiza. É preciso que se evite agrupamento, para que possam ser vigiados a todo o momento, podendo determinar as presenças e as faltas dos operários. Esta solidão seria fundamental para o corpo e o espírito.

Nas escolas, os alunos divididos em fileiras conforme sua aprendizagem, dificuldades financeiras e capricho pessoal, fazendo com que os indivíduos sejam obedientes. Desta forma, o professor torna-se um classificador de alunos. Os ensinamentos deveriam ser repassados de forma ordenada e acelerada como se fosse uma qualidade. O silêncio é fundamental. Quase nada se fala. O silêncio só deve ser interrompido por apitos ou palmas que só tem o significado de atrair todos os olhares de atenção. Segundo Foucault (2014, p.164), “o aluno deverá aprender o código dos sinais e atender automaticamente” ele ainda comenta:

O primeiro e principal uso do sinal é atrair de uma só vez todos os olhares dos escolares para o mestre e fazê-los ficar atentos ao que ele lhes quer comunicar. Assim, toda a vez que este quiser chamar atenção das crianças e fazer parar qualquer exercício, baterá uma vez. Um bom escolar, toda vez que ouvir o ruído do sinal, pensará ouvir a voz do mestre ou antes a voz de Deus mesmo que o chame pelo nome. Entrará então nos ensinamentos do jovem Samuel, dizendo com ele no fundo de sua alma: Senhor, eis-me aqui. (FOUCAULT, 2014, p.163 e 164).

O corpo torna-se objeto de poder e hierarquização. É o controle por meio de gestos, sinais que deverá responder no mesmo instante. Neste sentido o mestre comanda, dá ordens de forma que todos devem cumpri-las sem nenhuma objeção. Nos séculos XVII e XVIII, de acordo com Foucault (2014, p.135), “as disciplinas tornaram-se fórmulas gerais de dominação, diferentes da escravidão e da domesticidade, surgindo aí uma política de coerção”. Um corpo bem disciplinado quer dizer um corpo bem exercitado. Só o mestre deverá ensinar aos alunos como se portar ao escrever e poderá corrigi-los quando eles não estiverem certos. Pois, para Foucault (2014, p.150), “um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente”. A disciplina contribui para formar corpos submissos, transformando-os em corpos dóceis.

No decorrer do século XVII a postura do rei era fundamental para o bom desempenho dos trabalhos no reino, sua aparência física se tornava essencial. Já no século XIX, o corpo se torna o início de algo precioso e que deveria ser respeitado e cuidado. Seria necessário preservar com cuidados parecidos com os de médico, com fórmulas, tratamentos, controle das doenças. O poder exerce uma grande influência sobre o corpo, pois por meio de atividades físicas,

enaltecimento da beleza, desenvolve-se um árduo exercício sobre o corpo: o poder está no corpo.

O corpo torna-se alvo de controle e vigilância quando, na Europa do século XVIII, iniciou-se o domínio da masturbação, intensificando uma vigilância sobre os corpos, colocando a sexualidade sob tormento e investigação. Sendo que o poder investe no abuso de produtos de erotização. De acordo com Foucault (2012):

[...] do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos 60, percebeu-se que esse poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. (FOUCAULT, 2012, p. 237).

Percebeu-se que o corpo e seu domínio poderiam existir de outras maneiras. Mas até descobrir-se isto, tudo era muito rígido em relação ao corpo. O regime disciplinar era severo demais. Foucault, em seus estudos, verificava como se instituiu uma forma de correção, uma espécie de distinção entre os normais e anormais. E, alguns anos mais tarde, foram designados vários agentes capazes de cuidarem da administração do corpo como: assistentes sociais, psicólogos, inspetores. Era a medicina que comandava toda e qualquer função ligada a ação dos agentes da política do corpo.

O biológico reflete-se no político: o homem se dá conta que tem condições de vida, saúde, que pode melhorar o mundo por meio de suas forças, transformando este saber em poder. Na verdade consegue-se entender o sexo como discussão política. O sexo participa das disciplinas do corpo com a domesticação, treinamento, exercícios das forças e, além disso, o sexo define a organização dos cidadãos. O sexo serve para impor as disciplinas e dar início das regulações.

A sociedade percorreu de um caminho de simbolismo do sangue até um caminho de análise da sexualidade influenciado por novas técnicas do poder que foram planejadas na época clássica e colocadas em prática no século XIX.

Existem, nas ciências humanas, certos regimes de verdades, que são certas regras e modelos do discurso. E a verdade, quem a determina? Todos os autores do período medieval evocavam a palavra divina, âncora da verdade era Deus, o poder religioso. Com o fim do mundo medieval, se encontra a razão humana que determina qual é a verdade. Para Foucault, o homem

é um produto do século XVIII, da mesma forma que ele surgiu ele irá desaparecer. (GIACÓIA, 2018)

Ainda no século XVIII, um acontecimento que contribuiu para os métodos de poder foi o aumento significativo da população, que trouxe consigo preocupações políticas e econômicas. É preciso saber trabalhar com as pessoas, as temáticas sobre saúde, natalidade, doenças, habitação, etc. O sexo vem controlar os nascimentos, preocupam-se ainda com a idade do casamento, a precocidade e as práticas contraceptivas. Aparecem, por meio da economia política da população, campanhas sobre as práticas sexuais, incitações morais e religiosas, uma série de discursos capazes de influenciar a vida conjugal.

Até mesmo nos colégios do século XVIII se fala de sexo. As construções, os dormitórios, alguns com cortinas e outros não, os pátios do recreio, as regras, punições, regulamentos de instituição, tudo isso faz com que a sexualidade exista ali. Então, o sexo nas instituições de ensino torna-se um problema político. Os médicos conversam com as famílias, professores, diretores. Os professores conversam com os alunos, escrevem livros, fazem planos sobre os discentes e sexo. Houve até uma grande festa no Philanthropinun para mostrar como a educação sexual foi bem trabalhada com os alunos. Havia, segundo o pesquisador, jogos florais, exames, distribuição de prêmios, etc.

Foucault acreditava que todo o governo atual espelhar-se-ia na Revolução francesa. No entanto, ela deixa de ser um exemplo quando a classe trabalhadora luta sem parar, sendo representada pelo Partido que se apresenta por meio do racismo estático, proporcionando o exercício do bio-poder. Ainda o stalinismo de Partido e o PCF, impediram as leis de uma tendência revolucionária, proibindo novos modos de ser e de viver. Segundo Foucault (2000), “o racismo estático se apresenta pelo discurso biológico-racista, discurso da luta entre raças, que são usadas por instituições para eliminar e segregar como forma de normalizar a sociedade”. Este racismo estático aconteceu de forma extrema no Estado nazista. A luta entre as raças priorizava as etnias, representava um perigo biológico e infração penal, já que os inimigos políticos eram considerados marginais e delinquentes que precisavam ser banidos. É óbvia a familiaridade entre o poder sobre a vida e o stalinismo de Partido, e os resultados foram as tarefas do “direito de matar ou o direito de eliminar, ou o direito de desqualificar.” (FOUCAULT, 2000, p. 313).

Foucault era um crítico visceral dos direitos humanos, segundo Giacóia (2018), pois, para ele os direitos humanos são inventados no século XVIII, para garantirem precisamente que

as pessoas não tenham esses direitos. Aparentemente são emancipatórios, mas a estrutura não é. Ele era um homem de grandes estratégias, de ações bem sucedidas. Liderou um movimento que se chamou na ONU - Tribunal Contra a Pirataria. Conclamava a resistência contra a pirataria e contra os navios de imigrantes. Escreveu um texto que só foi publicado após a sua morte com o título “Face aos governos: direitos humanos”.

O poder disciplinar tem como objetivo adestrar os indivíduos para que se possa manipulá-los, tratando os indivíduos como objetos e como instrumentos que fazem parte do aparelho judiciário, o olhar sob-hierarquia, a sanção normalizadora e o exame.

Durante a Época Clássica são construídos observatórios, que nada mais são do que acampamento militar, onde os homens exercem o poder por meio de armas. Nestes acampamentos são construídas tendas, de modo que todos os olhares sejam controlados. Adestrar corpos robustos, como sinônimo de saúde, para formar pessoas capacitadas, subservientes e com excelente moral. Nestes alojamentos, nas salas de refeições, foram construídos estrados mais altos para as mesas dos inspetores de estudo para que pudessem ver os alunos enquanto se alimentavam. É como se nada deixasse passar. Tudo seria vigiado minuciosamente, como forma de treinar, adestrando estes seres. Ainda nestas escolas eram escolhidos os excelentes alunos para assessorar o mestre, alguns ajudavam nas tarefas materiais como distribuir tintas, papéis, outros ajudavam a supervisionar os demais, observando e anotando quem não se comporta. Desta forma se mantém as leis do poder mantida de alguns sobre os outros, tendo um chefe como vigilante. Todos os lugares, como a escola, o exército, a oficina trabalham como punição, proibição, que aplicam castigos físicos e humilham aos indivíduos que ali estão.

Os castigos disciplinares servem para diminuir os afastados dos caminhos certos ou desorientados. Assim se intensificam os exercícios repetitivos e em seguida o exame. Corrigir é aperfeiçoar-se com exercícios, estudar, treinar. Portanto, o professor precisa, sempre que possível, recompensar os alunos ao invés de puní-los, e se mesmo assim o fizer, deverá conquistá-los primeiro. Ainda de acordo com Foucault (2014), os Irmãos das Escolas Cristãs haviam organizado um micro economia dos privilégios e dos castigos escritos:

Os privilégios servirão aos escolares para se isentarem das penitências que lhes serão impostas [...]. Um escolar por exemplo terá por castigo quatro ou cinco perguntas do catecismo para copiar; ele poderá se libertar dessa penitência mediante alguns pontos de privilégios; o mestre anotará o número para cada pergunta [...]. Valendo os privilégios um número determinado de pontos, o mestre tem também outros de menor valor, que servirão como que de troco para os primeiros. Uma criança, por exemplo

terá um castigo de que se poderá redimir com seis pontos; tem um privilégio de dez; apresenta-o ao mestre que lhe devolve quatro pontos; e assim outros. (FOUCAULT, 2014, p. 177, 178)

A prisão desde o início devia ser um lugar aprimorado, que mudasse para melhor os detentos. Ela precisava estar ligada a um planejamento de modificação destes indivíduos. Mas o que se observa é um lugar de acúmulo de pessoas, que apenas contribui para colaborar em produzir novos marginais. A prisão cria criminosos que são aproveitáveis para a sociedade, são usados como exploração do prazer sexual, para atralhar as greves e manifestações. Desde que alguém se encontrava preso, iniciava-se um processo desprezível, miserável, que ao sair retornava àquela vida criminosa. A prisão era uma espécie de treinamento. E o trabalho neste meio era fazer por fazer, para que quando saíssem de lá, não pudessem trabalhar em nada. O trabalho penal torna-se inútil desta forma. Os delinquentes impõem medo à população, fazendo-se necessário o trabalho da polícia. Por isso concordamos com a presença da polícia armada em nosso meio. Segundo Foucault (2012, p. 226) “se impõe um castigo a alguém, não para castigá-lo sobre o que ele fez, mas para mudá-lo no que ele é”. Portanto, a pena de morte, os trabalhos pesados, o cárcere... essas punições não modificam a pessoa, fazendo-se necessário um discurso para explicar o crime. As instituições encontram-se emaranhadas nas relações de poder e saber, reconhecendo que desde que se consegue alcançar o poder, esquece-se o saber, pois o poder endoidece e deixa a pessoa cega, só quem não está envolvido neste processo é que consegue constatar a verdade. O poder não foi bem investigado na tradição da história. Somente quem obteve o poder, ou seja, os personagens deste poder, é que foi analisado.

Após o século XVIII ou XIX, a medicina, a psiquiatria também contribuiu para incitar a sexualidade, talvez numa sociedade nunca se falasse tanto de sexo. As populações modernas não condenaram o sexo, mas comentaram sobre ele parecendo que deveria ser sempre um segredo. Criou-se aí um preconceito em torno do sexo, das pessoas que não procriavam, associando-o à doença mental, a condenações judiciárias, tratamentos médicos, dando uma total importância negativada ao sexo.

De acordo com Foucault (1998):

Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos-além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião-regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam cada qual à sua maneira a linha divisória entre o lícito e o ilícito. (FOUCAULT, 1998, p. 38).

Preocupavam-se todos com as relações matrimoniais. O sexo era baseado em regras e prescrições e estava sempre em observações e cuidados. Quem não cumprisse as leis deveria ser condenado. Os pecados mais graves eram o estupro, o adultério, o incesto espiritual ou carnal e a sodomia. Nos tribunais podiam condenar a homossexualidade e a infidelidade ou, ainda, o casamento sem a permissão dos pais. Tanto na ordem civil como na religiosa, a importância que se dava era a tudo que não cumpria a lei. Com o casal a sexualidade é mais silenciosa, bem mais rigorosa e exigente.

Questiona-se sobre a sexualidade dos loucos, dos bandidos, das crianças que sofrem e são punidas, castigadas e forçadas a assumirem o que são. Essas pessoas são oprimidas pela sociedade, pelas leis, jogadas nas prisões, viciadas e algumas vezes culpadas por um delito. Mas, com o passar dos anos, a medicina invadiu a vida dos casais, tomando conta dos prazeres. Por outro lado, criou doenças orgânicas, mentais, denominando exercícios sexuais incompletos. Os pais e educadores precisaram permanecer vigilantes para que as crianças escondessem o sexo. Prazer e poder andam juntos, pois é por meio do exame médico, controles familiares e investigação psiquiátrica que se trabalha para acabar com as sexualidades errantes, tendo poder para incitar a prática de prazer e poder.

O prazer vem para fiscalizar, investigar e, ao mesmo tempo que é prazer, torna-se preciso fugir e mentir, como se fosse seduzir, confrontar e incitar. A família, junto com as instituições escolares ou psiquiátricas, contribui para este regime de prazer e poder cansado da sexualidade de privilegiados e incitados. Todo tipo de sexualidade, contribui para a proliferação do poder. Esta multiplicação das sexualidades por meio do poder coloca em jogo rendimentos e lucros econômicos, envolvendo a psiquiatria, medicina e prostituição que, por sua vez, visam obter poder e controle.

Nestes anos de estudo e pesquisa, o trabalho que foi apresentado por Foucault referiu-se à criação de uma teoria independente, que não necessita estar de acordo com o sistema, procurando se adequar a ele: seria o caráter local da crítica. Esta crítica assim se formou pelo retorno do saber que, nada mais é do que a revolução dos saberes dominados.

Estes saberes estão ligados aos saberes históricos que estavam ocultos nos sistemas do manicômio e na prisão, onde a crítica os faz ressurgir. Eram, portanto, saberes que traziam reconhecimento de luta, combates. De acordo com Foucault (2012, p. 267), “institui-se assim umas pesquisas genealógicas múltiplas, que procurou acoplar o saber erudito do saber das

peçoas, com a condição de que fossem eliminadas as hierarquias dos discursos e os privilégios do avanço teórico”.

A genealogia trata de uma insurreição dos saberes contra os resultados do poder que estão atrelados às instituições e a conferências científicas que fazem parte da nossa sociedade. São estes discursos que a genealogia deve reprovar. A genealogia possui como estratégia estimular os estudos livres da dominação que aparecem neste discurso local. Na teoria jurídica clássica, quem tem o poder, tem a posse de alguma coisa, ou de algum bem que poderia transmitir a outra pessoa por uma ação jurídica ou um contrato. O poder é, sobretudo, sufocante. Ele oprime a sociedade, os indivíduos, sendo necessário estudá-lo em medida de luta, disputa e competição. Por isso, segundo Foucault (2012):

Poderíamos assim opor dois grandes sistemas de análise do poder: um seria o antigo sistema dos filósofos do século XVIII, que se articula em torno do poder como direito originário que se cede, constitutivo da soberania, tendo o contrato como matriz do poder político. Poder que corre o risco de se tornar opressivo. Poder-contrato, para o qual a opressão seria a ultrapassagem de um limite. O outro sistema, ao contrário, tentaria analisar o poder político não mais segundo o esquema contrato-opressão, mas segundo o esquema guerra-repressão... (FOUCAULT, 2012, p. 276).

Para Foucault, esses são dois métodos em que se analisam o poder, sendo que o método contrato-opressão é o jurídico e o método de dominação-repressão representa luta e submissão.

De acordo com Foucault, a atividade que pratica o biopoder sempre está associada a um saber, procurando atingir não só os burgueses, mas também as pessoas que não concordam com suas ideias e princípios. Na social-democracia, Foucault percebe um início de mudança do capitalismo para o socialismo que não se reflete o racismo estático, dando espaço aos regimes econômicos, que assim descartam o adversário economicamente tirando seus privilégios. Ao filiare-se ao Partido Comunista Francês, estes jovens deveriam renunciar seus princípios, seus ideais, para obedecerem fielmente as regras do Partido em nome da submissão política. Estas regras só darão certo depois que jurarem lealdade e obediência ao Partido.

Portanto o Partido Comunista trabalha com a ideia de que não somos seres individuais. Ao invés disso, fazemos parte de um governo coletivo e fiel à instituição. Assim Foucault possibilitou revolucionar, inventar, desvencilhar de algo obediente e fiel, para criar novas atitudes de ser e de viver, mudando a sociedade e o sujeito que nela vive, pois para ele a transformação do mundo só acontecerá com a transformação do sujeito. O processo de política e subjetivação conceitua-se por duas mudanças: primeiro o cuidado de si implicando na maneira

de como a ética do sujeito é formada, o segundo, à valentia, a bravura sobre a verdade, a vida agitadora transformadora para revolucionar o que é preciso.

Desta maneira são classificados os bons e os maus indivíduos: avaliando-os, medindo seus conhecimentos, castigando-os e recompensando-os. Isso produz um jogo de hierarquização, em que o melhor se sobrepõe aos piores, punindo-os e expondo-os ao ridículo. Os alunos da primeira classe que seriam chamados de muito bons, são considerados como uma tropa especialmente militar e suas roupas possuem uma dragona de prata. Já a segunda classe, considerada dos bons, veste uma dragona de seda cor de papoula e prata e podem sofrer as consequências da prisão e da detenção. A classe dos medíocres veste uma dragona de lã vermelha. E a última classe, a dos maus, usa uma dragona de lã parda. Estes alunos receberão todas as punições até a masmorra escura. Esta era a classe indecente, que recebia leis especiais. Portanto todos deveriam ter bom comportamento, serem dóceis, obedecer e esforçarem-se nos estudos. Este regime propunha comparar e fazer diferenciação entre os indivíduos, excluindo-os. Segundo Foucault (2014,p.180), em resumo, “normalizar”. Então com as disciplinas veio o poder da Norma que impõe novas determinações: como a Lei, a Palavra e a Tradição.

Por isso, deve-se examinar melhor a ideia de que a era moderna reprimiu o sexo, quando na verdade houve uma manifestação enorme, em torno das sexualidades, muitas vezes ridicularizando, repugnando, provocando medo em torno do sexo.

Nas confissões desde a Idade Média já se procurava a verdade, o desaparecimento das culpas, o julgamento de Deus. Com a confissão, pretendeu-se dizer sempre a verdade, tanto na medicina, na justiça, na pedagogia, na família. Mesmo que a confissão, às vezes, não seja espontânea e, ao invés disso, seja imposta por alguém e ocorra também por meio da tortura.

A confissão dá a impressão de libertar o que estava incomodando, já o poder permite o silêncio. O assunto sexo sempre esteve presente nas confissões, é um segredo que só é revelado por meio de falar a verdade, dever cumprido nas confissões, verdadeiro objetivo. A confissão tem o poder de avaliar, punir, perdoar, consolar, promete salvação, purificando o indivíduo. Nestas confissões constituiu-se uma tradicional extorsão de confissão sexual em formas científicas. Segundo Foucault (1998):

- 1-Através de uma codificação clínica do “fazer falar”, combinar a confissão com o exame, o interrogatório cerrado, a hipnose com a evocação de lembranças;
- 2-Através do postulado de uma causalidade geral e difusa, o dever de dizer tudo e o poder de interrogar sobre tudo encontrarão sua justificação no princípio de que o sexo é dotado de um poder causal inesgotável e poliformo.
- 3-Através do princípio de uma latência intrínseca à sexualidade: se é preciso arrancar a verdade do sexo por meio da técnica da confissão, pois o funcionamento do sexo é

obsuro, porque escapar faz parte de sua energia e natureza. É preciso arrancá-la à força já que ela se esconde.

4-Através do método da interpretação: não é somente porque aquele que houve tem o poder de perdoar, de consolar e de dirigir o que é necessário confessar. É que o trabalho da verdade para ser produzida, caso se queira validá-lo cientificamente deve passar por essa relação.

5-Através da medicalização dos efeitos da confissão: a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas. O domínio do sexo não será mais colocado, sob o registro de culpa e do pecado e sim no regime do normal e do patológico. (FOUCAULT, 1998, p. 64, 65 e 66).

Desta forma cada indivíduo a ser estudado torna-se um caso a ser analisado, sua vida, sua história, suas observações, tudo funciona como forma de julgamento, de exposição detalhada sobre o indivíduo. O exame sim contribui para o exercício do poder e do saber. E para que este exercício permita formar corpos dóceis surgiu a instituição prisão, a fim de torná-los úteis à humanidade. A prisão é um resultado abominável de correção que precisa funcionar mesmo que as pessoas não aprovelem. Seu objetivo maior seria a mudança do indivíduo, a busca pela perfeição. A prisão faria a pessoa quitar suas obrigações consigo e, muito especialmente, com a sociedade.

De acordo com Foucault (2014, p. 226), ao tratar sobre a prisão-castigo, prisão-aparelho:

A ordem que deve reinar nas cadeias pode contribuir fortemente para regenerares condenados; os vícios da educação, o contágio dos maus exemplos, a ociosidade [...] originaram crimes. Pois bem, tentemos fechar todas essas fontes de corrupção; que sejam praticadas regras de sã moral nas casas de detenção; que, obrigados a um trabalho de que terminarão gostando, quando dele recolherem o fruto, os condenados contraíam o hábito, o gosto e a necessidade da ocupação; que se deem respectivamente o exemplo de uma vida laboriosa; ela logo se tornará uma vida pura; logo começarão a lamentar o passado, primeiro sinal avançado de amor pelo dever. (FOUCAULT, 2014, p. 226).

Na Idade Média, as instituições de poder como a Monarquia, o Estado e seus aparelhos tomaram à frente vários segmentos da sociedade que estavam ligados ao controle de poderes, à posse de armas. Mas este poder e regras só serviam para praticar a violência e oprimir os injustiçados. O poder se origina dos efeitos das distribuições, divisões e diferenças, por meio das relações que estão diretamente atreladas aos grupos da sociedade. O poder-saber se concretiza nas relações que acontecem entre confessor e penitente, professor e aluno, médico e paciente, babá e criança, tornando formas de conhecimento que buscam discursos distintos reforçando este poder-saber. O discurso tanto barra o poder como o produz. É no discurso que se unem saber e poder, e eles podem ser um dispositivo e um efeito de poder.

Então o dispositivo da sexualidade, a partir do século XVII, vai fermentar na família. Os pais é que comandam a sexualidade, que precisa dos médicos, pedagogos e psiquiatras para, então, formarem as relações de aliança. Assim surgem as figuras mescladas da aliança desviada e da sexualidade anormal: a mulher desequilibrada, a esposa sem prazer sexual, o homem cruel e malvado, machista. A partir daí é preciso que ajudem a família a resolver estes problemas de sexualidade, surgindo a ajuda dos médicos, pedagogos, psiquiatras, padres, pastores, todos que pudessem ajudar neste tormento sexual. Nasce aí a psicanálise que tem o poder de mudar as relações de ansiedade e evidências.

Portanto um dispositivo foi programado para juntar confissão e o método de escuta clínica. Já a sexualidade foi descrita, como sendo um controle por métodos patológicos com intervenções terapêuticas. A sociedade do século XVIII falou muito de sexo e insistiu para que todos falassem sobre ele, tratando-o como um outro processo do saber. Na confissão cristã tudo o que dela se processa se assemelha a uma arte erótica: os fenômenos de possessão e êxtase que se originaram da ciência da carne. Podemos encontrar algumas relações ou problemas entre o sexo e o poder que fizeram parte na história do Ocidente:

1- A relação negativa: produzem efeitos negativos, o poder sobre o sexo como: repelir, renunciar, encobrir, esconder.

2- A instância da regra: o poder dita ao sexo uma ordem, por meio de uma linguagem ou discursos.

3- O ciclo da interdição: a lei da proibição, nada pode, só sobreviverás se anular-se com o principal propósito de renunciar a si mesmo.

4- A lógica da censura: pretende-se que tudo seja inexistente, nada seja permitido, que o que existe deve ser repellido e impossibilitado de ser falado.

5- A unidade do dispositivo: o poder faz o sujeito sentir medo e obedecer, o poder legislador está, de um lado, pronto para legislar e, do outro, está o sujeitado que deve obedecer.

Na prisão o trabalho regenera o detento, é como se ele fosse um objeto de uma máquina, que faz sua parte, para uma perfeita harmonia. É uma forma encontrada para a cabeça e o corpo se ocuparem e desviarem a atenção de pensamentos impertinentes. Obriga a dignidade do salário para manter-se, reproduzindo um propósito de servidão e poder. Segundo Foucault (2014, p.238), “O importante é apenas reformar o mau. Uma vez operada essa reforma, o criminoso deve voltar à sociedade”. Acreditava-se que o indivíduo sairia da prisão convertido e transformado em um ser humano bom.

É necessário que o detento seja vigiado constantemente, por isso o surgimento do Panóptico nas prisões. Por meio da vigilância constante, prevalece o isolamento e proteção, sendo o modo mais eficaz de manter um regime rígido e visível, que não falha. O Panóptico benthamiano poderia ser construído em semicírculo, em forma de cruz ou a disposição em estrela. É perfeita esta construção, pois de uma sala central o chefe tem a visão de todas as entradas das celas e também do interior destas. Com o Panóptico também se aplica uma forma de conservar informações de cada detento, uma espécie de boletim individual que se escreve a respeito de cada preso. O aparelho penitenciário faz uma identificação para diferenciar o infrator do delinquente: o infrator é avaliado apenas pelo ato que ele comete e já o delinquente é avaliado, também, por toda a sua história de vida. A observação do delinquente segundo Foucault (2014):

[...] deve remontar não só as circunstâncias, mas às causas de seu crime; procurá-las na história de sua vida, sob o triplo ponto de vista da organização, da posição social e da educação, para conhecer e constatar as inclinações perigosas da primeira, as predisposições nocivas da segunda e os maus antecedentes da terceira. Esse inquérito biográfico é parte essencial da instrução judiciária para a classificação das penalidades antes de se tornar uma condição do sistema penitenciário para a classificação das moralidades. Deve acompanhar o detento do tribunal à prisão, onde o ofício do diretor é não somente recolher, mas também completar, controlar e retificar seus elementos no decorrer da detenção. (FOUCAULT, 2014, p. 245).

A história da biografia é essencial no processo de investigação, pois ela mostrará que, antes do crime, já existia o criminoso. E desta forma tenta-se medir o crime identificando este sujeito como perigoso aplicando uma punição ou castigo. Ainda o delinquente se diferencia do infrator por estar atrelado a seu crime por meio de tendências, temperamentos, selvageria, impulsividade, costumes, estabelecendo o vínculo do criminoso com seu crime.

Após a Revolução francesa, iniciou-se um processo de conhecimentos e experiências pessoais que levaram à “conversão à revolução”. (FOUCAULT, 2001, p. 200). Este processo acontece por meio da adesão a um partido, pois não confiam mais na revolução. E como uma nova política surge a ideia de revolução, atrelada à vida como uma obra de arte, neste envolvimento de convívio, consigo e com os outros, fazendo parte de uma estética da existência. Foucault ainda coloca que “entendido como atividade revolucionária e maneira de viver dedicado à Revolução, o militantismo se expressou na sociabilidade secreta, nas organizações instituídas (sindicais ou os partidos políticos) e em um novo estilo de existência. (FOUCAULT, 2009, p. 169-171) Para Foucault, a vida é uma obra de arte inacabada, que pode ser escrita

constantemente no momento em que se vive, no hoje, privilegiando o que deixamos de ser e o que ainda não somos.

A música liberta, expressa sentimentos, produz emoções, modifica o indivíduo, fazendo-o pensar criticamente, favorece o convívio social e a comunicação.

Porém, Foucault (2014), em sua obra *Vigiar e Punir*, diz que “a escola é usada para controlar corpos, sob o olhar do professor, cuidadosamente classificador”.

Haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados no mesmo lugar e sempre fixo. Os escolares das lições mais adiantadas serão colocados nos bancos mais próximos da parede e em seguida os outros segundo a ordem das lições, avançando para o meio da sala [...]. Cada um dos alunos terá seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocará sem a ordem e o consentimento do inspetor das escolas. [será preciso fazer com que] aqueles cujos pais são negligentes e têm piolhos fiquem separados dos que são limpos, e não os têm; que um escolar leviano e distraído seja colocado entre dois bem comportados e ajuizados, que o libertino ou fique sozinho ou entre dois piedosos. (FOUCAULT, 1997, p. 144 e 145).

Neste sentido é possível inferir que a escola priva a musicalidade, a leveza dos corpos expressada pela música, colocando os alunos em filas, classificando-os como simples mercadorias, garantindo assim obediência e disciplinarização dos corpos. De acordo com Foucault (2014) “[...] o espaço escolar tornou-se uma máquina de ensinar, de vigiar, de hierarquizar e recompensar”. A escola possibilita uma condição de aparelho de exame, proporcionando comparar, medir e punir os alunos.

Segundo Foucault (2014):

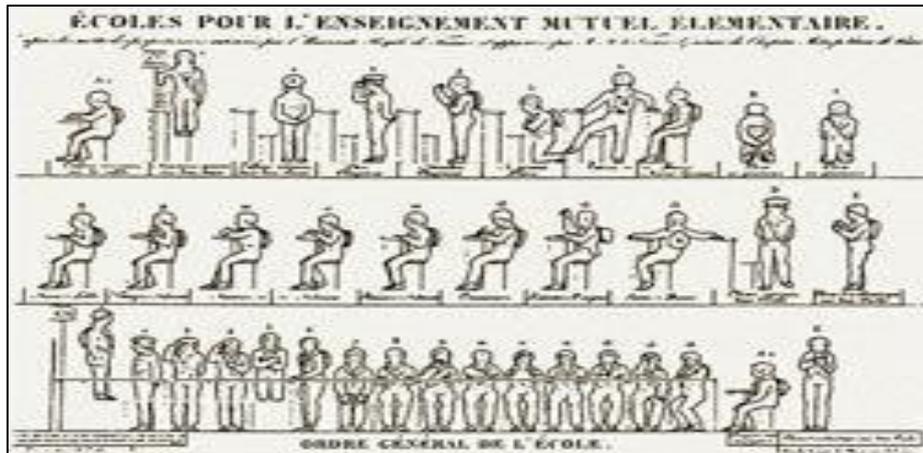
Os Irmãos das Escolas Cristãs queriam que seus alunos fizessem provas de classificação todos os dias da semana; o primeiro dia para ortografia, o segundo para aritmética, o terceiro para o catecismo da manhã e da tarde para caligrafia etc. Além disso devia haver uma prova todo mês, para designar os que merecessem ser submetidos ao exame do inspetor. (Foucault, 1997, p. 182).

Sendo assim, não se pratica violência física para o adestramento. Apenas regras que deverão ser cumpridas, exames para medir e permitir ao mestre verificar se os seus objetivos foram atingidos. Assim o poder do professor sobre seus alunos é constantemente renovado.

De acordo com Foucault (2004, p. 65): “[...] a disciplina, arte de dispor em fila e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações.” O corpo adestrado precisa cumprir a disciplina. Este poder que havia sobre os corpos dominava as redes de

relações, comparando a escola a uma máquina de ensinar, fazendo distinções e classificando os alunos.

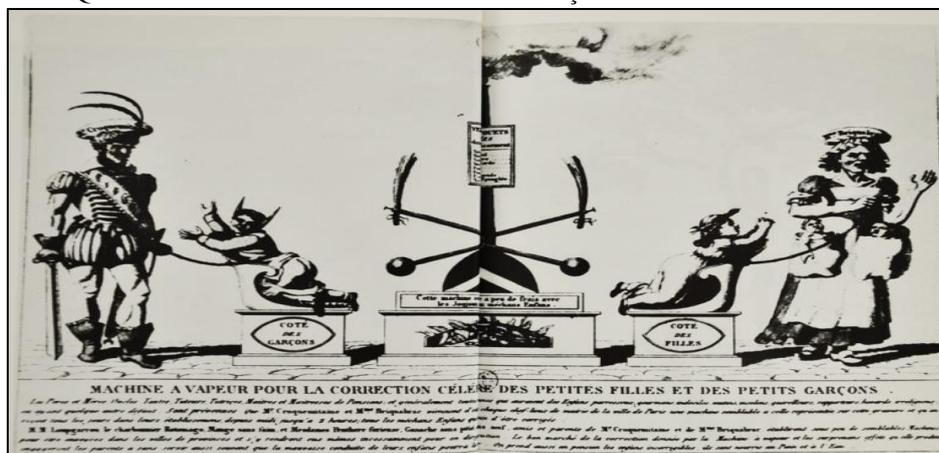
FIGURA 5: ESQUEMA DE POSTURA CORPORAL DA ESCOLA FRANCESA DE PORT-MAHON DO SÉCULO XIX: TRIUNFO DA DISCIPLINA



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/1522/michel-foucault-um-critico-da-instituicao-escolar> (FOUCAULT, 2014, p. 135)

A figura abaixo, do final do século XVIII, representa uma máquina a vapor para a rápida correção das meninas e meninos, que não obedeciam a seus governantes. Servia para controlar crianças gulosas, preguiçosas, desobedientes, crianças que precisavam de correção. O objetivo desta máquina era impor à criança pensar sobre seus atos, impondo medo e pavor diante dos monstros que poderiam pegá-las se não fizessem o que lhes foi mandado.

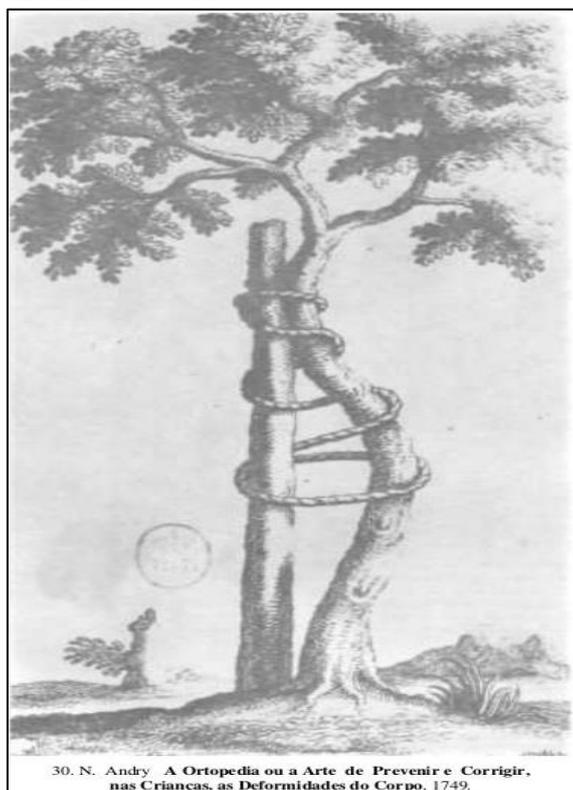
FIGURA 6: MÁQUINA A VAPOR PARA A RÁPIDA CORREÇÃO DAS MENINAS E MENINOS.



Fonte: <http://badameco.blogs.sapo.pt/vigiar-e-punir-michel-foucault-225171>

Avisamos aos pais e mães, tios, tias, tutores, tutoras, diretores e diretoras de internatos e, de modo geral, todas as pessoas que tenham crianças preguiçosas, gulosas, indóceis, desobedientes, briguintas, mexeriqueiras, faladoras, sem religião ou que tenham qualquer outro defeito, que o senhor Bicho-Papão e a senhora Tralha-Velha acabarão de colocar em cada distrito da cidade de Paris uma máquina semelhante à representada nesta gravura e recebem diariamente em seus estabelecimentos, de meio-dia às duas horas, crianças que precisam ser corrigidas. Os senhores Lobisomem, Carvoeiro Rotomago e Come-sem-fome e as senhoras Pantera Furiosa, Caratonha-sem-Dó e Bebe-sem-Sede, amigos e parentes do senhor Bicho-Papão e da senhora Tralha-Velha, instalarão brevemente máquina semelhante, que será enviada às cidades províncias e, eles mesmos, irão dirigir a execução. O baixo preço da correção dada pela máquina a vapor e seus surpreendentes efeitos levarão os pais a usá-la tanto quanto o exija o mau comportamento de seus filhos. Aceitam-se como internas crianças incorrigíveis, que são alimentadas a pão e água. Gravura do fim do século XVIII. (FOUCAULT, 1997, p.32)

FIGURA 7: A ORTOPEDIA OU A ARTE DE PREVENIR E CORRIGIR, NAS CRIANÇAS, AS DEFORMIDADES DO CORPO.



Fonte: FOUCAULT, 2014, p. 1749

Nesta figura podemos observar que Foucault mostra uma ilustração sobre a ortopedia ou a arte de prevenir e corrigir, nas crianças, as deformações do corpo. A criança é comparada a uma árvore, que necessita apoiar-se para obter uma postura reta, certa. Neste sentido, precisa guiá-la por meio de regras e certo controle sobre seu comportamento para ser domada ou dominada.

Para Foucault, “A heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis.” (FOUCAULT, 2006, p.418). Os espelhos, nas imagens, contribuem para confundir ou desestruturar as imagens. Segundo Foucault (2007, p. 217), “seria preciso mostrar que, em pelo menos uma de suas dimensões, ela [a pintura] é uma prática discursiva que toma corpo em técnicas e efeitos”.

A arte fazia parte da vida de Foucault em todos os seus trabalhos, alguns de seus conceitos são ilustrados por suas pinturas. Ele reconhecia a abordagem do pintor não enquanto indivíduo, mas enquanto função em um dado período histórico, para uma dada sociedade. Preocupa-se mais com o que é produzido da imagem. Bourriand (2009, p.14) explica que, ao juntar arqueologia e pintura, Foucault provocou reflexos e estudos sobre o discurso pictural, segundo uma arqueologia das artes plásticas. O acontecimento que inaugura a pintura moderna é Manet, pois, para Foucault, ele é o fundador da discursividade.

## 4 UM OLHAR SOBRE O SOLO-MAIS PRÓXIMO-DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL- PESQUISA EMPÍRICA

Apresenta-se, aqui, a pesquisa com crianças, professores, por meio de observação e aplicação de questionários para seleção de entrevistados. Como método de coleta de dados se enfatiza a realização das entrevistas semiestruturadas com professores de um centro de educação infantil de Lages SC e a observação de crianças de uma turma de maternal.

Foram, pois, utilizados dois instrumentos de coleta de dados: observação e entrevistas semiestruturadas. Escolhi este método por supor que a observação de crianças é a maneira mais eficaz de alcançar os objetivos propostos. As entrevistas semiestruturadas com professores servem de apoio à observação. Ambas se apoiam e se completam na pesquisa em questão.

Durante a observação, são registrados os dados visíveis e de interesse da pesquisa. As anotações foram, inicialmente, feitas por meio de registro cursivo (contínuo), transcritos posteriormente (DANNA e MATOS, 2006). Por meio das anotações, foram realizados os registros de como a professora direciona o momento musical, a reação e preferências musicais das crianças nas atividades propostas.

A entrevista semiestruturada foi feita por um roteiro previamente elaborado composto por questões abertas. Toda entrevista foi primeiramente gravada, posteriormente transcrita e finalmente analisada. Foram entrevistados cinco professores selecionados por meio de questionário no CEIM pesquisado.

### 4.1 GENEALOGIA FOUCAULTIANA

A pesquisa adotou como metodologia a genealogia, segundo Michel Foucault, para investigar as regras que transformam os saberes e as práticas pedagógicas no decorrer do tempo, também influenciando na arte de governar os corpos na Educação Infantil Pública. De acordo com esta perspectiva,

[...] A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência. Ela deve construir seus 'monumentos ciclópicos' não a golpes de 'grandes erros benfazejos' mas de pequenas verdades inaparentes estabelecidas por um método severo. (FOUCAULT, 1985, p. 12).

Portanto, a análise dos dados coletados nessa pesquisa oportuniza uma análise e reflexão das relações de poder pertinentes à Educação Infantil. Assim, pretende-se perceber como se dá a elaboração de um saber sobre o corpo e o sujeito, o que implica na arte de governar. Isso se dá a partir do reconhecimento da música como arte na escola para superar a condição da disciplinarização, do assujeitamento do aluno.

Inspiramos o método de análise de dados na análise genealógica que, para Foucault, se constrói na descrição da trajetória das práticas sociais, enfatizando as articulações entre ela, identificando os dispositivos. Dispositivo, para Foucault, é:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 1998, p. 244).

Na análise foi preservada a identidade dos participantes da pesquisa. Utilizamos a letra P por significar professor e os numerais de um a sete para identificar ao pesquisador os nomes dos professores participantes.

Em relação ao processo ético da pesquisa, Diez e Horn enfatizam que:

[...] deve-se buscar o controle da subjetividade, levando os sujeitos a expressarem livremente suas opiniões, respeitando os valores e responsabilidades do pesquisador para consigo e para com a sua profissão, fazendo interpretações de esquema conceitual, respeitando a expressão de opiniões, crenças, atitudes e preconceitos, etc. (DIEZ & HORN, 2011, p. 23).

Levando em consideração esse cuidado com este estudo, posteriormente à elaboração do projeto de pesquisa fez-se necessário comunicar-se com a Secretária Municipal de Educação do Município de Lages, solicitando a permissão para a realização da mesma. Na sequência, foram identificados os sujeitos de nosso estudo.

Logo depois encaminhamos o Projeto de Estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC – de Lages (SC) tendo em vista a necessidade de submeter esse trabalho para análise, planejando desenvolver uma pesquisa “[...] ética e cientificamente correta [...]” (BRASIL, 2004, p. 15). Ressaltamos que o projeto obteve aprovação sob o número do parecer 2.426.323. Na perspectiva de uma metodologia ética e atuante em que a pesquisa progrediu, destaca-se o objetivo de “[...] salvaguardar os direitos e a dignidade dos sujeitos da pesquisa”.

Atendendo particularidades do método genealógico, buscamos informações que foram obtidas por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados. Neste entendimento foram utilizados dez professores que atuam no CEIM pesquisado. e escolhido cinco entre esses dez professores para a entrevista semiestruturada.

Ao almejar um processo ético na pesquisa, Streck (2004) salienta que, por meio de diálogo e relação com o objeto, buscamos indagar-nos “[...] com o que nós entramos nas negociações?” É necessária, ao pesquisador, uma compreensão do contexto para interpretar como se estabelecem as relações de poder na Educação Infantil e faz parte do trabalho do pesquisador descrever os dados levantados.

Para isto, numa perspectiva foucaultiana analisamos as relações de poder presentes na prática pedagógica e existentes na constituição da Educação Infantil Pública.

#### 4.2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

O período da observação foi um processo importante para a coleta de dados, ocorrendo anteriormente à entrevista. A observação iniciou-se em junho de 2018, em uma turma de maternal I. Porém, devido ao fato de as crianças terem pouca idade (de dois anos a três), não foi possível observar a linguagem musical oral, pois muitas crianças ainda não conseguiam pronunciar bem as palavras. Então se percebeu a necessidade de optar pelo pré II, turma cujas crianças eram maiores e mais participativas.

A observação nesta turma estendeu-se por sete dias. Esta observação possibilitou uma investigação do local a ser pesquisado e uma interpretação das questões presentes nas entrevistas. Na participação do cotidiano escolar não foram percebidas resistências, a receptividade aconteceu de forma serena e acolhedora, principalmente pelas crianças, o que proporcionou um espaço tranquilo para a pesquisa desenvolver-se.

A estrutura física do ambiente era agradável e alegre. As mesinhas unidas, com o nome de cada um na cadeira. A partir desta prática de classificação por idade e de localização por sala, segundo Foucault (2004), podemos refletir sobre a terceira técnica para a disciplinarização dos corpos. Segundo esse autor, trata-se de Localizações Funcionais, que estão nas instituições disciplinares codificando um espaço que a arquitetura deixa livremente, pronto para várias formas de usos. Estes lugares determinados estão postos, não só para a necessidade de vigiar,

mas também de criar um espaço útil para as crianças e para as pessoas que tem a responsabilidade de disciplinar, onde a todo momento possam ser vigiadas.

Na hora do lanche, todos seguem em filas separadas: de um lado os meninos e de outro as meninas. Vão até o refeitório, voltando novamente em fila, após o lanche. De acordo com Foucault (2014, p. 65), “[...] a disciplina, a arte de dispor em fila, individualiza os corpos”. O corpo necessita cumprir a disciplina, pois é adestrado para tal. Isso compara a escola a uma máquina de ensinar, classificando os alunos. Além disso, o sexismo inicia-se a partir da separação, meninos de um lado e meninas de outro reforçando a identidade de gênero.

Conversando com a professora ela relatou-me que cada letra do alfabeto que ela trabalha, introduz com uma canção. Em um dos dias da observação ela trabalhou a letra F e cantou com acompanhamento do *dvd* a música da formiga. Brito (2003, p. 51) considera que a música neste contexto é “[...] apenas um meio para atingir objetivos considerados adequados à instrução e a formação infantil.” Alguns alunos mais tímidos não querem participar da hora da música, a professora não insiste e os deixa livres, mas a maioria canta entusiasmada com os gestos e expressões. A professora faz uso do *notbook* para incentivar a música por meio de um vídeo musical. Segundo Delalande (2000, p. 48) “[...] a introdução do gravador, por volta de 1950, alterou radicalmente nossa concepção de música, de um lado, certos compositores puseram-se a fazer música concreta, ruídos, ranger de portas, de outro lado pode-se escutar, cantos de garganta das mulheres esquimós”. Para ele, as brincadeiras cantadas infantis são, talvez, uma das primeiras manifestações do jogo musical com regras. Mas organizar a música, ou organizá-las entre crianças quando ela é produzida, é uma preocupação que toma sua verdadeira dimensão na criação coletiva.

Ponso (2014) coloca que, com o surgimento da internet, a música sofreu modificações no panorama mundial. Na escola as crianças trazem experiências musicais vivenciadas em casa. Algumas escutam música em CD, outras em DVD, rádio, televisão e celular. Ao planejar uma atividade na escola envolvendo a música, percebe-se que cada professor traz sua contribuição sugerindo músicas importantes para si, carregadas de lembranças, histórias de vida e de culturas variadas.

Durante as observações, a professora relatou que os alunos do pré-escolar não gostam mais de cantigas de roda e, ao invés disso, preferem as músicas que escutam em casa tais como funk, rap e sertanejo universitário. Segundo Snyders (2008) é incontestável que os gostos musicais se modificam ao longo do tempo. Muitas obras que tiveram grande sucesso em

determinado momento, hoje não são mais apreciadas e ouvidas. Notou-se que a professora também trabalha com a música nas datas comemorativas.

Na categoria formação, nos discursos das entrevistadas, foi relatado que estas possuem cursos de capacitação na área musical e, também, em sua formação acadêmica. Quando questionadas sobre esse assunto, a P1 respondeu “ *que sempre foi abordado esta temática nos cursos de formação continuada e em sua formação acadêmica, pois tudo isso faz parte do contexto.*” A entrevistada P4 concorda com a P1 e diz que este assunto da música é sempre muito debatido nas formações e mesmo na faculdade que cursou. Enquanto que a P3 diz: “*penso que poderia ser explorado mais*”. Com a mesma crítica, a P5 coloca que foram raras as vezes em que foi abordada a temática. Já a P2 coloca que, desde a faculdade até os cursos de formação continuada, a música está muito envolvida na educação infantil e que também têm bastante acesso a materiais e a experiências.

Segundo Koellreutter (1987), musicólogo brasileiro, a linguagem musical pode ser um meio de ampliação da percepção e da consciência, porque permite vivenciar e conscientizar fenômenos e conceitos diversos. Na música para ele se faz presente um jogo dinâmico de relações que simbolizam, em microestruturas sonoras, a macroestrutura do universo. A música é linguagem que organiza, intencionalmente, os signos sonoros e o silêncio, no *continuum* espaço-tempo.

Já Brito (2003, p. 9) ressalta a importância musical na educação infantil: “[...] um trabalho pedagógico-musical que se pode realizar em contextos educativos nos quais a música é entendida como um processo contínuo de construção que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir.”

A música, na educação infantil, permite o desenvolvimento afetivo e cognitivo, possibilita a imitação, entonação de voz e a invenção de sons vocais, que contribuem para o aprendizado motivador e descontraído em relação à criança.

Para Foucault (1983), é preciso levar em conta que, por muito tempo, a música esteve ligada aos ritos sociais e unificada por eles: música religiosa, música de câmara; no século XIX, a ligação entre a música e a representação teatral na ópera (sem falar das significações políticas ou culturais que esta pôde ter na Alemanha ou Itália) foi também um fator de integração.

No discurso da P1, P2, P3, P4 e P6, quando perguntado sobre o que não permitem na hora da música, todas foram unânimes em dizer que orientam na hora da música para que não vire bagunça e se dispersem, que assim não estariam cumprindo o objetivo proposto.

Este entendimento indaga sobre a noção de liberdade, dando a ideia de que a liberdade só existe em função daquilo que é permitido escolher. Portanto, Foucault (2014, p. 195), a respeito da relação entre disciplina e liberdade coloca: “As luzes que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas.” Desta maneira se coloca a música para controlar os corpos e desenvolver um objetivo que é imposto pelo professor e não do interesse da criança.

Analisando ainda um pouco mais sobre a música, no discurso da P5 ela relata que trabalha a música principalmente nas datas comemorativas:

*“[...] meu repertório musical é bem variado, principalmente nas datas comemorativas. Costumo cantar conforme a data, eu já utilizo a música como parte de textos”.*

Ela ainda relata que faz uso da música como ferramenta textual em várias situações de rotina e durante as atividades das aulas.

Deste modo, a música serve como suporte para a formação de hábitos e atitudes, disciplina, rotina e comemorações de datas diversas, tornando-se uma prática de gestos mecânicos e repetitivos.

Ainda, segundo Brito (2003), o trabalho com a linguagem musical na educação infantil avança a passos muito lentos. Apesar de vários estudos e pesquisas já existirem, a transformação ocorre em descompasso com as demais áreas do conhecimento. E ainda assim o professor segue cantando canções que já vêm prontas, tocando instrumentos de acordo com sua visão de ensinar música, deixando a linguagem musical de lado, excluindo a criação, pesquisa, interação, maturidade e a própria cultura do aluno.

De acordo com o discurso da P3 e da P5, o tema música poderia ser mais explorado nos cursos de formação. Segundo Brito (2003), isto reflete na necessidade de repensar este sistema educacional que se esqueceu por completo da linguagem da arte ou da educação estética de muitas gerações. No trabalho com a música há ausência de profissionais especializados. Os professores da educação infantil têm pouca formação ou quase nenhuma formação em música.

Para Ponso (2014), trabalhar com a música na educação infantil exige criatividade, atitude e dinamismo. A demanda emocional, o afeto, a relação humana de carinho e de amizade são elementos que podem determinar o sucesso da atividade em sala de aula. Os alunos apresentam muita vontade de ampliar e buscar novos conhecimentos, principalmente quando são protagonistas de um projeto ou se puderem perceber que estão conduzindo a trajetória do estudo a partir de seus questionamentos.

No discurso da P5 ela comenta que suas crianças:

*“[...] são muito ecléticas, amam se expressar, geralmente na hora da música eles ficam livres para dançar, eu dou uma ideia da música, do repertório, mas eles também vão puxando outras .”*

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998), a realização musical implica tanto gesto como movimento, pois o corpo em movimento emite sons. E estes movimentos como saltar, correr, flexionar estabelecem relações com os diferentes gestos sonoros. O cantar está ligado ao movimento.

Para a entrevistada P1 *“o desenvolvimento do corpo, o movimento do corpo e a coordenação motora podem ser trabalhados com a música.”* Brito (2003) comenta que, na educação musical do século XX, Emile Jaques-Dalcroze (1865-1950) foi quem primeiro se preocupou com o corpo como meio para o desenvolvimento musical e personalidade da criança. Ele alcançou bons resultados com a criação de uma disciplina com o nome de euritmia, estruturando o trabalho com os conteúdos musicais por meio do corpo.

No discurso da P4, ela relata que *“[...] por meio da música podem ser desenvolvidas várias coisas, além do cognitivo, motor, coordenação fina, movimentos, ritmos, batidas podendo acelerar e diminuir o ritmo...”* Compactuando com este mesmo entendimento a entrevistada P 5 também fala que *“a música é importante ferramenta para desenvolver a expressão corporal e a coordenação fina e ampla”*.

Nesta visão de música, ela uniformiza e disciplina pois, de acordo com Foucault (2014), estes movimentos padronizam e mantêm alinhados os ritmos, um movimento mecânico e repetitivo, porque um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente. A P4 coloca ainda eles *“recantam a música com os amigos, socializam-se e até os tímidos participam com os demais colegas.”*

Esta relação com os outros, com os amigos, a socialização que a P4 coloca, Foucault traz como uma atitude fundamental no cuidado de si para depois relacionar-se com o outro, um convite à atividade em conjunto. De acordo com Gallo (2006), o cuidado de si implica no exercício com o outro, na convivência resultando na ética política do outro. A construção da liberdade neste convívio depende de ambas as partes. Assim, é possível inferir também que a relação professor e criança sob a ética dos cuidados de si resulta em amizade, companheirismo, confiança e, principalmente, expressão de liberdade.

Segundo o discurso da P6, as músicas mais cantadas na sala são as cantigas de roda e músicas de rotina. Porém, Brito (2003) relembra que vale a pena refletir sobre o uso da música

para estabelecer a rotina ou manter a ordem: música para fazer fila, para lavar as mãos, na hora de lancha etc. Este tipo de música, muitas vezes, torna-se monótono, repetitivo e mecânico.

É preciso que a música permita à criança expressar-se por meio de gestos que ela mesma crie, que observe seus colegas e os imite, tenha liberdade para concentrar-se na interpretação da música, sem a incumbência de repetir os gestos do professor durante todo o tempo. Pois, cantando no coletivo, segundo Brito (2003), aprendemos a ouvir nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo.

Ainda de acordo com Brito (2003), é importante que se apresentem às crianças canções do cancionário infantil tradicional, da música popular brasileira, da música regional, de outros povos etc. Além de cantar as canções que já vem prontas, elas devem ser estimuladas a improvisar e a inventar canções.

No discurso da P4 ela comenta que cantam de maneira diversificada, a fim de atender o que representa significado para as crianças:

*[...] nós cantamos de tudo um pouquinho, porque a gente como pedagoga acaba querendo cantar as cantigas de roda que são as músicas que a gente sabe que a letra é uma letra bonita e traz um aprendizado, mas as crianças acabam trazendo também as músicas de casa. A música sertaneja, agora também o sertanejo universitário, eles gostam bastante da Marília Mendonça, o funk, então a gente acaba tentando direcionar para aquele funk com menos palavras fortes, mais infantil.*

De acordo com o discurso da P6, quando perguntado sobre o que ela não permitia que as crianças fizessem na hora da música, ela respondeu: *“[...] procuro mantê-los atentos na atividade, mas quando eles começam a dispersar, mudo de música e atividade, pois a atenção deles é por pouco tempo em um mesmo tema”*.

Neste sentido, de acordo com Foucault (1994), na instituição social – escola, esta atitude da P 6 visa à uniformização de um determinado tipo de indivíduo e de sociabilidade, pois o sujeito deve estar liberto, solto, livre do poder disciplinar que lhe fora prescrito.

A entrevistada P2, em seu discurso, relata que *“[...] a música relaxa, expressa sentimentos, conduz as crianças nos movimentos e a faz interagir com o meio social.”* Segundo Brito (2003), deve-se estimular o movimento da criança, sem no entanto, estabelecer critérios de certo ou errado, de melhor ou pior. Enfatiza-se também a importância de se usar um espaço bem amplo, que permita que as crianças se locomovam e usem o corpo com liberdade, chamando a atenção para algumas qualidades de movimentos que podem ser realizados e, principalmente, valorizando-os como uma busca de integração com os gestos sonoros ouvidos. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), o trabalho

com a música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de entendimento acessível as crianças. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social.

No discurso da entrevistada P6, ela comenta que “[...] *com a música melhora a concentração, atenção, a linguagem, memória, expressão corporal, trabalha o equilíbrio, agilidade, emoção, sensibilidade, socialização, com a música podemos trabalhar a matemática.*”

Para realizar uma análise desta fala, pode-se evocar Ponso (2014), quando salienta que a música e a matemática sempre estiveram interligadas e possuem temas comuns às duas áreas, o que desperta a hipótese de que ao estudar uma das áreas se está aprimorando ambas. Na educação de crianças pequenas, muitas famílias procuram, na aula de música, estímulos para a formação de inteligências. Voltando um pouco na história, de acordo com Ponso, encontramos uma estreita relação da música com a matemática. Entre os filósofos gregos, a música era vista de duas formas. Uma delas concebia a música regida pelas leis matemáticas universais, como em Pitágoras, que acreditava no sistema de sons regidos pelas mesmas leis matemáticas que operavam na criação do universo. Já a outra vertente acreditava que o poder da música emanava da sua relação com o *ethos*, ou seja, os sentimentos. Em Platão, o propósito da música estava relacionado à educação da alma, aparecendo analogia entre as progressões musicais e os estados emocionais.

Para a entrevistada P4, o repertório musical no trabalho com as crianças maiores já vem de casa:

*[...] eles adoram trabalhar com as músicas de casa e então às vezes eles trazem até o cd pra eu colocar, como o da Marília Mendonça que eles adoram, então eu acabo trabalhando as músicas que eles trazem porque é uma vivência deles é uma realidade que eles têm em casa, e através da música a gente pode perceber que tipo de família a gente está trabalhando, se aquela criança escuta muito funk, porque ela fala tanto palavrão, aquela criança que já vem mais com a música raiz, o gaúcho, o sertanejo, a gente já sabe mais ou menos que tipo de família a gente está trabalhando, podendo estar corrigindo e trazendo a eles alguma novidade através da música.*

De acordo com Ponso (2014, p. 68) a música apresentada pela mídia é fundamental no debate em sala de aula. Não podemos fingir que ela não existe, pois aparece nos comerciais, é ouvida nas principais rádios, no toque do telefone, no programa musical de televisão. Discutir o gosto musical dos alunos é enriquecedor, valoriza a diversidade e a cultura de cada família.

Quando o gosto dos alunos é muito semelhante, podemos questionar junto a eles próprios o porquê disso estar acontecendo. É importante que existam músicas que todos conheçam. Saber as mesmas canções permite a socialização do grupo, o prazer de cantar em conjunto com os colegas, saber a mesma coreografia. Contudo, o professor não pode cantar só as músicas da mídia sem trabalhar com a criança, mesmo que seja na educação infantil, o que essas músicas querem dizer, ou o que representam, seus contextos.

Acredita-se, segundo Ponso,, que para trabalhar com educação musical, deve-se ouvir variados tipos e entender que qualquer música pode servir como material de trabalho. Quando os alunos trazem seu CD para a sala de aula, demonstram confiança nos seus pares. Eles querem compartilhar algo de que gostam, com seus amigos. Negar-lhes esse espaço seria levantar um muro de separação entre o que se faz na aula e o que os alunos ouvem fora dela.

No discurso da P5 há referência sobre importante recurso de práticas de liberdade e musicalização. A professora fala sobre a bandinha rítmica confeccionada de material reciclado comentando: “[...] sempre confecciono para ter na sala, tem o cantinho que fica lá e a gente utiliza em vários momentos, com material reciclado sempre, sem material reciclado não tem condições de fazer.”

Para Brito (2003), a atividade de construção de instrumentos será mais rica e significativa se estabelecer relações com a história dos instrumentos musicais e seu papel no decorrer do tempo, nas diferentes culturas. Para tanto, é importante mostrar livros sobre o tema, instrumentos étnicos, regionais, escutar gravações diversas e, se possível, entrar em contato com instrumentistas, com artesãos da comunidade.

Ao construir instrumentos musicais, as crianças refazem, à sua maneira, o caminho traçado por nós, na busca de meios para o exercício da expressão musical, ao mesmo tempo em que transcendem esse caminho por meio da invenção de novas possibilidades.

Ainda de acordo com Brito, além dos conteúdos situados no domínio específico da linguagem musical, a atividade da construção de instrumentos dialoga com outros eixos de trabalho: a reciclagem de materiais, por exemplo, remete a conteúdos ligados à educação ambiental, às relações entre natureza e sociedade, eixo presente no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Da mesma forma, refletindo sobre a transformação de materiais, sobre a evolução dos instrumentos musicais no tempo, sobre a coexistência de possibilidades diversas (instrumentos típicos de cada povo, cada lugar, cada época.) que visam a um mesmo fim, ou seja, fazer música, refletimos também sobre a pluralidade cultural

existente, desenvolvendo nas crianças atitudes de respeito e reconhecimento em relação à diversidade.

A entrevistada P2 na sua fala comenta: “[...] *tenho uma bandinha com materiais reciclados que trabalho vários anos com as crianças, mas procuro um ou outro instrumento fazer durante o ano com eles*”. Segundo Brito (2003), num ambiente de permanente interação, de troca de informações, as crianças não só constroem instrumentos como também ampliam conhecimentos que transcendem a linguagem musical, integrando diversas áreas.

Tudo isso justifica a importância desse trabalho, que não deve, de maneira alguma, ser encarado apenas como alternativa à carência de instrumentos musicais na escola. Mesmo naqueles contextos em que é possível contar com materiais prontos, de boa qualidade, que obviamente não devem ser descartados, convém incluir a atividade de construção de instrumentos, por todos os motivos já apresentados neste contexto.

A entrevistada P1, em seu discurso, descreve que “[...] *a música acalma e encanta, muitas melodias são passadas a outras gerações para que hoje façamos um resgate das mesmas*”. Trazendo aqui o pensamento de Foucault (2009) em relação à música, podemos considerar que a música esteve presente nos ritos sociais, promovendo, assim, a cultura passada de geração a geração. Ainda, para Foucault não se pode falar de uma relação da cultura contemporânea com a música, mas de uma tolerância, mais ou menos benevolente, em vista de uma pluralidade de músicas. A cada uma se dá o direito à existência; e esse direito é percebido como uma igualdade de valor. Cada uma vale tanto quanto o grupo que a pratica ou a reconhece. Neste relato da P1, há a assertiva de que a música acalma. Precisa-se ter cuidado, pois este acalmar pode ser uma armadilha. Deixar a criança calma pode significar não fomentar a criatividade, não dar espaço a ela para ter iniciativa, impedindo-a assim de sentir-se livre e ativa.

De acordo com o discurso da P2 e da P5, a música faz parte da rotina no dia a dia da educação infantil, como também na hora da novidade, rodas de leitura, e como ferramenta na alfabetização. Partindo deste contexto, Brito (2003) argumenta que cantar mecanicamente, todo o tempo e a toda a hora, não significa, necessariamente, fazer música. Assim, vale a pena refletir sobre um aspecto fundamental, que diz respeito ao uso da música na educação infantil como forma de marcar a rotina ou estabelecer a ordem: canto na hora da entrada, na hora do lanche, na hora de lavar as mãos, na hora da saída etc. O que acontece muitas vezes é que o cantar da rotina torna-se monótono, cansativo e pouco musical.

Portanto o perfil deste educador é autoritário, pois prefere estabelecer a ordem e disciplina à ter que inovar, estudar, ler, o que com certeza lhe dará mais trabalho e esforço. Este profissional prioriza o cuidado físico da criança — naturalmente. Todavia, muitas vezes, deixa para último plano a produção do conhecimento que lhe compete trabalhar com o educando. O perfil idealizado do professor para a instituição escolar é aquele que domina a turma, impõe a ordem, sendo o veneno, o símbolo da disciplina nas nossas instituições, impedindo a criança de criar, de ter ideia do que é diferente, de experimentar novos conhecimentos.

Na fala da entrevistada P1 ela relata que *“[...] de maneira lúdica, utilizando fantoches e personagens dentro do tema proposto, formamos uma roda para cantar e resgatar as cantigas de roda. Em outros momentos, com os alunos sentados, cantamos, exploramos e conhecemos novos sons”*.

No Documento de Música do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (vol. 3, 1998, p. 71), ao valorizar a presença dos brinquedos musicais no cotidiano da educação infantil, preconiza-se que:

[...] em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo e musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são legítimas expressões da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc, são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo.

Os jogos e brinquedos musicais da cultura infantil incluem acalantos (cantigas de ninar); as parlendas (os brincos, as mnemônicas e as parlendas propriamente ditas); as rondas (canções de roda); as adivinhas; os contos; os romances, etc.

Conforme as palavras da entrevistada P1, a própria música é a razão de se trabalhar musicalização na educação infantil, posto a motivação partir, essencialmente, do ato de ouvir: *“[...] a música, a sonoridade, os ritmos despertam na criança o gosto e o prazer em ouvi-las. Já realizei vários projetos com a música trabalhando cantigas de roda, com o nome da criança e percebendo junto com eles, a melodia, os ritmos e o som”*. Para Alfredo Veiga Netto (2017, p. 52), *“[...] a música é a junção de sonoridades, alturas, intensidades, harmonias, cadências, timbres, ritmos e afinações...”* Estes elementos permitem pensar a música como linguagens, permitindo, também, associá-la à função poética e não reduzindo-se à sua função social.

Para Brito (2003), o trabalho com a música ainda hoje é usado para a aquisição de conhecimentos gerais, ficando para depois a criatividade, a exploração corporal, a expressão vocal a escuta e o pensar tão importantes para o trabalho da música.

As entrevistadas P2 e P3, ao responderem como trabalham a música com as crianças tímidas que não querem participar, relataram em seus discursos que geralmente as deixam livres, até que alguma canção chame sua atenção ou que algum amiguinho consiga trazê-lo para a música, para a brincadeira, procurando incentivar sem forçar.

Sobre esse assunto, é pertinente citar Dal Bosco (2010, p. 76), quando afirma que “[...] querer transformar integralmente uma pessoa significa descaracterizá-la”. Pois ocupar-se consigo mesmo assume uma postura de reconhecimento e respeito às características de cada ser humano.

No discurso da P7 ela comenta que “[...] *é importante que a criança tímida sinta-se acolhida pela professora*”. De acordo com Foucault (2001 b, p. 58) “o mestre é aquele que cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo e que encontra, no amor que tem pelo seu discípulo, a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio”. Trata-se ainda, segundo Foucault, de um movimento em que o educador torna-se um intercessor para o educando. Este, por sua vez, um intercessor para o educador. Segundo Carvalho (2014), a posição do mestre deve ser solidária às forças de relação com seus alunos, pois elas são capazes de transformar todo jogo preestabelecido nos domínios e intentos da formação.

Este acolhimento e carinho no discurso da P7 não deve estender-se só à criança tímida e sim a todas que fazem parte da turma, pois todas precisam serem tratadas com amor e carinho, o que não quer dizer que é disciplinarizar para ter este acolhimento.

Ao ser entrevistada sobre como trabalha com as crianças tímidas, a P7 contou: “[...] *geralmente deixo livre até que ele sinta vontade de integrar-se ao grupo, geralmente isso acontece quando estamos no auge da bagunça, aí ele se sente a vontade e interage com os demais*”. Para esta entrevistada, fica claro que o que ela chama de bagunça é o atrativo e liberdade para a criança, é o que a criança gosta e, por isso, sente-se atraída nesta hora e participa. No momento que o educador sai da rotina e proporciona momentos prazerosos, o educando se sente chamado a integrar-se ao grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi um longo caminho percorrido desde a construção do projeto até a concretização desta dissertação. Pode-se dizer que encontramos muitos desafios, indagações e buscas por soluções. Muitas destas discussões e debates só foram possíveis por meio do Grupo de Estudos e Pesquisas de Filosofia da Serra Catarinense e com a orientadora Dr. Carmen Lucia Fornari Diez. Nestes encontros, muitos estudos foram realizados sobre o filósofo Michel Foucault, permitindo um espaço de aprendizagem. É importante destacar ainda que, com as disciplinas do mestrado, tanto o projeto como a construção dos capítulos foram se fundamentando, com base nos temas trabalhados.

Desta maneira, compartilhamos nossas conquistas obtidas por meio das questões norteadoras da pesquisa, que teve como objeto de investigação a constituição das práticas pedagógicas da Educação Infantil Pública do município de Lages (SC).

Para finalizar estas análises das práticas pedagógicas musicais, buscamos vários autores para, a partir dos dados, refletir. Com os questionários aplicados e as entrevistas, obtivemos muitas informações relevantes, o que nos permitiu fortalecer a pesquisa.

Portanto, foi necessário à pesquisadora coletar os dados com muito cuidado, sem deixar para trás detalhes que são importantes para a sistematização dos mesmos.

Na pesquisa destacamos, em um primeiro momento, a concepção de infância e a legislação sobre a infância existente no Brasil. Neste contexto, buscamos autores como Ariès (1978), Rousseau (1995), Kant (2012), Del Priore (2000) e autores outros que refletem sobre esta temática.

Em um segundo momento procuramos escrever a história da música brasileira, a definição de música e a música na educação infantil, trazendo as obras de autores como Brito (2003), Delalande (1984), Ponso (2014), Koellreutter (1987), Fuks (2007), Souza (2007), Foucault (2014).

Num terceiro momento buscamos historiar o espaço foucaultiano sobre a música, a arte e a formação humana, trabalhando também os diversos âmbitos do cuidado de si, fundamentado em autores como Foucault (2007, 2014), Giacóia (2018), Dal Bosco (2010), Gallo (2006), Triki (2004) e demais autores que problematizam este tema.

No quarto momento, construímos o último capítulo: um olhar sobre o solo mais próximo da música na educação infantil. Por meio da Pesquisa Empírica, identificamos o

trabalho dos professores com a música, por meio dos questionários e entrevistas realizados no Ceim pesquisado. Destacando a visão dos sujeitos sobre a música e sua importância na sala de aula.

Muitas reflexões surgiram por meio das análises. Todavia, não houve a intenção de instituir juízos de valor. Antes, o que se pretendeu foi contribuir para reflexões acerca da musicalidade na escola de educação infantil.

É reconhecido que o trabalho das profissionais da educação infantil é de flagrante qualidade. No entanto, por muitas vezes, suas práticas são abafadas com o cuidado físico que exige o trabalho com a criança. Isso gera uma acomodação intelectual própria da educação infantil, já que a criança não é instigada por parte do professor. Este não faz leituras, não percebe necessidade. Vinculado a isso, ainda, está o seu desejo de ordem e disciplina para que, aparentemente, esteja tudo bem sem existir desordem. Percebe-se dificuldade para expressar-se oralmente, colocar suas ideias, falta de articulação de teoria com a prática. Seria falta de leitura? Falta de discussões, debates? Há muito por se fazer nesta área da educação infantil.

Destaca-se, a partir da observação, a relação do pessoal dos serviços gerais com os professores. O professor que é dedicado e quer fazer um trabalho diferenciado com suas crianças é rotulado de bagunceiro, que só faz sujeira, sendo visto com maus olhos perante a instituição escolar. Poderia ser trabalhado com tais profissionais sobre as práticas que se fazem necessárias na educação infantil como forma de quebrar a rotina e, mais que isso, como forma de trabalhar o cuidado de si, como prática de liberdade.

Neste meio educacional o profissional que domina a turma, mantêm a ordem e a limpeza do ambiente é o profissional mais valorizado para esta comunidade, servindo de exemplo para os demais.

Este trabalho possibilitou um estudo sobre a música e a importância para a construção de pessoas inteligentes e equilibradas. A alfabetização na música, assim como nas letras, é de grande importância para o ser humano. É essencial para estimular a concentração, a audição, emoção, sensibilidade, matemática e pensamento lógico, movimento corporal, pois a música transforma, ela faz parte da alma humana.

Ainda, evidencia-se necessário mostrar à criança estilos variados musicais, porque é na diversidade musical que ela escolherá seu estilo. Com a música podemos contribuir para a formação da cidadania e a estruturação do pensamento. É correto mostrar que existem músicas tristes, alegres, sensuais, selvagens: músicas para todas as horas.

A música na educação infantil é uma motivação para as crianças, podendo deixar o ambiente leve, atrativo e alegre. A musicalidade permite, entre outras coisas, que ela desenvolva seu vocabulário, auxiliando no processo da escrita e da leitura. O contato com a música permite ainda o desenvolvimento da autoestima e a integração. Segundo Karnal (2018) “[...] um pai, uma mãe ou um educador dedicando tempo a uma criança será uma lição inesquecível...”, é isso que a música proporciona: convivência, alegria, emoção e união entre as pessoas.

Encerrando esse ciclo, abrindo o precedente para que outros sigam a partir daqui, é importante refletir sobre o pensamento de Nachmanovitch, “a criança é um ser que encanta”. Ela, por si só, é lúdica. A todo o momento cria fantasias e vive papéis de acordo com sua imaginação. Seu corpo fala, expressa, vivencia experiências e sonha, sonha muito. Ela é pura, inocente, fascinante, ela é um ser que exala sensações, saberes e curiosidade.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Trad. Dora Flaksman.

Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por Amor & Por Força**. Tese de Doutorado em Educação. In: <http://unicamp,2000>. Download em 10.11.2017.

BELEI, R. A.; GIMENEZ-PASCOAL, S. R.; NASCIMENTO, E. N.; MATSUMOTO, P.H.V. O Uso de Entrevista, Observação e vídeo gravação em Pesquisa Qualitativa. Disponível em:

<https://periódicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1770>. Acesso em 20.09.2017.

BEYER, Esther. **O formal e o informal na educação musical**. Anais do IV- Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música. LAGES: SIMPAM, 2000.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. In: <http://bd.camara.gov.br>. 9ª edição. Download em 15 maio 2017.

\_\_\_\_\_, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações Subsecretarias de Edições Técnicas. Senador Ramez Tebet. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998a,v.1.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998b,v.3.

BRITES, Olga. **Imagens da Infância**: Tese de doutorado em educação. PUC-SP,1999.

BRITO, Teca de Alencar de. **Cenas Infantis: a música das crianças**: um projeto de musicalização. Anais...Londrina, julho,1995.

\_\_\_\_\_, Teca de Alencar de. **Música na educação infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis,2ªed.,2003.

BUJES, Maria Isabel. Tese, **Infância e Maquinaria**. Educação em Revista. Belo Horizonte, dez.2008. In: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n48/a06n48>. Download em 13.11.2017.

CAMPOS, M.M., ROSEMBERG. F.; CAVASIN, S. A Expansão da rede de creches no município de São Paulo durante a década de 70. São Paulo:FFC, 2013

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Muller Xavier. Belorizonte: Autêntica editora, 2009.

- DALBOSCO, C. A. (2009). **Por uma filosofia da educação transformada**. In: Reunião Anual da ANPED, 32 (pp. 1-17). Caxambu/MG. Recuperado em outubro de 2013, de <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/6717-5336-Inpdf> Download em 27.05.2018.
- DANNA, M. F., MATOS, M. A. **Aprendendo a Observar**. São Paulo: Edicon, 2006.
- DELALANDE, F. *La musique est un jeu d'enfant*. Paris: Éditions Buchet/CHASTEL, 1984.
- DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Geral, 1980.
- FLACH, Simone de Fátima. **Revista, Direito à Educação e Obrigatoriedade Escolar no Brasil: Entre a previsão legal e a realidade**. Campinas, 2011. In: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639943>.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 29ªed. Petrópolis:Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_, Michel. **Estética, literatura e pintura, música e cinema**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta, tradução, Inês Antran Dourado Barbosa – 2.ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.
- \_\_\_\_\_, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado.25.ed. São Paulo:Graal,2012.
- \_\_\_\_\_,Michel. **História da Sexualidade III. O cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_,Michel. **Michel Foucault e as insurreições. É inútil revoltar-se?**. Organizadores Margareth Rago e Silvio Gallo. Fapesp. Campinas: 2014.
- FREITAS, Marcos Cezar de. **História Social da Infância no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FUKS, Rosa. **A educação musical da Era de Vargas: seus precursores**. In: OLIVEIRA, A.; CAJAZEIRA, R. (org.) Educação Musical no Brasil. Salvador: P&A, 2007.
- GALLO, S. **Cuidar de si e cuidar do outro**. In: W. O. Kohan, & J. Gondra. Foucault 80 anos (pp.177-190). Belo Horizonte: Autêntica. 2006.
- GARCIA, Emerson. **O direito à Educação e suas perspectivas de efetividade**. Disponível em:<http://sid.acaoeducativa.org.br/portal/imagens/stories/geral/13odireitodaeducacaoesuasperspectivasdeefetividade.pdf>. Download em 02.11.2017.

- GIACÓIA, Jr. Oswaldo. Quem somos Nós? Michel Foucault. In: <https://www.youtube.com/watch?v=5XcxVHo4ozc>. Download em 07.03.2018.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo. V.35, n.3, p.20-29. Mai/Jun.
- GOMES, Sérgio Alves. **O princípio constitucional da dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à educação**. Disponível em: [www.fagundes Cunha.org.br/amapar/revista/.../sergio\\_principio.doc](http://www.fagundes Cunha.org.br/amapar/revista/.../sergio_principio.doc). Download em 10.11.2017.
- HENICK, Angélica Cristina; FARIA, Paula Maria Ferreira de. **História da Infância no Brasil**. Anais PUCCPR 2015. Disponível em: <<http://educere.bruc.br/arquivo/pdf2015/191318679.pdf>> Download em 04.11.2017.
- HISTORIA, CSD. **A Roda**. In: [historiacsd.blogspot.com/2012/10/orfaos-no-brasil-colonia.html](http://historiacsd.blogspot.com/2012/10/orfaos-no-brasil-colonia.html). download em junho 2017.
- HORTA, José Silvio Baia. Direito à educação e obrigatoriedade escolar. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicações/cp/arquivos/158.pdf>> Download em 07.11.2017.
- KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2012.
- KARNAL, Leandro. **O Mundo Como Eu Vejo**. São Paulo: Contexto. 2018.
- MARTINS, Vicente. **Educação na Constituição de 1998**. O artigo 205. Disponível em [www.mpg.br/portalweb/hp/10/docs/constituicoefederalde1998](http://www.mpg.br/portalweb/hp/10/docs/constituicoefederalde1998). Download em 09.11.2017.
- PROJETO PHRONESIS. Las meninas. Disponível em <https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-as-palavras-e-as-coisas-digitalizado.pdf>. Download em 02.11.2018
- MAZZOLA, Renan Belmont. A Arqueologia do Visível. Disponível em: <http://books.scielo.org/staff/bosk/id/bywgd/attachs/9788579836718.epub>. Download em:12.11.2017.
- MORAES, J. Jota de. **O que é música**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- NACHMANOVITCH. Brincar. in RICHTER. ICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandes. Educar e cuidar do corpo: biopolítica no atendimento à pequena infância. **Educação em Revista**, v. 26, n. 2, . 2005.
- NETO, João Clemente de Souza. **História da Criança e do Adolescente no Brasil**. Revista Unifeo, revista semestral do Centro Universitário FIEO-ano2, nº3,200.
- OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PAGNI, P. A. **O cuidado de si em Foucault e as possibilidades na educação: algumas considerações.** In L. A. Souza. T. T. Sabatine, & B.R. Magalhães ( Orgs ) Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. (pp. 19-46). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.** Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639943>. Download em: 21.11.2017.

PRIORI, Mary Del. **História da criança no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 1999.

RAHME, Claudinha, **História da música brasileira.** Disponível em:

[www.gazetadebeirute.com/2012/história-da-música-brasileira.html](http://www.gazetadebeirute.com/2012/história-da-música-brasileira.html). Download em 08.03.2018.

REZENDE, Elson Naves. **A importância dos jogos, brinquedos, brincadeiras e a psicomotricidade para a Educação Musical.** In: XV ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2006. João Pessoa, 2006. Anais...João Pessoa, 2006.p.90-5.

RIZINNI, Irene; FRANCISCO, Pilotti. A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil.- 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, **Emílio ou da Educação.** Tradução Sérgio Milliet. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SCHROEDER, Silvia. **Brincando com a Música: uma proposta para a formação e atuação musical de pré-escola e séries iniciais do ensino fundamental.** In: XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA, 2007. Campo Grande, MS. Anais...Campo Grande, MS: ABEM, 2007.p.01-09.

SOUZA, J. A Educação musical no Brasil dos anos 1930-1945. In: OLIVEIRA, A.; CAJAZEIRA, R. ( org.) Educação musical no Brasil. Salvador: P&A, 2007.

TERRA BRASILEIRA. **Jesuítas ensinando. In:** <http://www.terrabrasileira.com.br/indigena/contatos/117missao.html>. Download em julho de 2018.

TORRES, Maria Cecília de A. Rodrigues. Educação musical no curso de graduação em Pedagogia-Univates(RS). **Revista Expressão** ( Revista do Centro de Artes e Letras), Santa Maria, v.1, n2,p.135-138,1998.

**A RODA.** In; História, CSD, [s.p.], 2017.

**JESUÍTAS ENSINANDO.** in: Terra Brasileira, [s.p.], 2018.

**MICHEL FOUCAULT.** in: Fonte: Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/5-frases-de-michel-foucault/> Acesso em: 20. Out. 2018.

**“LAS MENINAS” DE VELASQUEZ.** In: PROJETO PHRONESIS, [s.p.], 2018.

**ESQUEMA DE POSTURA CORPORAL DA ESCOLA FRANCESA DE PORT-MAHON DO SÉCULO XIX: TRIUNFO DA DISCIPLINA.** *In:* FOUCAULT, 2014, p. 135,

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1522/michel-foucault-um-critico-da-instituicao-escolar>. Acesso em 15. Nov. 2018.

**MÁQUINA A VAPOR PARA A RÁPIDA CORREÇÃO DAS MENINAS E MENINOS.**

*In:* FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Disponível em: <http://badameco.blogs.sapo.pt/vigiar-e-punir-michel-foucault-225171>. Acesso em 12. Out.2017.

**A ORTOPEDIA OU A ARTE DE PREVENIR E CORRIGIR, NAS CRIANÇAS, AS DEFORMIDADES DO CORPO.** *In:* FOUCAULT, 2014, p. 1749

## ANEXOS

### ANEXO I— TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado a participar em uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável pela pesquisa. Obrigado(a) pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, ( \_\_\_\_\_ ), residente ( \_\_\_\_\_ )  
portador

da Carteira de Identidade, ( \_\_\_\_\_ ), nascido(a) em ( \_\_\_\_\_ ),  
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário da pesquisa  
(Contribuições da música no processo de aprendizagem da educação infantil )

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1. O estudo se refere a análise da prática pedagógica da professora que atua na educação infantil .

2. A pesquisa é importante de ser realizada porque tem como objetivo discutir como a música contribui para a formação integral da criança, abordar a história da educação infantil no Brasil, bem como suas políticas públicas e observar como o gosto musical e preferências são despertados na criança, como são trabalhados pelas professoras da educação infantil em um CEIM de Lages.

3. Participarão da pesquisa professoras da educação infantil de um CEIM da rede municipal de Lages/SC.

4. Para conseguir os resultados desejados, a pesquisa será realizada nas dependências de uma Escola de Educação Infantil de Lages no momento da hora atividade, nos horários e locais em serem combinados com todos os participantes.

5. Os participantes deste estudo deverão: (a) ser educador na escola selecionada (b) ser adulto e atuar na educação infantil (c) atuar no mínimo um ano na instituição

6. Serão convidados a participarem desta pesquisa 5 educadoras da rede municipal de Lages que atuam na educação infantil.

7. O participante terá liberdade em não participar ou interromper a sua colaboração com este estudo se assim o desejar, sem necessidade de justificar-se ou fornecer explicações. Sua desistência não acarretará prejuízos ou constrangimentos.

8. Toda pesquisa envolve riscos e constrangimentos e, neste caso é uma pesquisa qualitativa com realização de observação participante em sala de aula e, posteriormente entrevista semiestruturada com professoras que atuam na educação infantil. Caso, a professora se sinta intimidada durante a observação ou no momento da entrevista, a mesma será encaminhada para o Setor de Psicologia da UNIPLAC (serviço gratuito) para receber tratamento psicológico e amenizar os efeitos do possível constrangimento ou mal-estar provocado pela pesquisa. Enfatizamos que este tema não é uma questão que afeta diretamente a subjetividade das pessoas envolvidas, mas implica numa reflexão sobre a prática pedagógica da professora.

9. As informações obtidas a partir deste estudo serão mantidas em sigilo, e em caso de divulgação dos resultados ou publicações científicas, os dados pessoais não serão mencionados, sendo identificados apenas por codinomes ou iniciais. A entrevista será gravada em áudio.

10. Se, no transcorrer da pesquisa, eu tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar posso procurar o (a) Regina Bazi Pinheiro.

11. Ou no endereço Av. Marechal Castelo Branco, 170 - Universitário, Lages SC, 88509-900.

12. Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa. Estarão disponíveis na UNIPLAC – CCJ.

13. Tenho a liberdade de não participar ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo a minha saúde ou bem estar físico. As informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e; em caso de divulgação em publicações científicas, os meus dados pessoais não serão mencionados.

DECLARO, outros sim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar (ou que meu

dependente legal participe) desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Lages, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Responsável pelo projeto: Regina Bazi Pinheiro

Endereço para contato: Rua Selma Neves Martins N° 155. Guarujá

Telefone para contato (49) 999902322

E-mail: reginabazip@gmail.com

CEP UNIPLAC

Endereço: Av. Castelo Branco, 170 – Bloco I - Sala 1226.

Bairro Universitário

Cep: 88.509-900, Lages-SC

(49) 3251-1086

Email: cep@uniplaclages.edu.br e cepuniplac@gmail.com

ANEXO II — DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES  
ENVOLVIDAS

Lages/SC, 30 de novembro de 2017

Com objetivo de atender às exigências para obtenção do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – UNIPLAC, os representantes legais das instituições envolvidos no projeto intitulado “CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.” declaram estarem cientes e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que na execução do referido projeto de pesquisa serão cumpridos os termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Responsável pela Instituição Proponente

---

Assinatura do Responsável da Instituição Co-Participante

## ANEXO III — DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Regina Bazi Pinheiro Pesquisador Responsável do Projeto de Pesquisa “CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.” declaro o meu compromisso em anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, assegurando a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (Resolução 466/12 - CNS).

Lages/SC 30 de novembro de 2017.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

## ANEXO III — QUESTIONÁRIO

1- Quanto tempo você atua como professor?

---

---

---

2- O que o levou a tornar-se professor?

---

---

---

3- O que você considera imprescindível à personalidade de um bom professor?

---

---

---

4- Que saberes você considera que sejam necessários à prática de um professor na educação infantil?

---

---

---

---

5- Em que momentos da sua prática acontecem a ludicidade com a criança?

---

---

---

---

6- Quais metodologias de ensino você utiliza com as crianças?

---

---

---

7- Na sua sala tem bandinha musical? Foi confeccionada pelas crianças?

---

---

---

---

8- Seus alunos gostam de música? Eles participam da hora musical?

---

---

---

9- Com que frequência você canta com seus alunos?

- Sempre, esse é um momento de ludicidade e aprendizagem.
- Frequentemente, este é um momento de descontração e expressão.
- Às vezes, nem sempre é possível cantar.
- Raramente, é muito difícil mantê-los atentos e participantes.

10- Geralmente, com quais objetivos você canta com seus alunos? Numere de 1 a 8 por ordem de prioridade, onde 1 é o principal objetivo, e 8 é a meta menos importante.

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Recrear                    | <input type="checkbox"/> Desenvolver as habilidades de convívio social |
| <input type="checkbox"/> Acalmar                    | <input type="checkbox"/> Desenvolver o gosto pela música               |
| <input type="checkbox"/> Desenvolver a Criatividade | <input type="checkbox"/> Desenvolver a Expressão oral e corporal       |
| <input type="checkbox"/> Estimular a concentração   | <input type="checkbox"/> Desenvolver Habilidades de linguagens         |

## ANEXO IV — ROTEIRO DA ENTREVISTA

O roteiro da entrevista busca compreensões dos objetivos da pesquisa:

Para o objetivo geral (discutir como a música influencia na formação integral da criança na educação infantil) construímos o seguinte roteiro

Perguntas:

1. Você já leu ou ouviu sobre a temática da contribuição da música no processo de formação integral nos cursos de formação?

2. Você considera importante entender deste tema como fundamento na sua prática pedagógica. Explique.

4.2 Para os objetivos específicos:

a) Descrever o que é a música e como ela contribui para a formação integral da criança na educação infantil.

Perguntas: Em sua opinião, como a música contribui para a formação integral da criança?

4. Seu repertório musical é variado?

b) Abordar a história da infância, da educação infantil e as políticas públicas.

Perguntas:

5. Você conhece as políticas públicas da educação infantil no Brasil?

6. Seu planejamento contempla a música? Justifique.

c) Observar como o gosto musical e preferências são despertados na criança e como são trabalhadas.

Perguntas:

7. Como você trabalha a música em sua sala?

8. Quais as preferências musicais das crianças?

9. Você utiliza alguma tecnologia para fomentar o gosto pela música? Explique.

10. Como você trabalha a música com as crianças tímidas que não querem participar das atividades?